

Por causa do comunicado conjunto com a Polisário

Freitas do Amaral contra Balsemão

Subitamente, e com os pescadores do «Rio Vouga» já entregues às suas tarefas após a libertação no Sara Ocidental, o conflito que opôs o Governo português à Frente Polisário projecta-se para o interior do próprio Executivo de Sá Carneiro. Despontam uma certa tensão entre o ministro dos Estrangeiros e a Comissão de Relações Internacionais do PSD, de que é presidente Pinto Balsemão e para agravar as coisas, o PSD

decidiu enviar Carlos Macedo à República Árabe Saraui Democrática (RASD) já em Outubro.

Segundo notícias hoje mesmo conhecidas Freitas do Amaral tem-se recusado a receber o delegado do Governo ao Sara, Luis Fontoura, enquanto vai ampliando a suspeição que sobre ele lançara logo no dia da assinatura do comunicado conjunto com a Frente Polisário. Ainda ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros reincidiu

neste comportamento ao enviar ao seu homólogo marroquino, Mohamed Boucetta, nova mensagem insistindo no facto de a posição de Portugal não ter sofrido alteração em relação ao Sara Ocidental» o que é manifestamente falso, conhecidos os termos do comunicado conjunto.

Amaral assegura que «Portugal não reconheceu nem a pretensa RASD nem as suas estruturas governamentais». E se é certo que o problema do reco-

nhecimento da RASD como estado independente nunca se pôs, nem pela Frente Polisário, também é certo que Portugal mudou mesmo de posição, reconhecendo a Frente Polisário como único e legítimo representante do povo saraui e manifestando preocupação pela «ocupação militar marroquina dos territórios da RASD». E estes são factos novos, significativos

Continua na pág. 28



Caso Ralis:

Dez anos para cada um

Os soldados Firmino Duarte e Paulino Rodrigues (da esquerda para a direita, nas fotos) dois dos três réus do «caso Ralis», foram ontem à tarde condenados em Santa Clara nas pesadas penas de dez anos de prisão maior, num acórdão considerado pelos seus advogados (que já interpuzeram recurso para o STM) como «extremamente gravoso». Para o terceiro réu (Manuel dos Santos), a pena foi de dois anos de prisão correcional.

Pág. 10

«Tollan» regressa hoje à posição normal de flutuação?

A barça holandesa que está no Tejo a tentar fazer regressar o «Tollan» à sua posição normal de flutuação fará ao fim

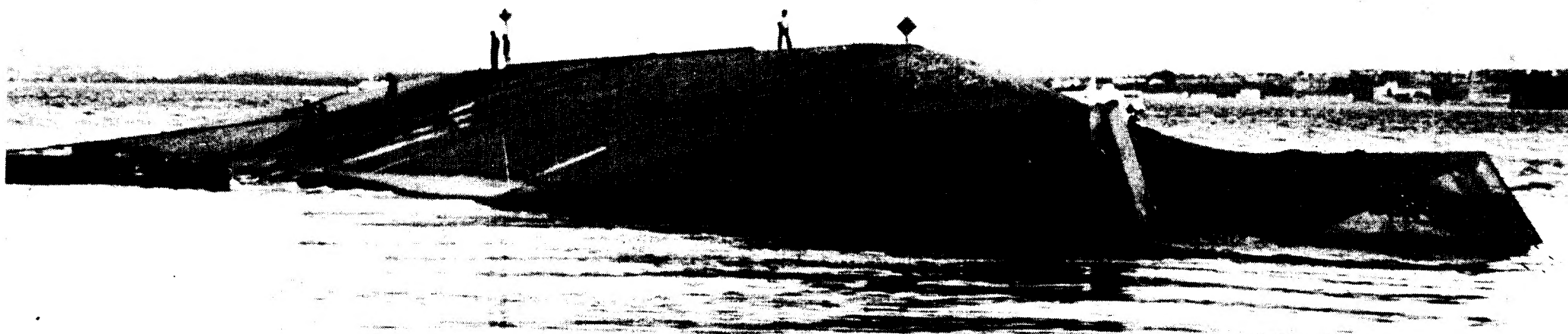
da tarde de hoje, cerca das 20 horas, quando a maré estiver mais alta, o seu «maior esforço». Cabos que ligam o «Tollan» a

terra, entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, fazem parte dos artefactos especialmente concebidos para apoiar a operação.

Se o esforço fôr bem sucedido, Lisboa perderá assim aquilo que quase já se tinha transformado num dos seus mais pitorescos

monumentos. Recordamos que o «Tollan» naufragou a 16 de Fevereiro deste ano diante da doca do Jardim do Tacabo, e que ne-

nhuma tentativa «séria» foi feita para encontrar os três cadáveres que provavelmente ainda hoje guarda



Traficantes de haxixe esperam julgamento

Os holandeses Lomans, Friederich Doorninck, e o dinamarquês Scotwot (na «foto» da esquerda para a direita), quando ontem à tarde davam entrada no Tribunal de Cascais, cujo juiz lhes manteve a prisão. Os três homens, que agora ficarão a aguardar julgamento às ordens do foro judicial, foram detidos na última terça-feira, conforme notícias, por uma brigada do Centro de Investigação e Controlo de Drogas, ao largo de Cascais, a bordo de um iate em que transportavam setecentos quilos de haxixe no valor aproximado de cerca de cem mil contos. De acordo com a decisão do Tribunal de Cascais, o destino do iate e do haxixe só serão decididos oficialmente após o julgamento dos arguidos, sendo, no entanto, quase certo que o «Laymoor» será declarado «presa a favor do Estado», e consequentemente, vendido em hasta pública. Quanto à droga, confirma-se que deverá ser incinerada no forno da Escola Superior de Medicina Vertinária.

Até lá o produto apreendido ficará armazenado na casa-forte do CICD.



Spinolista provoca

Conselho da Revolução

No próprio dia em que o Conselho da Revolução recordava aos militares a obrigação de manterem publicamente a sua estrita neutralidade política, o coronel Nuno Bivar, spinolista preso no 11 de Março por implicação no golpe, acusou em cerimónia militar os responsáveis pelo processo de descolonização de serem «vendilhões de pátrias». Espera-se que o general Pedro Cardoso, que apro-

vou com os outros chefes de Estado-Maior o comunicado do CR, que garantia aos portugueses a neutralidade das Forças Armadas na vida política, adopte em relação a este, e outros oficiais, medidas disciplinares pelo menos semelhantes às utilizadas contra os militares de esquerda, ou simplesmente democratas, impiedosamente perseguidos depois do 25 de Novembro.

Pág. 28

curso DL curso DL

Envie já
as suas colecções

curso DL curso DL

MEMÓRIAS DO CINEMA

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30 h

(Não acons. men. 18 anos)

SALA 1: Uma Lição de Amor
Real. Ingmar Bergman

SALA 1: Alfredo, Alfredo
Real. Pietro Germi

SALA 2: Alamedas da Noite
Real. Michael Pressman

SALA 2: Os 39 Degraus Real.
Don Sharp

SALA 3: Alfredo, Alfredo
Real. Pietro Germi

SALA 3: A Noite do Pecado
Real. James Ivory

SALA 4: Um Verão em Okinawa
Real. Nagisa Oshima

SALA 4: Alamedas da Noite
Real. Michael Pressman

Onde pode comprar nas férias



PRAIAS DO OESTE

- **PRAIA DAS MAÇÃS** Liv. MAKI
Quiosque Manuel Fernandes
- **ERICEIRA** Tab. Palhas
Tab. OVNI
- **SANTA CRUZ**
Tab. Romana
- **VIMEIRO** João Ferraz
- **AREIA BRANCA** Karr four Onda
- **CONSOLAÇÃO** Café Mar e Sol
- **S. BERNARDINO** Café Bastos
- **PENICHE** Tab. Arco Iris
Mário Sá Bandeira
- **BUARCOS** Papelaria Satélite
- **FIGUEIRA DA FOZ** Quiosque Stop
Tab. Africana Quiosque 8 de Maio
Pap. Central Café Nisa
Café Remo Liv. «O Livro»
Tab. AC Pap. Pessoa
- **MONTE REAL** Anibal Pereira
- **PEDRÓGÃO** David Sousa
- **S. PEDRO DE MUEL** Rosa da Silva Carvalho
(frente à igreja)
Café Cental
- **NAZARÉ** Batista Vieira
- **S. MARTINHO DO PORTO** Café Rosa
- **MIRA** Quiosque Luís Ferreira Grosso
Liv. Académica

**Aceitam-se assinaturas de férias
pelo período de 10 dias, ao preço de
12\$50 por exemplar**

**Pagamento antecipado através de
cheque ou vale de correlo**

Remete para «Diário de Lisboa» - Assinaturas
R. Castilho, 185-1.
1200 LISBOA

Conferência aprova recomendações com vista à «Nova Ordem da Informação» em África

Terminou a conferência sobre as políticas da comunicação em África, reunida durante uma semana em launde, tendo sido aprovado certo número de recomendações com vista a preparar o advento da «Nova Ordem da Informação no Continente».

Os delegados de aproximadamente cinquenta países representados na «Africom-80», organizada pela UNESCO, decidiram pôr a funcionar, no mais breve prazo, a Agência Panafricana de Informação (PANA), e recomendaram a criação dum fundo africano para a promoção cultural e o desenvolvimento da Comunicação e de Informação.

Ao mesmo tempo, os delegados pedem a cada Estado que conceda prioridade às infra-estruturas de telecomunicações inter-Estados para facilitar a circulação da comunicação. Nesta perspectiva, solicitam à Unesco, e à União Internacional das Telecomunicações que crie ou reforce a implantação de indústrias de telecomunicações no continente.

Os participantes na Africom 80 recomendaram, por outro lado, a criação dum Instituto Superior Africano da Comunicação.

Solidariedade de Luis Cabral com Simon Malley

Um telegrama de solidariedade no conflito que o opõe às autoridades francesas, foi enviado pelo Presidente Luis Cabral, da Guiné-Bissau, ao director da revista «Afrique-Asie», Simon Malley.

O presidente guineense manifesta a «esperança de que o jornalista egípcio, a que as autoridades francesas não renovaram o visto de permanência em França, «continue à frente da nossa «Afrique-Asie».

Simon Malley esteve há cerca de dois meses em Bissau, onde se encontrou com o Presidente Luís Cabral e foi hóspede de Mário de Andrade.

«Afrique-Asie» é a única revista de temática política africana que circula na Guiné-Bissau.

Economia e Socialismo

Está publicado o n.º 51, referente a Junho, da revista ECONOMIA E SOCIALISMO que, no nosso País, desempenha um relevante papel de informação, debate teórico e apoio didático. No sumário deste número destaca-se o artigo da dr.ª Maria Manuela Silva: «A política industrial em Portugal e seus efeitos no emprego e na repartição do rendimento». Neste extenso artigo são abordadas as seguintes questões: A necessidade de repensar os objectivos; A Indústria, motor de arranque do crescimento; O modelo de substituição de importação; O modelo exportador dos anos 60; Modelo exportador associado ao capital estrangeiro; Consequências para o emprego e a repartição do rendimento; Algumas interrogações.

A. Ferreira Catarina assina um artigo com o título: «Política sacralizada uma realidade que persiste». Helena Spencer e Elvira Hugon publicam: «Guiné-Bissau: um passo em frente nos caminhos do planeamento».

A revista ECONOMIA E SOCIALISMO insere, igualmente, dois documentos importantes: «A Igreja na América Latina - S. Salvador da Baía» e «Reforma do Sistema Fiscal Português».

destinado a formar quadros de alto nível, numa Casa Panafricana de Edição e de sistemas regionais de produção e distribuição de filmes.

A Conferência fez igualmente um apelo para que a Unesco preste auxílio financeiro e humano a fim de desenvolver a comunicação rural e exprimir o desejo de que sejam desenvolvidas «formas tradicionais da comunicação» e promovidas as línguas africanas.

Uma recomendação preconiza a celebração duma conferência especial sobre a existência de emissoras extra-africanas no continente que «perturbam as rádios nacionais».

Jornalistas sequestrados apareceram

Os jornalistas chilenos Guillermo Hormozabal e Mário Romero, que haviam sido sequestrados no Centro de Santiago do Chile, apareceram sãos e salvos.

Os dois jornalistas foram rapitados ontem em pleno dia, por seis indivíduos que fugiram numa camioneta, sugerindo fontes locais que teriam sido detidos por engano pelas autoridades.

chilenas.

Hormozabal disse que, ao entrarem no veículo, os raptores vendaram os olhos tanto a ele como ao seu companheiro e após várias voltas chegou a um lugar que não seria capaz de reconhecer onde foi interrogado sobre as suas actividades profissionais.

Os jornalistas, que trabalhavam em dias emissoras pertencentes à Igreja Católica, foram abandonados em diferentes pontos da capital, e em zonas des povoadas.

A propósito desta ocorrência, o arcebispo de Santiago afirmou que o que se está a passar no país ultrapassa o tipo de acções porque os agentes da Polícia devem actuar, no estrito cumprimento da lei. Assim, reclama, em comunicado, «a extinção dos lugares secretos de prisão e o fim das detenções sem identificação dos autores, bem como o impedimento de circulação de veículos sem matrícula».

A greve dos trabalhadores da «Reuter»

No caso de malogro das negociações previstas para hoje em Nova Iorque, entre a direcção da Reuter e os jornalistas daquela agência colocados nos Estados Unidos o Sindicato dos

Jornalistas britânicos está disposto a prolongar a greve iniciada há oito dias.

Os dois centros de jornalistas da empresa nos Estados Unidos iniciaram a greve na quinta-feira da semana passada, para conseguir a renovação do seu contrato colectivo. No dia, imediato, o pessoal da sede londrina cruzou também os braços para protestar contra o despedimento de 18 dos seus colegas que se tinham recusado a ocuparem-se de noticiário proveniente ou com destino aos Estados Unidos.

«Diário Visual» em Madrid

A agência noticiosa espanhola «Efe» instalou em Madrid o primeiro «Diário Visual, terminal de televisão que transmite o serviço nacional e internacional da empresa. O terminal, ligado a computador, fica ao dispor dos deputados e homens de letras que frequentam a «Taberna del Prado», muito próxima do edifício das Cortes espanholas. A «Efe», especializada na América Latina, afirma ter mais de uma centena de pedidos para instalar «diários visuais» em bancos, restaurantes, lugares públicos, empresas e associações.

Alterações no Telejornal e no «Expresso»

Com a entrada de Proença de Carvalho para presidente da CA da Radiotelevisão Portuguesa (cujo despacho de nomeação já foi publicado no «Diário da República», novas alterações se preparam na informação televisiva.

Com este ingresso, Fialho de Oliveira, a despeito do seu prestígio profissional e da confiança pessoal de Vítor Cunha Rego, poderá eventualmente ter o lugar de director de informação em perigo. Este facto explica os con-

tactos que Fialho de Oliveira tem mantido com profissionais considerados independentes da «A», com vista a remodelar os quadros da informação da RTP.

Assim, consta que para o canal 1 seriam admitidos Rui Pimenta (actualmente na ANOP), Meira da Cunha e Calado Lopes. Para o canal 2 seriam admitidos Pedro Xavier Cid (da RDP), César Camacho e Fernando Dacosta (do «Diário de Notícias»), que já terá aceite o convite.

Por outro lado, no «Expresso» um semanário afecto ao PSD,

mas com alguma independência crítica, Hernâni Santos deixa a chefia de redacção, em consequência de uma votação desfavorável à sua pessoa e passa a redactor principal. Para já sabe-se que não será admitido outro chefe de redacção. César Camacho fica assim responsável pela informação nacional, Martins Lopes pelo sector internacional, Vicente Jorge Silva, pela Cultura e Fernando Ulrich pela Economia, sendo a chefia exercida colectivamente.

Inglaterra: liberdade de Imprensa em perigo?

Uma decisão adoptada ontem pela Câmara dos Lordes em relação à companhia de Televisão «Granada» pode abrir sérios precedentes à limitação da liberdade de Imprensa na Grã-Bretanha.

A Câmara dos Lordes deu um prazo de sete dias à «Granada», uma das quinze companhias privadas, para fornecer o nome de uma pessoa que proporcionou dados confidenciais sobre a si-

tuação financeira do consórcio siderúrgico «British Steel Corporation», durante uma greve ocorrida no início deste ano.

A Câmara menospreza desta forma um recurso apresentado pela companhia televisiva contra a decisão do tribunal de apelação, com o qual parece ter-se solidarizado.

O presidente do Tribunal, Lorde Denning, afirmou que a companhia «Granada» agiu irresponsavelmente e abusou do

poder dos meios de informação, ao publicar os documentos, difundindo uma imagem negativa da política social do consórcio.

Entretanto esta reacção foi duramente criticada por Greville Jenner, membro da Câmara dos Comuns, que declarou estar este processo a abrir «as portas da prisão aos jornalistas de uma forma completamente inconsistente com a liberdade de imprensa numa democracia».

**Você quer saber
quanto lhe custaria
este espaço
no «Diário de Lisboa»
Faça-nos a pergunta
pelo telefone n.º 36 87 40**

ponto a ponto

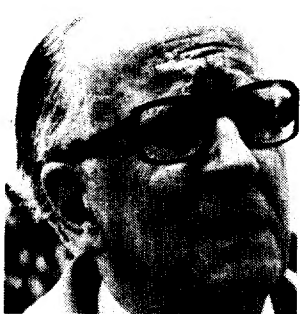


● O embaixador de Portugal junto das Nações Unidas, Vasco Futscher Pereira, é a partir de hoje o presidente do Conselho de Segurança da ONU. O mandato tem a duração de um mês. Futscher Pereira sucede, assim, ao ministro dos Negócios Estrangeiros das Filipinas, Carlos Pmulo, num processo rotativo, por ordem alfabética, entre os 15 membros do Conselho de Segurança.

● **Firmino Miguel** assume hoje as funções de director da Arma de Infantaria, sucedendo no cargo ao general Nunes Igrejas. O brigadeiro Firmino Miguel, que foi ministro da Defesa nos I e II Governos provisórios, assistirá hoje, já no desempenho das suas funções, às cerimónias do Dia da Escola Prática de Infantaria, em Matra.



● A Sé Catedral de Angra do Heroísmo, danificada pelo sismo de 1 de Janeiro, está já a ser reparada. O bispo da Diocese já recebeu mais de um milhão de escudos de donativos para as obras de restauro. Também a Ermida de Nossa Senhora da Saúde, situada na praça de Angra do Heroísmo, e que também ficou danificada, está em reconstrução.



● O Presidente da República recebeu ontem, em audiência no Palácio de Belém, a administração da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo à frente o **dr. Azeredo Perdigão**. Ao general Ramalho Eanes foi oferecida uma colecção da documentação elaborada no âmbito da última conferência sobre economia portuguesa, realizada sob a égide daquela fundação.



● O Partido Trabalhista anunciou que vai concorrer em todos os círculos eleitorais às legislativas. Segundo os dirigentes do PT (que desistiu nas últimas eleições) este partido pretende ser «uma alternativa dinâmica e construtiva a uma AD incapaz, a uma APU totalitária e a uma FRS inconsistente».

● O ministro da Justiça, Mário Raposo, desloca-se hoje em visita oficial ao distrito de Coimbra. Para além da inauguração de novas dependências do Ministério da Justiça, Mário Raposo esclarecerá os jornalistas sobre as alterações do Governo à Lei «Antiterrorismo». Sá Carneiro visitará Sines, na próxima quinta-feira, e recebeu convite para se deslocar a Coimbra.



Infância: sistemas de educação... à solta

I – TINTURA DE IODO

Testemunho

— Esta é a verdade. A verdade de quem viu e foi presente em Mompracem, no Bornéu e mais partes da Ásia, África e Oceania as extraordinárias aventuras do verdadeiro Sandokan, o Tigre da Malásia e quem relata é o abaixo assinado Gastão de Sequeira seu sócio e companheiro.

O Sandokan que apareceu na R.T.P. é uma intrujice, filmada por italianos que nada tem a haver com a realidade.

Sandokan — é o dr. J.P. de V. bem vivo, fero e rijo, médico e operador em Alferrarede.

Fui então o seu conselheiro, além de sócio e companheiro inseparável de todas as aventuras. Tínhamos «Estado Maior» e um estratega com mapas e tudo, um autêntico cérebro: o Zé Maria da Veiga Pontes, aluno como nós, em 1922, do 1.º ano de liceu Antero do Quental, sob a reitoria do dr. Jeremias da Costa. O José Maria tinha os livros — aí que livros! onde se relatava mudamente, a vida do grande Sandokan e outras vidas não menos fascinantes e interessantes: Capitão Morg Stroetter Baker, entre outros. Livros, muito verdadeiros. Saíam da «Tabacaria do Machado», do Largo da Matriz, a 7500 o volume. Rasgava-se as capas, soltavam-se as folhas quando apareciam nas estúpidas mãos do Zé Maria, já

Fernando Calixto

tinham capas de papel de embrulho pardo, imitando a verdadeira pele de carneiro; as folhas já tinham sido esfregadas na terra, estavam cosidas com sedas de sapateiro e havia marcas de tinta vermelha e letras a ferro quente.

Nem o mais pintado dava àqueles livros menos de duzentos anos!

— «Minha senhora é sua a pele deste tigre — disse Sandokan — depois que sacou da manga um «Kriss», acho que era um punhal, adaga, ou espada curta — e degolou o tigre após breve luta de corpo a corpo».

O «Sultão» um S. Bernardo do J.P. Vasconcelos, sempre pronto para correrias e disparates, nem sempre estava pelos ajustes de ser o inevitável tigre e sendo, para nós delicado e mimoso nos dentes, não era igual no respeitante a patas. Adiante! Havia o «Jupiter» um «pointer», que era meu. Mas, o Zé Maria, disse: «não serve para «tigre», como é sarapintado, talvez para onça, veremos.

O Zé Maria, tinha além da van-tagem dos livros um «mapa mundi» onde se podia seguir as rotas e derrotas que «nossos navios» percorriam desde as

costas de Inglaterra — à guarda do leopardo inglês — até ao Indico. Tinha ainda o Zé Maria o condão raro de saber sempre as lições e de não jogar à caba cega, à boneca, a «pata brilhada» ao pião, aos botões, ao eixo, e outros desportos de muita circunstância e seriedade. Era, também, um para-raios, para a malta. No inverno apanhava sempre as constipações, a pa-peira, a tosse convulsa e no verão a «doença dos fenos» e outras estupidezes, o que o fazia andar sempre agarrado ao «verbo» entalado, na cama, entre almofadas, mas a coman-dar:

— «Nós vamos na 5.ª feira, que é feriado para a mata da doca», «Vocês, Sandokan e os da 1.ª metade da turma de 1 a 8, vão para cima dos diques». O Carlos Horta — Aranha do Mar — leva os de 9 a 15, para os atacar.

O Sultão vai para o que der e vier».

— «Não pode ser. É um cão doido. Ataca todos, amigos e inimigos. O que ele quer é farra», disse Figueiredo, que sabia o que dizia.

— Tem de ser. Vocês os do Sandokan cortam-lhes as vasas

e aí temos o epi-
Dito e feito.

E naquela quinta-feira

1.º O Sandokan — J.P.V. — amarra o guardanapo da nu-
renda, à cabeça e fica de tu-
bante;

2.º Leva o apito à boca, três apitos, sentido, preparar e atacar;

3.º Atravessa, o «Kriss» — era uma faca de madeira — na boca;

4.º Amanda-se do dique mais alto... Sensação! E estatela-se no chão, com um joelho aberto, em osso nu. Da mata até à farmácia da rua da Cruz é um quilómetro à maior. Com um lenço amarrado em volta do joelho, vai de romba charola, assentado numa bicicleta, que seus «homens» amparam e empurram. Pelo caminho, há comentários de mulherio:

— «Vossos pais em casa des-cansados e vocês a procurarem a morte, nos caminhos do diabo, seus malandrins!

Ai, que sovas que mereceis!
Na farmácia tintura de iodo a fio. Lágrimas pela cara abaixo, sem um gemido, para não des-moralizar os homens de seu co-mando. Três pontos de metal. Ligaduras. Mês e meio de tréguas. Acabou-se, Sandokan em terra, nosso destino é o Mar.

A seguir: «Calhau de S. Pedro»

PELA IGUALDADE

Gisèle Moreau (★)
(Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»)

o trabalho das mulheres, quem preconiza o «regresso ao lar» como uma solução para o desemprego, quem produz os velhos esque-mas, o homem no emprego, a mulher em casa? Quem to-lera e encoraja a difusão de «magens desvalorizadoras e, por vezes, humilhantes, da mulher? Quem acusa os «homens» em geral para me-lhor mascarar as responsabi-lidades do poder político e do patronato, tentando criar assim o impasse no pro-blema essencial: o carácter de classe da desigualdade feminina.

Em segundo lugar uma propaganda desenfreada tenta mostrar-nos Giscard d'Estaing como um campeão da emancipação da mulher.

Argumento já por si con-testável se nos lembrarmos de que, só constringido pelo movimento das próprias mu-lheres e pela pressão da opinião pública é que ele admitiu a actualização de uma legislação anacrónica, principalmente a que dizia respeito à interrupção volun-tária da gravidez, mas que se opôs a conceder os meios necessários à sua aplicação.

E bom também não esquecer o projecto de lei apresentado pelos deputados da maioria presidencial autorizando o trabalho ao domingo noco-mércio, o que foi contrariado pela luta dos empregados dessa corporação, de forte maioria feminina. E lembrar que se prepara actualmente, no Ministério do Trabalho,

uma modificação na legisla-ção, que daria ao patronato a possibilidade de rever a in-terdição de trabalho nocturno às mulheres e que permitiria que a mão-de-obra feminina fosse utilizada durante mais de dez horas ou de dez dias consecutivos.

Mas bastarão todos estes esforços para destruir o in-flexível desejo de emancipa-ção que anima as mulheres dos nossos dias?

Elas têm, de resto, ao seu lado, no nosso país, um parti-do comunista poderoso, que é o único a condenar, sem ambiguidades as res-ponsabilidades do poder e do patronato.

Ultrapassar as opressões

Quanto ao Partido Socia-lista, ausente no terreno, refugia-se em declarações de intenção marcadas por aquele **flo** artístico que ele tanto aprecia, e encorajan-do, paralelamente, alguns grupos femininos, principal-mente conhecidos pela sua-actividade anticomunista.

Tenta esconder, através des-tes meios, a sua incapaci-dade de resolver o problema sem nunca procurar as raízes da desigualdade das mu-lheres, nem pôr em causa, no fundo, a política giscardiana.

Para os comunistas, a luta pela igualdade das mulheres não é uma luta contra os ho-mens, mas uma luta para ul-trapassar as opressões e as

alienações de toda a espécie que o sistema do grande ca-pital impõe.

E o sentido da campanha que o partido comunista fran-cês decidiu levar a efeito: igualdade no trabalho, igual-dade no casal, na família, na sociedade. Campanha tam-bém por outra imagem da mu-lher.

E uma campanha que se baseia nas medidas concre-tas contidas na nova pro-posta de lei «pelo respeito dos sexos» apresentada pe-logrupocomunista, depoisda proposta sobre a formação, a violação, as mulheres espan-cadas, a imagem da mulher nos livros escolares. Benefi-ciando do apoio de vinte e uma deputadas (mais do que todas as outras formações políticas reunidas), o Partido Comunista Francês é o que conta um maior número de propostas legislativas a favor das mulheres.

As disposições previstas nesta proposta de lei são ou-tros tantos pontos de apoio-para as lutas nas empresas, mas também nos bairros, no que diz respeito ao direito ao trabalho, à igualdade de sa-lários, à produção, às cre-ches, aos centros de contra-cepção ou ainda evolução das mentalidades.

Talcomo aconteceu com as operárias de Aigleou Essi-lor, as mulheres podem impôr ao Governo e ao patro-nato novas medidas para avançar concretamente no caminho da igualdade. Elas terão sempre ao seu lado o Partido Comunista Francês.

(*) Secretária do Comité Central do Par-tido Comunista Francês, deputada por Paris.

Dívida de Sá Carneiro em bola de neve

“O Diário” intervém na acção cível e divulga novos documentos

Tudo leva a crer que Sá Carneiro «foi buscar lenha para se queimar», quando decidiu pôr uma «acção declarativa de simples apreciação» contra todos os bancos portugueses, a fim de tentar obter uma sentença que o liberasse da acusação de devedor e encobridor da sua vultosa dívida à banca, segundo as alegações que têm vindo a público na imprensa. É que, conforme o documento hoje divulgado pelo jornal «o Diário» e assinado pelo advogado do seu director, Fernando Luso Soares, no outro processo já pendente, Sá Carneiro acabou por fazer duplicar as instâncias judiciais de discussão do assunto e precisamente com o mesmo interlocutor que tanto o tem incomodado. Neste momento há dois tribunais, e não apenas um, em que Sá Carneiro e «o Diário» se encontram frente a frente.

No requerimento esta manhã publicado, Miguel Urbano Rodrigues intervém na acção cível posta por Sá Carneiro contra os bancos na qualidade de «oponente», o que se justifica legalmente «pela necessidade de se proteger eficazmente os direitos de terceiros que podem ser comprometidos pelo julgamento da causa se lhes for vedada a intervenção nela».

Quer isto dizer, segundo Luso Soares, que fica desmontado o mecanismo previsto por Sá Carneiro: evitar a discussão aprofundada dos factos alegados

pelo «o Diário» (no processo-crime), através da utilização de uma sentença obtida noutro processo em que este jornal não interviria.

Mas, para além desta questão processual, o incidente de oposição espontânea em que Miguel Urbano Rodrigues requer o «indeferimento liminar» da petição de Sá Carneiro, contém novos e importantes dados de fundo, que vêm colocar o Primeiro-Ministro numa situação ainda mais embaraçosa. Nomeadamente, são publicadas nesse documento trocas de correspondência (já de 1976) entre o Banco de Portugal e o Banco Espírito Santo em que a questão da falta de pagamento dos aceites bancários em nome de Francisco e Ricardo Sá Carneiro é claramente colocada e confirmada.

Não menos importantes são os novos elementos referidos por Luso Soares quanto à forma ilegal, à face de todas as leis e regras de administração bancária, através da qual se teria criado (com um atraso de 15 dias!) uma conta fraudulenta em Lisboa (segundo o advogado do «o Diário» nula de direito) para eliminar o rasto dos aceites bancários por saldar. Vários despachos e indicações nesse sentido da mão do administrador Roque são reproduzidos na edição de hoje daquele matutino. Revela-se também no documento que os irmãos Sá Carneiro teriam entrado em con-

tacto, anteriormente, com o presidente do conselho de administração, Manuel do Espírito Santo Silva, tentando obter deste, sem êxito, que as suas dívidas fossem consideradas saldadas por troca da carteira de títulos.

Mas Luso Soares vai mais longe, ao denunciar como um caso de polícia (no foro criminal), a operação bancária que permitiu que os aceites bancários dos irmãos Sá Carneiro lhes fossem parar às mãos, sem pagamento, «contrariando toda a técnica e regras relacionadas com aceites bancários». Tais são os termos da carta do próprio Conselho de Gestão do banco, reproduzida por Luso Soares.

Outro documento mencionado no requerimento de Luso Soares é uma carta de 19/1/77, dirigida a Ricardo Sá Carneiro, onde se pode ler a seguinte passagem: «Mantém-se por regularizar um défice neste banco, o qual resulta de títulos de vossa responsabilidade na nossa carta de 19.12.75 — Aceites bancários sacados por V. Ex.ª ou pelo dr. Francisco Lumbalres de Sá Carneiro, valores acrescidos de juros. Não encontramos na escrita deste banco quaisquer comprovativos da regularização que disse ter processado, em resultado de negociação verbal com os ex-directores deste banco...»

Dando ainda mais força à sua argumentação, o advogado de

Miguel Urbano Rodrigues, história a actividade, que considera especulativa, dos dois irmãos, comprovando as suas afirmações com recurso ao fac-símile de acções e documentos de operações bancárias, anexos ao requerimento.

Em suma: os advogados de Sá Carneiro (António Maria Pereira e Miguel Alarcão Júdice) estão a braços, sem dúvida, com uma das mais difíceis causas que foram chamados a defender. Num comunicado ontem divulgado, justificam o recurso à acção declarativa por considerarem insuficiente a decisão do tribunal correcional (em que é réu Miguel Urbano Rodrigues), qualquer que ela fosse. Segundo os advogados de Sá Carneiro, o máximo que o Primeiro-Ministro poderia obter no processo correcional era uma sentença condenatória do director de «o Diário», por este não ter conseguido provar os factos que alegou; ao passo que, no processo declarativo, poderá, teoricamente, obter mais alguma coisa: uma sentença que o libere de qualquer débito para com a banca. No primeiro caso subsistirá a dúvida, no segundo haveria uma «certeza». Simplesmente, talvez os advogados de Sá Carneiro não estivessem à espera nem do incidente de oposição agora deduzido, nem dos novos e contundentes factos trazidos à colação.



N'Gongo revela em Lisboa: Racistas sul-africanos temem eficácia das FAPLA e privilegiam alvos civis

As forças racistas sul-africanas totalizaram, só no passado mês de Junho, 199 voos de «reconhecimento», 11 acções de bombardeamento aéreo e terrestre e cinco incursões, de infantaria e pára-quedistas, além de oito concentrações militares, junto à fronteira, na parte meridional da República Popular de Angola — revelou a noite passada em Lisboa, o tenente-coronel N'Gongo, responsável das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola).

Perante centenas de pessoas, e entre elas o general Franco Charais e o almirante Rosa Coutinho, presentes ao acto comemorativo do sexto aniversário da passagem do Corpo de Guerrilheiros do MPLA, formado em 1964, a exército regular (criação das FAPLA), aquele dirigente militar angolano traçou um quadro pormenorizado das agressões do regime de Pretória nos últimos dois meses, e destacou o modo, progressivamente eficaz, como as forças militares da RPA têm ripostado às incursões e bombardeamentos do inimigo.

Antigo estudante em Coimbra, onde partiu em meados dos anos sessenta para participar na guerrilha contra o exército colonial, N'Gongo sublinhou que ultimamente os agressores racistas, receosos da resposta militar das FAPLA (em sete de Junho, foram abatidos três «Mirage» e travadas algumas tentativas de invasão) estão a privilegiar os alvos civis, evitando as poderosas antiaéreas e forças de infantaria e blindados angolanos.

Aliás, e conforme uma exposição fotográfica patente no átrio do Teatro Aberto o demonstrava, no período citado por aquele oficial das FAPLA foram mortos 322 angolanos, dos quais apenas 36 eram militares.

O «piolhoso» Savimbi

Noutro ponto da sua intervenção, N'Gongo denunciou o facto

de o grosso do material de guerra (armas e bombas) usadas pelo exército racista ser de proveniência norte-americana, inglesa e francesa.

Ao traçar uma síntese histórica da evolução político-militar da luta de libertação e independência nacional, o dirigente angolano referiu as sucessivas e fracassadas tentativas do imperialismo e seus agentes coloniais em dividir e liquidar a resistência popular (através da UPA/FNLA, do «piolhoso» Savimbi e Unita, de Chipenda, dos «intelectualídes» da Revolta Activa, etc.) para sublinhar a importância que teve para o êxito da libertação de Angola a permanente «coesão» do «Corpo de Guerrilheiros».

Destacou, também, na transição do Corpo de Guerrilheiros para as FAPLA (momento da invasão sul-africana e zaireense em 1975) o apoio concreto, em efectivos militares e humanos, da URSS, Cuba, Guiné-Conacry e Guiné-Bissau.

A anteceder a intervenção de N'Gongo usou da palavra uma representante da Embaixada da RPA em Lisboa, que falou, nomeadamente, dos objectivos fundamentais da Revolução angolana, de desenvolvimento do Poder Popular, da sua política económica e externa e denunciou o «esbravejar» em Portugal, na Inglaterra e em Paris dos fanáticos da Unita, enquanto prossegue, inexoravelmente, em Angola, a revolução popular.

Um grupo de Pioneiros angolanos, leu uma mensagem dirigida às FAPLA e ofereceu os seus lenços vermelhos ao embaixador Adriano Sebastião e N'Gongo e ao presidente da Associação Portugal-RPA, Daniel de Matos, todos componentes da mesa que dirigiu o acto comemorativo.

No final foram ainda exibidos filmes sobre a nova realidade angolana e acerca dos massacres sul-africanos nos campos de refugiados da Namíbia e populações do sul de Angola.

Com Portugal na lista OEA incrementa cooperação

A Organização dos Estados Americanos (OEA) procurou um incremento da cooperação para o desenvolvimento através de fundos extra-regionais, inclusive em Portugal, disse hoje um porta-voz da organização.

Em 1979, segundo anunciado pela OEA em Washington, Portugal contribuiu com 60 000 dólares (cerca de três milhões de escudos).

O secretário-geral da OEA, Alejandro Orfila, regressou recentemente de uma digressão pela Europa, onde obteve um acolhimento favorável para os novos projectos nomeadamente na Bélgica, Espanha e Itália e a possibilidade de um estreitamento das relações de cooperação com a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

A OEA investe cerca de metade do seu orçamento anual de 80 milhões de dólares (4000 milhões de escudos) em programas de desenvolvimento, que incluem mais de duas mil bolsas de estudo anuais, assistência técnica e projectos de investigação nos domínios económico, social, educativo, científico e cultural.

A maior parte da assistência externa a esses programas provém de países observadores permanentes, tais como a Alemanha Federal, Austrália, Bélgica, Canadá, Egipto, Espanha, França, Israel, Itália, Japão, Portugal, Países Baixos e Suíça.

A Austrália, Dinamarca e Grã-Bretanha, embora não sejam observadores permanentes, colaboram também nos programas da OEA.

Durante 1979, a Secretaria Geral da OEA conseguiu 2,9 milhões de dólares de países não membros.

Comandante da Guarda Fiscal apelou

Novos soldados devem dar provas de eficiência dedicação e honestidade

O comandante-geral da Guarda Fiscal, brigadeiro Alves Moreira, apelou ontem para os novos alistados no sentido de darem provas de eficiência, dedicação e honestidade.

A cerimónia de compromisso de honra dos 183 novos agentes da Guarda Fiscal decorreu no Centro de Instrução em Queluz e foi presidido pelo secretário de Estado do Orçamento, Figueiredo Lopes, acompanhado do subsecretário da mesma pasta, Alvarez Carp.

O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, coronel Carvalho Figueira, disse que após oito meses de instrução, os 183 ele-

mentos serão colocados a partir de hoje nos novos postos do continente e ilhas.

A Guarda Fiscal tem presentemente um efectivo de cerca de 7000 homens. Este número, porém, é considerado pelo respectivo chefe do Estado-Maior em Queluz e foi presidido pelo secretário de Estado do Orçamento, Figueiredo Lopes, acompanhado do subsecretário da mesma pasta, Alvarez Carp.

O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, coronel Carvalho Figueira, disse que após oito meses de instrução, os 183 ele-

mentos serão colocados a partir de hoje nos novos postos do continente e ilhas.

A Guarda Fiscal tem presentemente um efectivo de cerca de 7000 homens. Este número, porém, é considerado pelo respectivo chefe do Estado-Maior em Queluz e foi presidido pelo secretário de Estado do Orçamento, Figueiredo Lopes, acompanhado do subsecretário da mesma pasta, Alvarez Carp.

O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, coronel Carvalho Figueira, disse que após oito meses de instrução, os 183 ele-

II Festa da Paz e da Cultura começa esta noite em Lagos

Começa esta noite, às 21 horas, no cineteatro Império de Lagos, a II Festa da Paz e da Cultura.

Esta iniciativa anual do Conselho Português para a Paz e Cooperação conta este ano com o patrocínio do município de Lagos, e de uma comissão de honra algarvia e com o apoio de dezenas de câmaras municipais de todo o país.

Depois da sessão de abertura o Centro Cultural de Évora apresenta em estreia nacional a peça «A Paz», de Aristóteles.

O programa dos três dias da festa será divulgado esta noite mas sabe-se já que participam artistas internacionais, entre eles, o cantor húngaro Adria Vargas, iniciador da canção política do seu país, e o americano Dean Reed. Este último estudou na Universidade do Colorado e



Igrejas Caeiro, um dos intervenientes da sessão de hoje

estagiou em Hollywood, tendo depois trabalhado como actor na América Latina, de 1963 a 1968. Um dos filmes em que interveio foi premiado no Festival de Aca-

pulco de 64. Trabalhou depois em Itália vivendo actualmente na RDA, onde tem trabalhado no cinema produzido pelos países socialistas.

Dean Reed foi autor e actor principal de filmes muito populares como «Irmãos de Sangue» e «El Cantor», sobre a vida do cantor chileno assassinado, Vitor Jara.

Durante a semana que antecedeu o início da festa, o Conselho Português para a Paz e Cooperação promoveu um ciclo de cinema dedicado ao tema da paz, na mesma sala de espectáculos, que incluiu os seguintes filmes: «O soldado azul», de Ralph Nelson; «A grande ameaça» de Robert Aldrich; «América, América, para onde vais», de H. Wexler; «A ascensão», de Larissa Chepinko, e «O Grande ditador» de Chaplin.

Vaz Portugal desistiu de ser candidato da AD

Ângelo Correia será o cabeça de lista da AD pelo círculo de Aveiro e o antigo ministro da Agricultura Vaz Portugal desistiu de candidatar-se ao Parlamento — afirmou Carlos Macedo (PSD).

Dois únicos independentes serão, assim, apresentados ao sufrágio nas listas do PSD — Sousa Tavares e Silva Marques (este em Leiria) — acrescentou.

Carlos Macedo esteve reunido ontem à tarde na sede do PPM com dirigentes deste partido. A reunião prosseguiu hoje, com a presença de António Capucho.

Da agenda destes encontros constam os lugares de que os monárquicos vão dispor nas listas da AD. O PPM reivindica um aumento do número de cinco deputados que teve na última sessão legislativa — disse Macedo.

Entretanto, ainda não se encontra designado o cabeça de lista da AD pelo círculo de Beja.

Os dois professores cooperantes portugueses acusados de

terem «ofendido gravemente» a Guiné Bissau, receberam ontem ordem de expulsão do país.

As autoridades de segurança disseram que Francisco Salvador e António Raposo já foram postos em liberdade, depois de duas semanas na prisão, e deverão partir para Lisboa o mais rapidamente possível.

Estavam ambos numa esplanada de Bissau quando um deles, aparentemente embriagado, começou a praticar distúrbios, tendo reagido com «injúrias graves» a advertências da Polícia.

Entretanto, o Comité dos Professores do Liceu de Bissau emitiu um comunicado repudiando o comportamento dos seus dois colegas, que classifica de «racista e reaccionário», e pedindo que as autoridades actuem com severidade na sua punição.

O Comité é constituído por dois professores portugueses, dois guineenses, e um soviético.

Mulheres desempregadas no distrito de Évora

Cerca de oito mil operárias agrícolas perderão os seus postos de trabalho, no distrito de Évora, caso a ofensiva contra a Reforma Agrária, continuar, segundo as declarações prestadas por elementos do Sindicato Agrícola, em conferência de imprensa.

Neste momento, já estão no desemprego, perto de 4000 trabalhadores rurais situação alarmante com tendência a agravar-se nos finais do mês corrente. E o mais grave é que 30 por cento dos desempregados nem sequer recebem subsídio de desemprego.

As representantes das operárias agrícolas teceram violentas críticas à política seguida pelo actual Governo, no campo da Reforma Agrária, tendo sublinhado que «se os agrários não votassem ao abandono as terras que já lhe foram entregues ilegalmente, não existia, nesta região, um trabalhador desempregado».

As mulheres asseguraram ainda que se o Governo, entretanto, não resolver a situação os trabalhadores encontrarão a maneira, «mais adequada» de dar solução ao problema.

Afirmam os Sindicatos Agrícolas

«Não há apropriação ilegítima da cortiça»

Os Sindicatos Agrícolas dos distritos de Évora, Beja, Portalegre e Santarém, promotores da greve efectuada pelos tiradores de cortiça das UCP's e Cooperativas Agrícolas pronunciaram-se, em comunicado, contra o Decreto-Lei 98/80, de 5 de Maio, que consideram «uma autêntica usurpação do produto do trabalho alheio».

Fazem notar a discriminação entre proprietários privados e o sector cooperativo agrícola, estabelecida nessa legislação, salientando que a «inconstitucionalidade e imoralidade «estão patentes no referido diploma».

Quanto à nota oficiosa, divulgada pelo Governo sobre o assunto, respondem os sindicatos que se trata de uma posição

marcada de «ameaças, acusações infundadas, de intuítos menos sãos» com vista a baralhar a opinião pública e colocá-la contra os trabalhadores.

«Não houve qualquer apropriação ilegítima da cortiça por parte das UCP's, ao contrário do que sustenta o Governo» — conclui o comunicado dos Sindicatos Agrícolas.

Entretanto, os tiradores de cortiça continuam em greve até ao próximo dia 9, cumprindo assim um aspecto da luta que irão desenvolver com vista à defesa dos seus interesses e à manutenção da autonomia e integridade das UCP's e cooperativas. E a Reforma Agrária, consagrada na Constituição que eles defendem.

Emanuel Rodrigues não opta entre Soares Carneiro e Eanes

«É de completa independência em relação a qualquer candidato presidencial», a posição do presidente da Assembleia Regional da Madeira, Emanuel Rodrigues, segundo o próprio declarou à ANOP, ontem, no Funchal.

A questão que se punha ao líder do parlamento madeirense era naturalmente o dilema entre Ramalho Eanes ou Soares Carneiro. A «saída», se não confirma rumores segundo os quais Emanuel Rodrigues poderia vir a tornar público o seu apoio à candidatura do actual PR, também não corresponde, longe disso à expectativa certamente ansiosa, dos círculos tanto insulares como continentais afectos à AD, que esperariam um compromisso daquele líder, na senda do já há muito assumido (e com larga abundância verbal) pelo presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim. A posição de Emanuel Rodrigues, uma

vez declarada avança algumas hipóteses sobre o que, por outro lado, poderá vir a ser publicamente assumido pelos líderes açorianos perante a questão presidencial que está a levantar-se actualmente na cena política portuguesa. Todavia nada garante que Mota Amaral, e Alvaro Monjardino venham a tomar atitude idêntica à de Emanuel Rodrigues, havendo mesmo, suspensas, hipóteses de que tal não venha a acontecer.

Ainda nas suas declarações à ANOP, o presidente da AR da Madeira explicou que os elogios feitos a Ramalho Eanes em 1 de Julho passado no Funchal foram um «acto de justiça» para com a acção de Eanes como PR, salientando a atenção que o actual titular de Belém prestou, por exemplo, ao problema dos madeirenses emigrados no estrangeiro: Eanes convidou Emanuel Rodrigues — um madeirense a

visitar as comunidades da ilha radicadas designadamente na África do Sul, no Brasil, nos Estados Unidos e no Canadá.

Emanuel Rodrigues anunciou que será candidato pelo PSD, e por Machico nas próximas eleições regionais, não podendo no entanto adiantar nada sobre a sua reeleição para presidente da AR da Madeira: tanto dependerá do seu próprio grupo parlamentar.

Deputado sai do PS

O deputado à AR da Madeira, Dário Mendes, abandonou ontem o grupo parlamentar do PS, ficando na situação de «independente».

O deputado tinha abandonado o partido recentemente e por motivos que não são conhecidos.

Assembleia Regional dos Açores aprova SNS

A Assembleia Regional dos Açores aprovou ontem, na generalidade, o Serviço Regional de Saúde, que virá a ter um carácter gratuito, podendo, contudo, existir taxas moderadas a fixar em função da natureza dos serviços prestados.

A proposta do executivo açoriano mereceu os votos favoráveis do PSD e CDS e a rejeição do PS. O diploma determina que o serviço agora criado englobe o conjunto das entidades públicas existentes ou a criar, cuja finalidade seja a prestação de cuidados de saúde à população. No projecto cabe uma proposta de normas relativas à actividade das entidades privadas do sector, singulares ou colectivas.

Soares Carneiro diz que não diz enquanto vai dizendo

O general Soares Carneiro, candidato da AD, continua a dizer que nada dirá sobre as declarações do conselheiro da Revolução e capitão de Abril, Vasco Lourenço, prestadas ao «Portugal Hoje». Mas o certo é que vai dizendo.

Assim, de corrida pelo distrito de Bragança, no seu roteiro pré-eleitoral ou no gozo da sua licença registada, Soares Carneiro foi insinuando: «O major Vasco Lourenço usa uma linguagem que me impede de responder em termos semelhantes, já que é obrigação dos militares saberem usar de cortesia e dominarem a própria linguagem».

E porque dum comentário se trata, o general da AD acrescenta: «Não faço comentários porque na referida entrevista aquele membro do Conselho da Revolução apenas se limita a insinuar, dentro de um processo de coerência com aquele que tem sido o seu comportamento anterior».

Produção agrícola superior este ano

A produção de uva poderá ser este ano superior à do ano passado e exceder em 26 por cento a produção média dos últimos dez anos, apesar de as chuvas terem prejudicado o combate ao míldio.

Os melhores resultados, segundo estatísticas divulgadas pelo INE, verificam-se nos distritos de Viseu, Vila Real, Aveiro e Faro.

Por seu turno a produção de trigo de Inverno também será superior em 45 por cento à do ano passado, registando-se as melhores perspectivas nos distritos de Lisboa, Portalegre, Santarém, Évora e Castelo Branco. Estes resultados continuam, no entanto, a ser inferiores de um modo geral à média da última década.

Também a batata de sequeiro, que este ano ocupa uma área mais vasta que a da campanha

anterior, deverá ter uma produção média por hectare superior em 14 por cento à do ano passado e em 10 por cento à da última década.

As sementeiras da Primavera — diz o Boletim do INE — foram efectuadas em condições favoráveis no que respeita ao teor de humidade dos solos, pelo que as germinações foram normais e as culturas apresentam um desenvolvimento considerado normal para a época.

Gado atacado de febre brucélica

Gado caprino e ovino atacado de febre brucélica, segundo revelou uma pesquisa levada a efeito há vários meses pela Direcção Regional da Beira Litoral

do MAP (sub-região de Coimbra), continua sem ser retirado.

Segundo informa um comunicado da União dos Agricultores do Concelho de Tábua, ontem distribuído, «a falta de esclarecimento público dos efeitos da febre e cuidados a ter nestes casos», tem provocado «sérias preocupações entre os agricultores».

Continuar a aproveitar o leite para consumo e fabricado de queijo é uma das questões que têm vindo a ser levantadas pelos agricultores que, segundo esta organização, «continuam sem saber para onde foi ou vai ser levado o gado levantado».

A referida União salienta a necessidade de mobilização dos interessados para exigência de «completo e urgente esclarecimento por parte dos serviços oficiais».

Cooperativa inviabilizada no concelho de Alcácer do Sal

Seis reservas foram entregues ontem, no distrito de Évora, com a cobertura das forças da GNR, a indivíduos, alguns dos quais, segundo um porta-voz dos trabalhadores, nunca tinham explorado directamente a terra.

Por outro lado, em Alcácer do Sal, dois agrários absentistas receberam 344 hectares, na Herdade da Batalha, integrada na cooperativa Margem do Sado que ficou praticamente inviabilizada. As reservas abriduídas a

João Heitor Lança e Fausto Oliveira correspondem a cerca de 126 mil pontos e abrangem 122 hectares de regadio.

A cooperativa Margem do Sado, neste momento está reduzida a sete hectares de regadio, sendo a sua restante área constituída por terras de sequeiro que nada produzem. Por ordem do MAP foram ainda retirados aos trabalhadores 22 bovinos, 168 caprinos, dez tractores, seis reboques, duas ceifeiras e diversas alfaías.

NA LINHA DOS GRANDES ÉXITOS DO STAR

UMA COMÉDIA COMO NUNCA VIRAM!
UMA HISTÓRIA DIFERENTE! UMA DELÍCIA!

Um Casamento "muito" Original
(A DIFERENTE HISTÓRIA)



PERRY KING • MEG FOSTER
VALERIE CURTIN • PETER DONAT
Produtor: Michael F. Leone • Escrito por Henry Olek
Realização de PAUL AARON

Mundial Filmes

Não acons. men. 13 anos 2.ª SEMANA STAR

MELHOR FILME

PREMIADO COM 5 "OSCARs" DA ACADEMIA

Melhor actor
DUSTIN HOFFMAN
Melhor actriz secundária
MERYL STREEP
Melhor realizador
ROBERT BENTON
Melhor argumento
ROBERT BENTON



COLUMBIA PICTURES PRESENTS A STANLEY JAFFE PRODUCTION
DUSTIN HOFFMAN
EM
"KRAMER CONTRA KRAMER"
MERYL STREEP JANE ALEXANDER
e apresentando JUSTIN HENRY
Director de fotografia NESTOR ALMENDROS Baseado na novela de AVERY CORMAN
Produção STANLEY R. JAFFE Escrito e Realizado por ROBERT BENTON

CINE 222 20.ª SEMANA TERMINAL

AV. PRAIA DA VITÓRIA 37 (AO SALDANHA) Não acons. m/13 anos

SALDOS

CAMPO DE OURIQUE
AV. DE ROMA
R. AUGUSTA
CASCAIS



PINHEIROS

TECIDOS

ESTAMPADOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS EM:
Algodões • Crepes • Veludos • Cotteles • Veyella • Las
Tweeds • Terylene • Escoceses, etc.

*
PRONTO A VESTIR SENHORA

Saia e casaco • Blazers • Blusões • Calças • Vestidos
Saías • Blusas • Fatos de banho • Biquínis • T. Shirts, etc.

*
PRONTO A VESTIR HOMEM

Fatos • Casacos • Calças • Blusões • Camisas
T. Shirts • Roupa interior.

A partir de hoje

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO

Prémio "Aquilino Ribeiro" para "Cortes" de Almeida Faria

O romance «Cortes», de Almeida Faria, foi distinguido pela Academia de Ciências com o Prémio Aquilino Ribeiro. O prémio, no valor pecuniário de cem contos, é um lançamento da Fundação Gulbenkian e foi ontem entregue durante uma sessão realizada naquela instituição académica de Lisboa. O romance de Almeida Faria é o terceiro do autor, que se estreara em princípios dos anos 60 com um romance de arrojada concepção e execução (pelo menos para o tempo) e, mais tarde, viria a merecer mais ampla consagração da crítica e do público com «A Paixão».

«Cortes», que o próprio Almeida Faria considera a segunda peça duma trilogia (o terceiro livro estará ainda em elaboração, e o primeiro era «A Paixão») foi recentemente traduzido e publicado na Suécia.

O «Aquilino Ribeiro» da Gulbenkian foi apenas um dos prémios ontem entregues na sessão da Academia, e o seu destaque deve-se ao facto de este ano ter sido atribuído pela primeira vez. Além deste, a Academia entregou ainda os seus prémios habituais: o «Ricardo Malheiros», a Joaquim Pacheco Neves, pelo seu livro de contos «Histórias de Pobres»; o «General Casimiro Dantas» a M. Duarte Mathias, pelo seu estudo «A Felicidade em Albert Camus»; o «Abílio Lopes do Rego» a «Presença Luso-Asiática e Mutações Culturais no Sul de Moçambique (até 1900)», de António Rita-Ferreira.

De assinalar a distinção do «Ricardo Malheiros» a Joaquim Pacheco Neves, escritor por certo mal conhecido do grande público, talvez porque vive fora de Lisboa, na província (arredores do Porto). Pacheco Neves



tem uma obra numerosa feita ao longo de algumas décadas, e «Histórias de Pobres», aparentemente, vem na linha duma sequência de «histórias». A obra deste escritor, tem sido em regra editada por ele próprio e deficientemente distribuída.

A crítica, habitualmente, assinala a Pacheco Neves uma cecília sistemática ao bom gosto tradicional nos trabalhos da escrita e da efabulação.

Como curiosidade, assinala-se que «A Felicidade em Alberto Camus», de M. Duarte Mathias (funcionário diplomático, ao que julgamos saber) foi publicado no Brasil antes de ter aparecido em Portugal, com chancela da Bertrand. A obra é uma minuciosa e empenhada análise temática de algumas incidências da obra do autor de «A Peste».

Óscar Lopes e Rogério Fernandes dão apoio directo ao ensino superior em Cabo Verde

Óscar Lopes, director da Faculdade de Letras do Porto, será o principal responsável pedagógico pelo novo Curso Superior de Português, a nível de bacharelato, que a partir de Outubro começará a funcionar na Praia — soube a ANOP junto do Ministério da Educação de Cabo Verde.

Óscar Lopes irá ciclicamente à Praia como conselheiro pedagógico do novo curso, no âmbito da cooperação inter-governamental Cabo Verde-Portugal.

Português e Desenho são os dois novos ramos que no ano lectivo, de 1980/81 completam o ensino ministrado na Praia a alunos da Guiné-Bissau e de Cabo

Verde pelo curso de formação de professores para o ensino secundário, considerado localmente um «embrião de Universidade».

Cursos de bacharelato em Ciências Físico-Químicas, Ciências Histórico-Naturais e Matemática foram frequentados este ano por 22 alunos dos dois países, sendo todos os professores portugueses cooperantes em Cabo Verde.

Uma arquitecta portuguesa, do Porto, será a principal responsável pelo ensino do Desenho, curso que chegou a estar projectado para o primeiro ano de funcionamento dos bacharelados.

Uma equipa de professores da

República Democrática Alemã começará a leccionar no próximo ano lectivo as cadeiras científicas dos primeiros anos, sendo o segundo ano do curso assegurado pelos professores portugueses que aqui trabalham.

Apoio pedagógico e científico à condução do ensino, a cursos esporádicos e a seminários intensivos continuará a ser prestado pelos professores catedráticos da Universidade de Coimbra Luís Rogério Fernandes, investigador e pedagogo da Universidade de Évora deverá também dispensar contributos diversos ao ensino dos cinco cursos na Praia.

A formação de professores para os ensinos secundário e

preparatório em Cabo Verde e na Guiné-Bissau é objectivo destes cursos inaugurados em Novembro último na capital cabo-verdiana, e completados com um Curso de Direito a funcionar em Bissau.

Cabo Verde teve, neste ano lectivo, 738 bolseiros a frequentar cursos médios e superiores no estrangeiro, a somar aos que estudam no exterior 'por conta própria'.

A cooperação portuguesa na docência dos ensinos secundário e técnico será mantida no próximo ano sensivelmente pelo mesmo número de 23 professores cooperantes que ensinam em S. Vicente e na capital.

Morreu o bailarino "Francis" Graça

Morreu ontem em Lisboa o bailarino Francisco Florêncio Graça. Tinha 75 anos de idade e passou os últimos da vida num aparente esquecimento, mesmo para o meio onde fez carreira alternada de altos e baixos e registou algumas fases de fulgor e sucesso artístico. As gerações mais novas, muito provavelmente, desconheciam-no. Os menos novos, porém, certamente que não, e, entre aqueles que viveram próximo do bailado em Portugal pelos anos 20, 30 e 40, a lembrança de «Francis» (ou Florêncio, nome artístico adoptado) está ainda presente na memória associado a espectáculos de grande nível realizados em Lisboa e no estrangeiro.

O momento mais alto da carreira de Francisco Graça no bailado terá sido o «Mar Alto» de

António Ferro, nos anos 20 e ainda antes de Salazar aparecer na cena portuguesa. Mais tarde, em 1946, o bailarino vai ser um dos fundadores do Grupo de Bailados Portugueses Verde Gaio, de que se torna director artístico, acumulando com a situação de primeiro bailarino «Francis» abandonou o Verde-Gaio em 61 e passou à Reforma. Em 68 foi homenageado publicamente durante a estreia dum espectáculo do Grupo no Politeama, mas o seu nome esteve no silêncio durante os últimos vinte anos.

«Francis», Florêncio, vivia com uma irmã, Branca Graça, e com Ruth Walden, alemã que fora sua «partenaire» na juventude e com quem partilhou dos momentos mais significativos da carreira.



Francisco Florêncio Graça, nos «bons velhos tempos»

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leca, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Rua da Boavista, Carvalho, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Benfiquista e na Tabacaria do Bar Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.



MONTEPIO GERAL CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Comunicam que a partir da próxima segunda-feira, dia 4, é o seguinte o

HORARIO DE EXPEDIENTE
de segunda a sexta-feira

das 8,30 horas às 12 horas
e das 13 às 14,30 horas

ESTE NOVO HORARIO passa a vigorar na Sede, Filial, Agências do Continente e Dependências Urbanas

Lisboa, 1 de Agosto de 1980



Andre JAMET

FÉRIAS TEMPOS LIVRES



**TENDAS, ATRELADOS, SACOS-CAMA
E TODO O MATERIAL
PARA CAMPISMO E PRAIA**

Horário: De 2.ª a 6.ª: 10-13.30 15-19,30 h
Sábados: 10-13 h 14-17 h

Rua António Enes, 23, c/v — Lisboa
(À Av. Dq. d'Ávila) Telef. 560656

Centro Comercial do Cacém

Uma espécie de "far-west" nos subúrbios de Lisboa



Do eng. Madeira, homem ligado ao CDS e uma espécie de tirano de trazer por casa, contam-se muitas histórias no Centro Comercial do Cacém, que ele transformou numa espécie de "far-west" dos anos 80

O Centro Comercial do Cacém — ou de uma forma mais sofisticada, ao gosto de muito boa gente, o "Shopping Center" — tornou-se conhecido de todos nós através da propaganda maciça que há cerca de um ano invadiu, a peso de ouro, os meios de comunicação social. Diz-se mesmo que foram gastos nessa campanha 22.000 contos.

Ficámos a saber, então, que aquele moderno edifício, com cinema, bares, lojas numerosas e um jardim interior, ia começar a funcionar — e convidavam-se pessoas a ir lá comprar e comerciantes a abrir as suas lojas, que ainda havia muito espaço a ocupar.

Passado um ano, caiu uma cortina de silêncio sobre tão propagandeado "Shopping Center". Não só não se gasta nem mais um tostão em propaganda, como até se é capaz, de gastar agora para que nada se saiba, o

que ali se passa. É que não é só o fiasco comercial que o Centro representa, uma vez que das cento e vinte e tal lojas, que se esperava dessem vida ao local apenas duas escassas dezenas chegaram a abrir e nem todas em condições regulares.

Mais grave do que isso é que o "Shopping" tornou-se numa espécie de "far-west" dos subúrbios de Lisboa, onde empregados são despedidos porque os administradores não gostam das suas caras ou suspeitam que militam em partidos de esquerda; onde quantias descontadas por trabalhadores para a Previdência são arrecadadas pelos patrões que não legalizam a situação dos seus empregados; onde se ameaçam pessoas de morte, com pistoleiros passeando-se de arma à cintura; onde se afasta da administração de uma das lojas (o cabeleireiro) uma das administradoras através de uma assembleia geral fantasma; onde se contratam vigilantes para não deixar entrar pessoas em determinados locais; onde um homem que não pertence à empresa que administra o Centro (a Socenco) domina, através dos seus capangas, tudo e todos — o eng. Eduardo Manuel Franco Madeira, presidente do Conselho de Administração da Opercal, a firma construtora do edifício do Centro, que posteriormente vendeu por 220.000 contos à tal Socenco, que, entretanto, conseguiu da Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 90.000 contos, parte dos quais já pagos e em larga medida entrados nos cofres da Opercal...

A busca

Do eng. Madeira, figura ligada ao CDS, contam-se muitas his-

tórias no Centro Comercial do Cacém. Muito comentada, por exemplo, é a busca de que foi alvo no aeroporto da Portela quando se preparava para partir para a Suíça, nos primeiros dias de Junho, acompanhado da dr.ª Maria José Barata, funcionária da Opercal. Ao que diz a Guarda Fiscal, tratou-se de uma denúncia, segundo a qual o eng. Madeira levava consigo 6.000 contos em dinheiro. A busca efectuou-se e, ainda segundo a GF, nada foi encontrado, embora o eng. Madeira tivesse perdido o avião. Os comentários, contudo, ainda hoje fervilham no Centro, pois o engenheiro quis abafar o caso, dando a impressão que tinha mesmo ido até à Suíça — o que efectiva e estranhamente não aconteceu, apesar de haver outros aviões para Zurique para além daquele que perdera...

Simultaneamente sabe-se — e comenta-se — que o eng. Madeira poucos dias antes de querer partir para a Suíça, havia recebido, em nome da Opercal, 8.000 dos 10.000 contos que a Caixa Geral de Depósitos havia dado à Socenco.

Mas, como todos dizem, isso não é o mais grave — o que a todos verdadeiramente aflije é o facto do eng. Madeira "governar" o Centro Comercial à sua maneira, afastando quem se lhe oponha e despedindo quem não lhe esteja nas boas graças. Obviamente, por interpostas pessoas, uma vez que, legalmente, ele nada tem a ver com a Socenco, firma que administra todo o "Shopping".

O escândalo

O escândalo, de resto, já foi tão longe, que um dos adminis-

tradores da Socenco, o sr. Simões Rios, se demitiu no final de Junho, enviando ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral daquela empresa uma elucidativa carta.

Diz Simões Rios: «(...)Fundamentalmente a minha decisão deve-se ao facto de discordar em absoluto com as interferências constantes de algumas pessoas estranhas à Socenco, nomeadamente o sr. eng. Eduardo Manuel Franco Madeira, nos assuntos internos, da mais variada natureza, dentro da empresa, perante a passividade do seu presidente do conselho de administração, sr. eng. Mário Lima Infante.

A prová-lo, estão factos, por de mais conhecidos da administração, dos lojistas e até de estranhos, que atingem o bom nome da Socenco e da sua administração, que caiu no ridículo e já é motivo de chacota.»

E Simões Rios descreve depois algumas dessas interferências: «ordens para despedir pessoal invocando motivos que não correspondem à verdade; interferência na selecção de uma pessoa a admitir e absolutamente necessária no sector da contabilidade — dos dois seleccionados, um foi excluído por suspeita de ser activista dum partido de esquerda(...)»

O administrador demissionário invocou ainda outros motivos (nomeadamente a existência de estranhos e complicados arrombamentos dentro do Centro, de que há queixas na Judicária), mas o fundamental é reter que, por ordem do eng. Madeira, há já vários despedimentos de trabalhadores sem qualquer base legal, com a agravante de alguns casos se tratar apenas de sus-

peitas de serem simpatizantes de partidos de esquerda.

Tirano de trazer por casa

Na Siasbe — o cabeleireiro do Centro — havia, em Junho, 25 funcionárias — e apesar de todas elas terem feito os respectivos descontos para a Previdência desde Dezembro de 1979, o eng. Madeira, um dos sócios da Siasbe, deu instruções ao contabilista da firma para "guardar" esses descontos...

A directora técnica da Siasbe — e também administradora — queixou-se do facto ao director do Serviço de Previdência e ao director dos Serviços Jurídicos da Caixa, mas entretanto, foi afastada da administração através de uma assembleia geral fantasma promovida pelo eng. Madeira...

Na sequência o ambiente "aqueceu" na Siasbe e os despedimentos começaram a suceder-se: Ana Paula Oliveira, Cristina Nascimento e a massagista (mãe de cinco crianças) são três trabalhadoras que foram vítimas desse procedimento. E o mais curioso é que o namorado de uma outra trabalhadora do Siasbe, um jovem chamado Jorge Gaspar que trabalhava na

administração do Centro, "apanhou por tabela".

«A minha miúda foi uma das representantes das trabalhadoras nas conversas com a administração do Siasbe quando surgiram aqueles problemas todos. E pronto — o eng. Madeira disse logo que ela era comunista e eu, como namorava com ela, também tinha que ser. Aliás ele chegou mesmo a dizer que tinha que acabar com os comunistas. E passado pouco tempo fui despedido sem qualquer razão. Ao princípio nem sequer me queriam pagar as indemnizações devidas, mas depois, ao que julgo por insistência do administrador sr. Rios, que não quis pactuar com ilegalidades, pagaram-me o que a lei estipula quanto aos despedimentos sem justa causa».

Curiosamente, Jorge Campos é um jovem que nada tem a ver com o Partido Comunista ou com qualquer partido de esquerda. Bem pelo contrário — tem tomado posições activas defendendo o partido do eng. Madeira. Só que este, na sua cegueira anticomunista, vê «comunas» em todo o lado, especialmente se não são instrumentos dóceis nas suas mãos de tirano de trazer por casa...

E assim vai o Centro Comercial do Cacém, uma espécie de pequeno "far-west" dos anos 80 nos arredores de Lisboa.

ACIDENTE VIAÇÃO

DE 18 DE JULHO 1980 CERCA 20.20 HORAS ENTRE UMA CAMIONETA VERMELHA CAIXA ABERTA E UM AUTOMÓVEL MERCEDES NO CRUZAMENTO DO MURTAL EM S. PEDRO ESTORIL E MARGINAL. PEDE-SE À PESSOA QUE PRESENCIOU ESTE ACIDENTE O FAVOR DE CONTACTAR TELEFONE 369291 LISBOA.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 73/80

«FORNECIMENTO DE UM TORNO MECÂNICO»

Faz-se saber que no dia 27 de Agosto de 1980, pelas 15.00 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o fornecimento acima referido, com a base de licitação de 900 000\$00 (Processo n.º 26/80/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 22 500\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

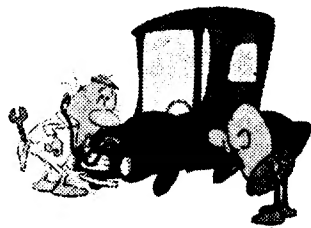
O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 23 de Julho de 1980.

O Presidente da Câmara Municipal
NUNO KRUS ABECAIS

POUPE COMBUSTÍVEL

Controle regularmente o consumo do seu carro. Se notar um aumento exagerado consulte o seu mecânico.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Mantenha sempre uma distância segura em relação aos outros veículos



na PAREDE a solução do seu problema habitacional

Compre o apartamento que sempre sonhou. No melhor ponto da Parede.

Qta. de S. António

Apartamentos de 2, 3, 4 assoalhadas com boas cozinhas, quartos espaçosos, varandas para o mar e para a serra, aquecedores, arrecadação interna, e garagem (colectiva). Comércio e transportes à porta.

CONSULTE-NOS. ESTUDAREMOS A SOLUÇÃO DO SEU PROBLEMA.

zona urbana da Parede



Actividades Imobiliárias, Lda.
Estrada Marginal 54-C
Poca - 2765 Estoril
TELEFONE: 268 78 07



CONHEÇA O SEU APARTAMENTO NO LOCAL DIARIAMENTE DAS 10.00 AS 19.00H



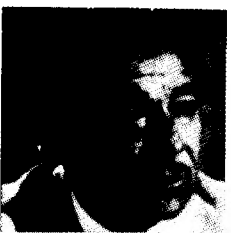
VITTORIO GASSMAN



ORNELA MUTTI



ALBERTO SORDI



UGO TOGNAZZI

3 DOS MAIORES REALIZADORES ITALIANOS
MARIO MONICELLI
DINO RISI
ETTORE SCOLA

OS NOVOS MONSTROS

Mundialmente aplaudida, uma obra prima de humor e sátira... à italiana!...

2.ª SEMANA DE ÊXITO!

MUNDIAL FILMES

Int. a menores de 13 anos



II FESTA DA PAZ E DA CULTURA LAGOS – 1, 2, 3 AGOSTO

Sexta-feira	Cinema – Teatro Império	– Sessão de Abertura	—	21.00 H
		– Teatro: «A PAZ» de Aristófanes	—	22.00 H
Sábado	Parque das Freiras	– Música e Canto	—	17.30 e 21.00 H
	Sociedade dos Artistas	– Curtas Metragens	—	18.00 H
	Igreja de Santa Maria	– Concerto	—	21.00 H
Domingo	Parque das Freiras	– Música e Canto	—	17.30 e 21.00 H
	Casa da Cultura	– Teatro: «PIC-NIC» de Arrabal	—	17.00 H
	Sociedade dos Artistas	– Recital de Poesia	—	18.00 H

MÚSICA E CANTO

Adriano C. de Oliveira, Brigada Vitor Jara, Carlos do Carmo, Fausto, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, Francisco Fanhais, José Jorge Letria, José Viana, Dora Leal e Conjunto Jorge Nascimento, Luís Cília, Paco Bandeira, Simone de Oliveira, Teresa Silva Carvalho, Conjunto Trovante, Dean Reed (actor e cantor americano), Soledad Bravo (cantora espanhola)

ARTES PLÁSTICAS

No Forte Pau de Bandeira e Antiga Fábrica da Ribeira, gravuras «Os Desastres da Guerra» de Goya, quadros de pintores portugueses sobre o tema a Paz (colaboração da SNBA), esculturas de João Cutileiro.

TEATRO

Centro Cultural de Évora, com a estreia nacional de «A PAZ». Teatro Laboratório de Faro, com a peça «PIC-NIC».

RECITAL

Armando Caldas, Ary dos Santos, Fátima Murta, Joaquim Pessoa, Manuel Branco, Maria Dulce.

FILARMÓNICA 1.º DE MAIO DE LAGOS ARTESANATO

Exposição e venda na Escola Secundária

CONCERTO

António Vitorino de Almeida, Awo Kouyoumdjian (pianista libanês), Andras Vargas (cantor de ópera húngaro) e Sandor Puskas (pianista), António Hamrol Pereira, Carlos Paredes e Fernando Alvim

CORAIS ALENTEJANOS

Câmara de Aljustrel, Ceifeiros de Cuba, Ganhões de Castro Verde, Grupo de Odemira, Mineiros de Aljustrel

Iniciativa do CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO.
Patrocínio da CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS e de uma Comissão de Honra algarvia. Apoio de dezenas de Câmaras Municipais em todo o País.

E N T R A D A

L I V R E

O custo dos acidentes de trabalho em França

Como contabilizar as despesas de prevenção?

Com 1 300 000 acidentes de trabalho e cerca de 200 000 acidentes de viação, a situação da segurança social em França está a tornar-se deveras grave e deveria preocupar de uma forma muito especial a opinião pública, os empresários e os poderes públicos.

Mas como acentuou o Instituto Nacional de Segurança: «Em muitas empresas fazer a prevenção dos acidentes ligados ao trabalho, é fazer trabalho social. E as despesas sociais são geralmente classificadas pela empresa entre aquelas que não podem ser contabilizadas como receitas seguras».

Daí uma tendência que persiste em fazer passar os investimentos prevenção depois dos investimentos-produção ou dos investimentos comerciais que apresentam, como em contrapartida das despesas efectuadas, possibilidades de amortização.

A prevenção custa caro; demasiado, segundo alguns, para lhe ser sacrificada a eficácia dos homens ou a rentabilidade dos encargos que ela impõe... Daí que se acredite na sorte, e quando o acidente acontece invoca-se a fatalidade.

No entanto um inquérito sobre os acidentes mortais demonstra que nas indústrias de construção civil os 2/3 de acidentes que nela se registam poderiam ter sido evitados se as regras de segurança em vigor tivessem sido respeitadas.

Nas outras indústrias, esta proporção é ainda de cerca de um quarto dos acidentes mortais que ocorrem.

Se se considerar o «custo» dos acidentes de trabalho, tanto o custo «dinheiro» representado pelos cuidados, prestações, gestão do risco, como o custo em número de dias perdidos para a produção, constata-se claramente que a prevenção não é somente uma necessidade humana e social, mas também uma necessidade económica. Ela é para a empresa assim como para a colectividade largamente «compensadora», mesmo que os resultados, ou seja o custo dos acidentes evitados, sejam difíceis de avaliar e não apareçam nos balanços.

O número de dias perdidos

As últimas estatísticas que acabam de ser publicadas pela Caixa Nacional de Assistência à Doença dos Trabalhadores e que dizem respeito aos acidentes de trabalho ocorridos em 1974, não vêm senão confirmar tristes realidades já verificadas em anos anteriores.

Para o conjunto dos trabalhadores, quer dizer para os 13 575 719 assalariados que são abrangidos pelo regime geral da assistência e pelos 678 962 assalariados abrangidos por regimes especiais, quer dizer para pouco mais de 14 milhões de trabalhadores, o número de dias perdidos, incluindo acidentes de viação, subiu para 173 263 246. Isto representa em média mais de 12 dias/ano por trabalhador. Estes dias são para a produção uma perda brutal e definitiva. Com algumas variantes estes números repetem-se todos os anos, sem demoverem a opinião ou desencadear medidas dos chefes das empresas dos quais um grande número está inclinado a considerar o acidente como fazendo parte dos riscos inerentes ao próprio trabalho e que continuam, de resto, muito mais preocupados com os conflitos sociais e as suas consequências do que com os acidentes de trabalho.

Meio século de greves

Entretanto o número de dias perdidos por greves é ínfimo comparado com aqueles que se perdem com acidentes de trabalho.

É assim que nos últimos cinco

anos o número de dias perdidos devido a greves mal ultrapassou os 4 milhões por ano, divididos assim:

1971: 4 387 000 dias perdidos
1972: 3 755 300 dias perdidos
1973: 3 914 600 dias perdidos
1974: 3 380 000 dias perdidos
1975: 3 868 900 dias perdidos

Pelo contrário, os acidentes ocorridos num só ano fizeram perder para a produção 173 milhões de dias, quer dizer mais do que as greves durante meio século mais ou menos agitado de conflitos sociais.

O custo financeiro directo

O custo financeiro destes acidentes é elevado e não cessa de crescer não só devido ao constante aumento dos tratamentos médicos como também devido ao

suportados pela Segurança Social e pelas empresas e estes 173 milhões de dias perdidos, não representam senão o custo directo e matematicamente possível dos acidentes de trabalho.

Mas a este custo directo junta-se o custo indirecto que todos os estudos feitos a nível internacional são unânimes em considerar duas a quatro vezes o custo directo. Numerosos chefes de empresa não parecem ter percebido claramente esta realidade ou então negligenciam-na. É, efectivamente, por dezenas de horas, por novos riscos e por dificuldades de toda a ordem que se contabiliza para a empresa um acidente, mesmo de pouca gravidade. Senão vejamos: o custo indirecto engloba também, os eventuais estragos na máquina e no material, no produto e nas matérias-primas e também a energia inutilmente dispendida. Daqui se depreende que, evitando estes acidentes, a empresa previne também este género de estragos que, além disso, revelam muitas vezes erros de organização. Enfim, além das taxas de cotização, o acidente provoca perdas em dinheiro bastante elevadas. As multas aplicadas a um empresário que não respeite as

Entretanto, quando se faz a análise dos acidentes de trabalho durante vários anos e a sua respectiva evolução sectorial, constata-se que os progressos realizados são diminutos e que depois de 15 anos a situação não melhorou muito à excepção das indústrias químicas.

A melhoria das taxas de frequência e de gravidade dos acidentes ao nível global está ela própria em parte ligada à evolução das estruturas da população assalariada e, em particular, ao desenvolvimento das actividades terciárias onde os riscos são muito menos elevados. No efectivo global dos assalariados, estas actividades terciárias passaram de 25 para 30 por cento e representam cerca de metade do aumento de efectivos.

Não é menos evidente que as infracções em matéria de higiene e de segurança são muito numerosas. Assim, em 1971, em cerca de 291 510 controlos, foram detectadas 468 588 infracções. Cerca de metade diziam respeito ao não cumprimento das regras de segurança e de higiene. Em 1972, o número de infracções tinha aumentado em cerca de 15% em relação ao ano anterior.



agravamento das taxas sobre a gravidade das incapacidades temporárias (passaram de 1,03 em 1973 para 1,09 em 1974) e ao aumento do índice de gravidade das incapacidades permanentes (subiu de 46,7 em 1973 para 47 em 1974).

Em comparação, no período compreendido pelo três anos anteriores o custo médio do acidente ordinário, nos 15 ramos de actividade da metrópole que englobam o regime geral, passou de 1.453 F para 1.649 F, quer dizer, um aumento de 13,5%. Este preço varia contudo e bastante de um sector industrial para outro conforme a diferença de risco. Pondo de parte os regimes especiais de que alguns, curiosamente, querem esconder os números dificultando a sua publicação nas estatísticas oficiais, os acidentes de trabalho custaram, à Segurança Social em 1974, mais de 5,8 mil milhões de francos novos para o reembolso das despesas com medicamentos e das rendas de invalidez num total de 9 mil milhões de francos à nação.

O custo indirecto dos acidentes

Estas 9 mil milhões de francos

disposições do código de trabalho atinjam por vezes somas gultuosas visto que são multiplicadas pelo número de infracções detectadas... mesmo que os empresários avaliem o custo das multas como sendo ao custo das instalações de protecção.

Balanço da prevenção

A experiência mostra que sempre que a prevenção é bem feita ela é em aceite pelos trabalhadores e a produção em vez de diminuir aumenta sempre que as regras ou os dispositivos de segurança foram bem estudadas e estabelecidos com realismo. Assim, numa importante empresa metalúrgica, depois de uma acção de prevenção, os ferimentos nas mãos que representavam 55% dos acidentes e 30 dias de interrupção do trabalho para 100 operários, desceram para 19% e não representam mais de 4 dias perdidos para o mesmo número de operários. Na mesma empresa, a protecção das mãos e dos olhos permitiu ganhar cerca de 13 000 dias de trabalho por ano para um total de 5300 operários.

Mulheres em Copenhaga

Adoptado programa de acção para que a causa progrida

• EUA e Israel os grandes derrotados

A Conferência Mundial das Mulheres adoptou ontem um programa de acção destinado a fazer com que a causa das mulheres registre novos progressos nos próximos cinco anos.

A Conferência, que prolongou depois os seus trabalhos, não pôde, porém, chegar a acordo unânime quanto a este programa que foi ratificado por 94 votos, contra 4 e 22 abstenções. O escrutínio decorreu numa atmosfera tensa em que se misturavam as impressões de azedume entre as ocidentais e de alegria do lado da OLP, dos países árabes e da Europa do Leste.

A maioria dos delegados decidiram incluir no texto do programa uma referência ao «sionismo» assimilado ao racismo e ao imperialismo.

A maior parte das delegações ocidentais, incluindo os nove países da CEE e a Nova Zelândia, classificaram — esta modificação do programa como inaceitável e abstiveram-se. Os Esta-

dos Unidos e Israel que são os grandes derrotados, desta conferência, votaram contra, bem como o Canadá e a Austrália.

Durante o debate, muito confuso, que precedeu a votação relativa à emenda introduzindo a palavra «sionismo», a delegada de Israel declarou que esta iniciativa saía da «noção racista negando ao povo judeu o direito à autodeterminação». Denunciou a propósito «as tentativas feitas para dar um ar de respeitabilidade ao anti-semitismo».

As representantes da Dinamarca, do Canadá, da Nova Zelândia, dos Estados Unidos e do Luxemburgo usaram depois, sucessivamente, da palavra, para denunciarem a «excessiva politização» da Conferência.

Exprimiram decepção por não terem podido, durante as discussões que decorreram em Copenhaga, impedir que os problemas de interesse directo para as mulheres fossem relegados para segundo plano.

Em Espanha

Cartilha da grávida

é instrumento preventivo

Acaba de ser elaborada em Espanha a «Cartilha da Grávida» com o intuito de tentar eliminar as principais perturbações do período da gravidez que, dizem especialistas, estão na base de grande parte das deficiências físicas e mentais.

Segundo um relatório do Boletim Epidemiológico da Direcção-Geral da Saúde Pública, com a «Cartilha da Grávida» será possível levar a cabo em laboratórios diagnósticos sobre a rubéola, doença, que provoca múltiplas lesões mentais no feto.

O domínio da prevenção da anormalidade, de grande actualidade em Espanha, é reforçada mediante este sistema que tenta controlar a evolução da gravidez evitando que as infecções e intoxicações da mãe alterem de forma irreversível o desenvolvimento normal do feto.

Em Espanha, existem actualmente — segundo estatísticas do Ministério da Saúde — mais de

300 000 deficientes mentais cuja origem se situa em três momentos fundamentais.

O pré-natal, quer dizer, todos os elementos que incidem sobre o desenvolvimento do futuro filho durante a gravidez. O perinatal, ou seja, no momento do nascimento, e o pós-natal ou todos os traumas psíquicos e físicos que a criança sofre na sua primeira infância.

É precisamente no primeiro momento que todos os envolvidos de algum modo neste domínio tentam concentrar os seus esforços.

E isto, principalmente, por duas razões: primeiro, porque é neste momento que se podem tomar acções destinadas a evitar uma má formação do feto; segundo, porque, a uma criança nascida com deficiências a ciência pouco pode fazer para a restituir ao «estado normal».

Com a divulgação da «Cartilha da Grávida» eliminam-se muitos riscos de ter filhos deficientes.

Fixadas indemnizações das Fides e FIA

A Assembleia da República fixou em 310 e 435 escudos respectivamente as indemnizações dos valores das unidades de participação do Fundo de Investimento para o Desenvolvimento Económico Social (FIDES) e do Fundo de Investimento Atlântico (FIA).

A lei da AR foi ontem publicada no «Diário da República» e estipula que a indemnização se efectiva mediante a entrega de títulos da dívida pública no montante igual ao valor fixado, excepto quando

for inferior a dez mil escudos, situação em que os indemnizados receberão em numerário.

A AR autorizou o Governo a emitir um empréstimo interno, amortizável denominado obrigações do Tesouro 1980, FIDES e FIA, exclusivamente destinado a ocorrer ao pagamento das indemnizações previstas na lei.

Este empréstimo não poderá exceder dez milhões de escudos.

PUB.

DR. JOSÉ MANUEL SANTOS BRAGA E MULHER

Contactar urgentemente com família. Estamos preocupados

de ontem para hoje

Incêndio criminoso na mata de Monsanto

No incêndio que das 21 às 23 horas de ontem deflagrou em Monsanto, numa zona entre as estradas do Barçal e do Forte, junto a S. Domingos de Benfica, arderam, várias dezenas de pinheiros e sobreiros, para além de muito mato. Os Bombeiros da Segunda Companhia de Sapadores e dos Voluntários de Campo de Ourique, que combateram o sinistro, admitiram a probabilidade de fogo posto.

Testemunhas de Jeová: dez mil fiéis reunidos no Restelo

Cerca de dez mil «fiéis» estiveram ontem reunidos, no Estádio do Restelo, no início do Congresso do Distrito «Amor Divino» da Associação das Testemunhas de Jeová. O congresso, em que se encontram representadas cento e trinta e nove congregações de Testemunhas de Jeová, prolongar-se-á até ao próximo dia 17 de Agosto.

Matou por 120 escudos: prisão maior para estrangulador

O Tribunal de Braga condenou ontem o calceteiro, António Manuel Oliveira da Costa, de 21 anos, à pena de dezasseis anos e trinta dias de prisão maior, sob a acusação de ter assassinado, Domingues Oliveira Gomes, de 28 anos, empregado de seriação, estrangulando-o com um fio eléctrico. O homicídio ocorreu em Março do ano passado, na Rua D. Gualdim Pais, Braga, na casa onde Domingues residia e a quem o calceteiro tirou 120 escudos.

Avaria na Linha de Sintra: comboios pararam duas horas

Devido a avaria numa composição, entre a Damaia e a Amadora, o tráfego ferroviário na Linha de Sintra esteve ontem interrompido, entre as 20 e as 22 horas, prejudicando assim milhares de utentes.

Em Varzim: capitão na reserva atropela peões

Um carro conduzido pelo capitão na reserva, Benjamim Pires de Castro, residente na Amadora, despiu-se (por motivos ainda não apurados), na Rua Gomes de Amorim, na Póvoa de Varzim, indo colhar três homens (um dos quais mortalmente) que conversavam num passeio da Rua Gomes de Amorim. As vítimas são, Ferreira Gonçalves, de 58 anos, que chegou já sem vida ao Hospital de S. João, no Porto, o comerciante, José Ferreira da Silva Figueiredo, de 34 anos, que continua internado em estado grave e o calceteiro, Manuel Lopes que, embora internado no Hospital da Póvoa de Varzim, já está livre de perigo.

Festival Nacional de Folclore: nove grupos na Guarda

Nove grupos folclóricos de seis províncias portuguesas participam em 9 de Agosto, na Guarda, num Festival Nacional de Folclore, segundo foi ontem anunciado naquela cidade. A iniciativa, da câmara municipal e do Centro Cultural da Guarda, compreende um desfile etnográfico.

Na estrada das Beiras: duas mortes por despiste

Dois homens (António Fernandes, de 47 anos, que conduzia e Alberto de Jesus Couto, de 37) perderam ontem à noite a vida, quando o automóvel em que se-

guiam, se despistou indo embater contra um pinheiro. O acidente, certamente provocado por encadeamento de luzes ocorreu na estrada da Beira, entre Almas da Tapada e Senhor das Almas, no concelho de Oliveira do Hospital.

Touros e sardinhas: Festas do Barrete Verde em Alcochete

As Festas do Barrete Verde, em Alcochete, segundo foi ontem anunciado naquela vila ribatejana, irão este ano decorrer entre 8 e 14 de Agosto, numa realização, como já é tradicional, do Apolo do Barrete Verde, uma colectividade fundada em 1937 e virada, essencialmente, para a festa dos touros à portuguesa. Do programa constam as infalíveis largadas de touros, as sardinhas e as manifestações folclóricas.

Sem motivo aparente: tiros de caçadeira na cabeça

Manuel Augusto Gonçalves Ramos, de 59 anos, pai de dois filhos menores, pôs termo à vida com dois tiros de caçadeira, na sua casa localizada na freguesia de Baraçal (Sabugal). Foi a mulher de Manuel Augusto quem o encontrou depois de ter ouvido os disparos. Não se conhecem razões para o acto.

«Beijaroqueiro» português: o alvo era o cadáver

José Moura, o «beijaroqueiro» português, foi ontem preso no Rio de Janeiro quando tentava «oscular» o cadáver do cançonetista Paulo Sérgio. Conhecido por ter beijado o Papa, Frank Sinatra, o presidente João Figueiredo, artistas famosos e futebolistas, José Moura, que é motorista de táxi, tentou por várias vezes romper o cordão policial e acabou por ser detido. Mais de três mil admiradores de Paulo Sérgio, um cançonetista popular frequentemente acusado de tentar imitar Roberto Carlos, tentaram ver os restos mortais e originaram sérios tumultos.

Contribuições ou participações: prazo alargado até 8 de Agosto

Face à redução da actividade das repartições de finanças motivada pela greve dos funcionários dos impostos, o Ministério das Finanças e do Plano, «tendo em vista evitar que os contribuintes sejam prejudicados», determinou que, até ao próximo dia 8 de Agosto, continuem a ser recebidos sem qualquer multa os seguintes impostos ou declarações cujo limite era 31 de Julho: entrega trimestral do Imposto de Transacções; entrega trimestral do Imposto Profissional; entrega do Imposto de Selo; benefício das tréguas fiscais; entrega do Imposto de Capitais (depósitos); entrega da declaração Modelo 2 da Contribuição Industrial (Grupo A) e entrega da declaração Modelo 3 da Contribuição Industrial (Grupo B), dadas as «tréguas fiscais».

Mas «Antónia Antónia» queria mais

Vinte e dois anos de prisão para os três soldados do Ralis

Foi quase dramática a reacção dos dois jovens advogados Lénia Serra e Acácio Lourenço — perdidos nas suas contradições ao longo das vinte sessões de todo o julgamento — ao serem confrontados perante a dureza «plenária» do tribunal presidido pelo coronel Clodomiro Alvarenga, coadjuvado (diríamos juridicamente «comandando» pelo juiz auditor Gonçalves Pereira), ao escutarem as penas de dez anos de prisão maior aplicadas aos seus constituintes, Firmino Duarte e Paulino Rodrigues, respectivamente, considerados ontem à tarde, em Santa Clara, como co-autores do crime de «homicídio voluntário» na pessoa de António Ramalho, e do crime de «homicídio frustrado» relativamente a Maria da Conceição. Serena seria, por outro lado a atitude de Agostinho Pereira Miranda ao escutar, na voz apressada e quase imperceptível (como se de «fantasmas» fugisse) do juiz Gonçalves Pereira, a sentença de dois anos de prisão correccional aplicada ao soldado Manuel dos Santos, de que foi patrono. Sentença que mereceria de «Antónia Antónia» a apreciação dita, alto e bom som, em plena sala de audiências: «Isto com o Santos não poderá ficar assim!».

Assim foi cumprida parte do revanchismo do «diabo», portavoz, ora frontal ora velado, de um processo que «ressuscitou», repetimo-lo, pelo agora eclipsado juiz Hugo Barata (por ele instruído em conjunto com Gonçalves Pereira, disseram-nos) e aqui outra ilegalidade (quem instrui não pode julgar). E escrevemos parte porque o acórdão ontem lido em Santa Clara é todo ele um libelo acusatório em aberto, deduzindo novos parâmetros aos investigadores, deixando adivinhar que a «caça às bruxas» vai continuar, que há novas prisões a efectuar, que Paulino, Firmino, Manuel dos Santos, são simples «bodes expiatórios» e que a «caçada» vai avançar. Porque a «benevolência» de Gonçalves Pereira se parece esgotar nos «pides» Agostinho Tienza e Pereira de Carvalho e a «competência jurídica» parece estar exclusivamente virada para tudo o que de «Ralis» (Abril) conste, com o Andrade da Silva ainda bem presente.

Defesa: «Um acórdão extremamente gravoso»

E escrevemos tudo isto porque temos a força moral e a deontologia (sem carregarmos na nota da falsa modéstia) de termos estado presentes em todo este julgamento (ontem a bancada da Imprensa era uma colmeia onde sempre aconteceu um deserto). E porque estivemos sempre fisicamente presentes podemos dizer que a «espada» que Clodomiro Alvarenga ontem empunhava, ora trêmula ora castrense, não era o sinónimo



Momentos antes dos disparos é nítida a preocupação dos militares em deixarem sair António Ramalho, ileso, do Ralis. As armas estão ao alto e um graduado aconselha calma aos circunstantes



O juiz-auditor, Gonçalves Pereira (na «foto» à direita) quando, após a leitura da sentença, dialogava com os advogados da acusação (de costas) e do soldado Paulino, respectivamente, Moura Coutinho e Acácio Lourenço

erecto de quem mostrou, em nossa opinião, parcialidade de juízo, ao permitir, por exemplo, que uma qualquer «Antónia, Antónia», mulher de muitos e estafados ofícios, ultrajasse continuamente a «dignidade» do executivo de que o coronel é presidente, ao emitir, ele próprio é parecem críticos parciais, denegando, publicamente, jornalistas (nós próprios) enquanto era todo cortesias para com as Lagoas que nestas praças se tecem.

Mas voltando ao acórdão. Tudo o que nele consta mais não faz do que repetir a acusação particular, retomando quase a papel químico as teses escritas do promotor de Justiça (via Miranda Baptista) ao ignorar a personalidade de António Ramalho (que para além das suas «nuances» pelos bastidores do Intendente) era um cadastrado de delito comum, à altura dos incidentes obrigado a apresentar-se semanalmente no Tribunal de Oeiras (há pouco saído da prisão), ele e Maria da Conceição surgidos por obra e graça (?) frente ao Ralis, em atitudes e palavras de insuspeita e comprovada provocação. Um acórdão que lança às urtigas a Lei da Amnistia aprovada pela Assembleia da República. Enfim, um acórdão «extremamente gravoso», segundo Acácio Lourenço (de cujas decisões os advogados de Paulino e Firmino já recorreram para o Supremo Tribunal Militar), e que irá ficar, disso estamos certos, bem com os seus autores, na história da justiça «plenária» que neste momento, em força já se volta a fazer com uma cedência perturbadora em Portugal.

Manuel Geraldo

Segundo relatório da OCDE

Receitas do turismo em Portugal aumentaram 60 por cento em 79

As receitas do turismo em Portugal tiveram um aumento de quase 60 por cento em 1979 em relação ao ano anterior — revela um relatório da OCDE.

Globalmente, nos 24 países membros da OCDE, o aumento das receitas foi de 19 por cento, o que significa que o turismo português obteve resultados superiores à média.

Os outros países que viram as suas receitas de turismo aumentarem foram a Itália, o Canadá, a República Federal da Alemanha e os Estados Unidos. Por outro lado diminuíram as receitas na Espanha, Grã-Bretanha e França.

Segundo as estatísticas da OCDE, as receitas obtidas por Portugal através do turismo

atingiram 940 milhões de dólares em 1979 contra 592 milhões de dólares no ano anterior, ou seja, mais 58,8 por cento.

Nos primeiros quatro meses deste ano o número de turistas entrados em Portugal, também aumentou 60 por cento em relação a igual período do ano passado.

Por seu turno a União de Bancos Suíços constata um incre-

mento da saída de turistas suíços que atinge os 10 por cento este ano, depois de já ter registado uma subida de 11 por cento em 1979.

Devido à alta dos preços e à greve na indústria hoteleira a Espanha está a perder clientela, ao passo que a Grécia, os Estados Unidos e as Caraíbas continuam a ter muita procura.

Técnicas de direcção e de organização

Uma vez um francês

Tem um dirigente francês ou italiano uma visão diferente do seu trabalho da que tem um alemão ou um norte-americano? O prof. Laurent da INSEAD pensa que sim.

Pesquisa levada a efeito pelo prof. André Laurent da INSEAD/CEDEP, a escola internacional de negócios de Fontainebleau em França, sugere que dirigentes que trabalham para empresas multinacionais conservam as suas características nacionais e resistem a incorporar-se em uma cultura «universal». Laurent sugere que empresas multinacionais devem aberta e explicitamente reconhecer as diferenças nacionais em vez de tentar forçar as pessoas a um modelo único.

O seu estudo, que ainda prossegue, pretende identificar e averiguar o impacto de culturas nacionais em como dirigentes em nove países europeus ocidentais e nos EUA entendem direcção e organização. Laurent desenvolveu um questionário em Inglês e Francês que compreende 56 questões relativas a vários aspectos de direcção e organização. Uma escala de opinião de cinco pontos foi ligada a cada questão e foram colhidos elementos de grupos de dirigentes médios-altos em dez países que estavam frequentando cursos programados de desenvolvimento executivo na INSEAD.

Tendo coligido os seus dados de preferência nacionais, Laurent dispôs-se a descobrir se a cultura em duas empresas multinacionais seria suficientemente forte e penetrante para repelir diferenças nacionais. Não era.

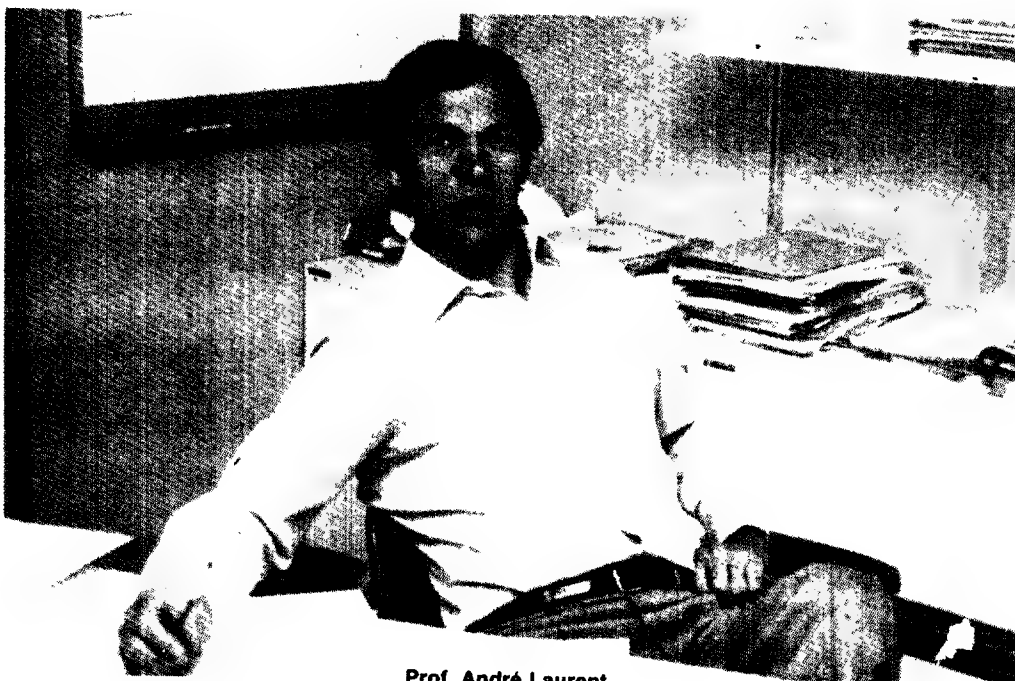
No caso de dirigentes de uma firma química, com sucursais em França, Alemanha Ocidental e Reino Unido, as pontuações médias dos três países tendiam a distanciar-se, em vez de diminuir, das diferenças nacionais detectadas no inquérito original. No caso de uma empresa de equipamento de escritório, 30 dirigentes dos mesmos dez países, bem caracterizados no inquérito original, de novo demonstraram que trabalhar para uma empresa multinacional não tinha, significativamente, alterado os seus pontos de vista.

A pesquisa de Laurent sugere que a concepção de poder, estrutura e autoridade, de um dirigente norte-americano é comparável com as dos dirigentes norte-europeus. «A maior diferença de visão», diz ele, «é entre os EUA e a Itália». Os dirigentes dos EUA e muitos norte-europeus tendem a definir organização em termos de funções — quem faz o quê, porquê, quão importante é isso para o êxito da organização e como se inter-relaciona com outras partes da organização como um todo. Isto contrasta com o que Laurent chama acessibilidade social de países como a França e Itália, onde a organização é mais definida em termos de posição social e autoridade.

A acessibilidade funcional requer que as relações superior-subordinado sejam encaradas em termos impessoais e altamente específicos. Uma vez que autoridade, sob este ângulo, tem uma base racional, e pode melhor ser disputada ou discutida em campo racional. Campos emotivo e pessoal são considerados inadequados. A acessibilidade social, em contraste, reforça a pessoal e geral superioridade de um indivíduo sobre outro, em uma organização. Autoridade está mais ligada a poder do que com alcançar objectivos específicos. A hierarquia é mais subentendida como uma hierarquia de pessoas do que com posição. Uma vez que autoridade se funda em uma base não-racional, não pode ser disputada ou discutida em campo racional, diz Laurent.

Laurent perguntou a 772 dirigentes se eles concordavam com a afirmação de que muitos dirigentes pareciam mais motivados por obter poder do que em alcançar objectivos. Sessenta e três por cento de dirigentes italianos e 56% de dirigentes franceses concordaram com esta proposição, enquanto que apenas 26% de holandeses e 25% de dinamarqueses o confirmaram. Analogamente, foram os dirigentes italianos e franceses que mais tenderam para subentender organizações como sistemas autoritários. Metade dos 32 dirigentes italianos entrevistados concordaram que a principal razão para se ter uma estrutura hierárquica é tal que todas as pessoas sabem quem tem autoridade sobre quem. Apenas 18% de dirigentes com isso concordaram.

Tais contrastantes atitudes abarcam tanto ensino de direcção como prática de direcção, diz Laurent: «Quando se estudam organizações na London Business School (Escola de Negócios de Londres) do que se trata é sempre de dimensão e estrutura. Quando se estudam numa escola francesa ou seminário de negócios, apreciam-se organizações onde os participantes jogam jogos de poder.»



Prof. André Laurent

Outras questões abordadas por Laurent relacionam-se com a concepção dos dirigentes na definição do papel e das relações hierárquicas. Os resultados mostram claramente que os dirigentes da Alemanha Ocidental, França, Bélgica e Suíça se mostram mais agradados por terem papéis definidos nas suas organizações do que dirigentes suecos, holandeses e norte-americanos. Apenas dois em 50 dirigentes suecos concordaram que muitas organizações estariam muito melhor se conflitos pudessem, para sempre, ser eliminados. No entanto, 41% de dirigentes italianos, 27% de belgas e 24% de franceses foram a favor desta proposição.

Italianos, belgas e franceses pensaram que era importante para um dirigente ter respostas precisas para a maioria das questões que os subordinados pudessem levantar sobre o seu trabalho. Pensaram também que uma estrutura organizativa na qual certos subordinados têm dois chefes directos devia, a todo o custo, ser evitada. Então, direcção em matriz (trabalho em equipa) em que um empregado trata com mais de um chefe, é condição para ser melhor aceite na Europa do Norte do que nos países latinos do Sul. Nos últimos, de acordo com Laurent, as pessoas têm mais «problemas» com autoridade. Tratar com dois chefes, diz ele, está praticamente fora do alcance das suas mentalidades. «Na verdade», acrescenta, «a impressão que eu

tenho falando com dirigentes franceses aqui na INSEAD é a de que eles aceitariam mais que uma organização se extinguisse do que pudesse, em alguns sectores, haver pessoas que tratassem com dois chefes.»

Diz Laurent que não se pode deduzir daqui que empresas com filiais francesas ou com pessoal francês trabalhando numa equipa multinacional, não tentassem introduzir direcção em matriz (trabalho em equipa). No entanto, deveriam estar mais preparados para trabalhar nesse sentido, e não se deveriam enganar a si próprios de que todas as pessoas, sem excepção, o aceitariam fervorosamente.

Direcção por Objectivos (MBO — Management by Objectives — veja-se «Diário de Lisboa» de 8 de Março de 1979, pág. 19; e 20 de Março de 1979, pág. 14) é outro exemplo, sugere Laurent, de uma bem conhecida técnica, concebida no contexto norte-americano e que apresenta uma muito diferente imagem em França. «O dirigente francês», diz ele, «vê claramente que detrás do MBO há uma forte pressão dos dirigentes superiores não só para tornar mais efectivo o sistema, mas também mais responsável em atingir finalidades. O dirigente norte-americano

no vê o MBO com uma técnica natural de direcção, mas o francês subentende-o como uma pressão potencial sobre si, e reage de acordo.»

Laurent diz que é necessária boa dose de mais pesquisa antes que seja possível tirar conclusões que possam aplicar-se de uma maneira prática dentro de organizações. Mas talvez que não seja muito fantasioso pensar em empresas multinacionais no futuro com posições diferentes de direcção preenchidas na base das forças e das fraquezas, percepções e preconceitos, dos dirigentes de diferentes nacionalidades. As empresas, então, capitalizariam destas diferenças em vez de tentarem ignorá-las.

ROY HILL
Editor Principal

Ao apresentarmos este artigo (reimpresso por permissão especial de INTERNATIONAL MANAGEMENT, edição de Junho de 1980, copyright (c) McGraw-Hill International Publications Limited, com todos os direitos reservados) pensamos naturalmente no contexto português e nas vantagens acaso decorrentes para os nossos trabalhadores (e estes consideramos a todos os níveis, porque dirigentes também o são ou... deveriam dê-lo) de conhecerem métodos de direcção e de organização a que, fatalmente, dir-se-ia, se terão uns e outros de adaptar, quicá modificando-os, no futuro «universalizado».

mais ou menos próximo, da actividade de trabalho e de realizações.

Pouco após a tomada de posse da actual vereação da Câmara Municipal de Lisboa, cerca do início de 1980, foi anunciada em Diário Municipal pelo seu presidente a adopção inovadora da técnica de «Direcção-por-Objectivos». Há muito tempo que se sabe que é necessária e urgente uma reestruturação de serviços da CML. E tendo-se em conta, por exemplo e entre muitos outros, que certo vereador socialista da precedente vereação, após meses (!) de despacho com a 7.ª Repartição da Direcção de Serviços de Urbanização, chegara à conclusão, em 22 de Maio de 1978, de que este era rigorosamente ineficaz, pergunta-se, humildemente, como é possível adoptar técnicas de gestão de trabalho-em-equipa apoiadas em deficiente e ancilosa estrutura e organização de serviços camarários. Durou meses (!!!) o trabalho infrutífero do vereador. E um mês mais, ainda, até 19 de Junho de 1978, a comunicar o seu insucesso aos seus colegas da vereação reunidos, nesta última data, em sessão conjunta. A CML tem em atraso a publicação das actas das reuniões da ve-

Os caracóis ("marisco dos pobres") nos hábitos alimentares dos portugueses

«Caracol, caracol põe os pauzinhos ao sol que as bruxas comem pão mole a chover e a fazer sol».

Esta era uma lenga lenga que as crianças das aldeias costumavam cantarolar, quando as chuvas da Primavera faziam sair os caracóis dos seus esconderijos.

Considerados o «marisco dos pobres» por serem um petisco barato em relação ao verdadeiro marisco, os caracóis são actualmente vendidos no mercado a cento e vinte escudos o quilo.

O senhor Joaquim, proprietário duma das mais antigas casas de caracóis de Lisboa, afirmou que aqueles moluscos são hoje vendidos ao público a cinquenta escudos a travessa (250 gramas) — a mesma quantidade que há trinta anos custava 2.50.

Apesar disso, os caracóis invadem as tasca de Lisboa e estão já enraizados nos hábitos alimentares dos portugueses.

O senhor Joaquim recordou a propósito que um emigrante radicado na Alemanha, ao vir de férias a Portugal, após uma viagem de três mil quilómetros, se dirigiu directamente à sua «tasca» e comeu vinte travessas de caracóis.

«Tais eram as saudades que tinha dos caracóis do seu país» — disse.

Os moluscos designados por caracóis, quer terrestres quer aquáticos, têm cerca de três mil espécies espalhadas por todo o mundo.

Em Portugal os caracóis terrestres mais conhecidos — porque comestíveis — são as caracoletas e os caracóis propriamente ditos.

As caracoletas dividem-se em «caracoletas mouras» e «caracoletas riscadas».

Dos caracóis propriamente ditos conhecem-se o «caracol canário» e o «caracol miúdo».

Das espécies aquáticas, o mais conhecido é o «burriê», de origem marinha.

As zonas onde os caracóis abundam são as do Algarve, Alentejo e Ribatejo, onde intermediários se deslocam de carrinha, comprando aos camponeses, a preços muito baixos. Esses intermediários chegam mesmo a comprar a cinco e dez escudos o quilo, quando os vendidos a 100 escudos.

Nos arredores de Lisboa (Sintra, Mafra, S. Domingos de Rana) os caracóis são normalmente apanhados por pessoas que os vendem directamente ao comerciante.

O período da apanha inicia-se em Março, intensificando-se na época das ceifas, ou seja, Julho, Agosto e Setembro.

Segundo referiu o senhor Joaquim, os caracóis possuem um

«gosto fino», pois escolhem as ervas mais tenras e frescas para a sua alimentação.

Embora o mercado não respeite a natureza, os caracóis não devem ser comidos entre Setembro e Março por ser o período da fecundação.

Os caracóis são hermafroditas, e põem entre sessenta a noventa ovos.

Normalmente os ovos são depositados numa cavidade em lugar fresco, a um centímetro de profundidade.

Os «caracolários» — terrenos apropriados à sua reprodução — cuja origem remonta à época dos romanos, estão já desenvolvidos em países da Europa como a França, Alemanha, Itália e Suíça obtendo-se em média quatro posturas anuais.

Em Portugal existem apenas «viveiros» onde os moluscos são guardados durante oito dias antes de serem cozinhados para que as impurezas sejam eliminadas por secreção. Esses viveiros são normalmente cestos ou caixas apropriadas onde os caracóis são submetidos a jejum, podendo também ser alimentados a farinha de trigo ou sementes, o que os torna adocicados.

Antes de serem consumidos, os caracóis devem ser bem lavados e enxaguados em água corrente.

A cozedura deverá durar entre oito a dez minutos.

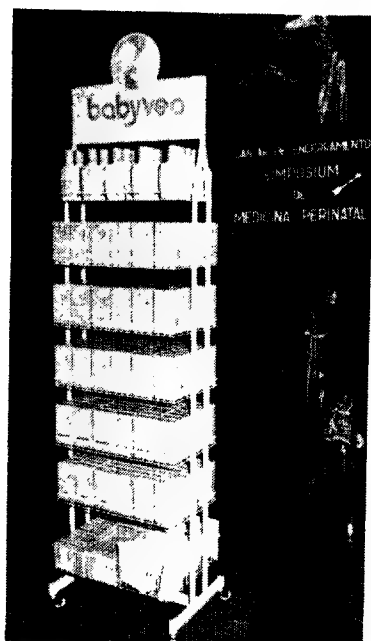
A crença popular atribui-lhes valor nutritivo e fortificante, quando comidos crus e em jejum, nos estados de fraqueza e fadiga.

Igualmente as «babas» do caracol esmagado, filtradas e misturadas com açúcar mascavado, constituem um xarope de comprovado êxito na cura de tosse convulsa, diz o povo.

Podendo ser cozinhado de variadíssimas formas, o caracol já é há muito considerado digno de figurar nos livros de culinária. Nos «clássicos» das boas cozinheiras encontram-se receitas de caracóis à algarvia, à transmontana, à mexicana, à romana, no espeto ou em manteiga, entre outras.

Ofélia Leitão, da Anop

babyvea



PRODUTOS PARA BEBÊ

PRESENTE NO SIMPÓSIO DE MEDICINA PERINATAL

Babyvea — a nova gama de produtos criados especialmente para a higiene do bebé, teve enorme gosto em colaborar com a Sociedade Portuguesa de Pediatria no Simpósio de Medicina Perinatal que teve lugar nos dias 25 e 26 de Junho em Lisboa

"Universidade de Verão" na próxima semana

Cerca de 230 jovens de quinze países europeus e ainda representantes dos dois principais partidos dos Estados Unidos, o republicano e o democrático, vão estar em Lisboa na próxima semana. É a «Universidade de Verão» e os temas que vão ocupar os participantes relacionam-se com as questões políticas mais candentes na cena internacional actualmente.

A «Universidade de Verão» é uma iniciativa internacional da organização «European Democrat Students» e tem o empenho mobilizador e organizativo de partidos políticos demo-cristãos, liberais e conservadores na Europa. E um lema: «Construção de uma Europa unida e democrática».

A representação em Portugal é da Juventude Centrista, do CDS que ontem e a propósito emitiu um comunicado explicando por que motivo a «Universidade» é este ano em Portugal: 1980 é um ano «de importância fundamental no nosso processo de adesão à CEE». E os jovens do CDS afirmam que a concretização da iniciativa em Lisboa é «mais uma prova de apoio dos aliados europeus» ao que a AD, ao entrar para a administração política do Poder em Portugal depois das eleições de fins do ano passado definiu como «prioridade das prioridades», a integração euro-económica de Portugal.

O interesse do CDS nesta iniciativa parece não ser pouco: entre os oradores portugueses que vão falar nas sessões contam-se Freitas do Amaral, Amaro da Costa e Francisco Lucas Pires.

Matrículas no 12.º ano

O prazo de inscrição para as matrículas no 12.º ano de escolaridade foi alargado até 8 do corrente, de acordo com o Ministério da Educação.

O adiamento deve-se a dificuldades surgidas na distribuição dos boletins da Imprensa Nacional em algumas localidades.

Jovens nazis de Sintra postos em liberdade



Um dos alvos humanos desenhados numa parede da quinta que servia de «base» aos jovens «nazis»

Os 11 jovens nazis presos na Quinta do Saldanha, em Sintra, pela GNR local, em 10 de Fevereiro do corrente ano, por terem em sua posse armas de guerra com que praticavam tiro ao alvo, foram absolvidos e postos em liberdade na passada terça-feira pelo Tribunal daquela comarca.

Desconhece-se até ao momento a identidade dos aprendizes da violência terrorista de extrema-direita. Sabe-se que as suas idades vão dos 16 aos 26 anos e eram capitaneados por um jovem espanhol. De resto, a confirmação: «meninos de boas famílias», habitantes do conforto do triângulo Cascais-Estoril-Lisboa. Um deles ostenta apelido «histórico» — Carmona, bisneto do marechal, presidente da República de Salazar.

A GNR local que viu com os seus olhos o arsenal dos jovens nazis e o seu campo de tiro, com uma imagem humana servindo de alvo, ficou particularmente surpreendida com a absolvição.

Mas a estranheza da sentença não termina aqui. A investigação e consequente julgamento foram desviados para a comarca de Sintra quando em casos similares, em que estão em causa alegadas actividades para-militares ou de índole terrorista-bombista, a entidade competente para a introdução do processo é a Secção de Investigação de Actividades de Violência. Concertada, a cargo da Polícia Judiciária. Contudo, quem «preparou» o processo foi o Juiz de Instrução Criminal de Sintra...



Siderurgia Nacional importa equipamento para alto forno

Em relação com o plano siderúrgico português, foi assinada quarta-feira pela Siderurgia Nacional outra carta de intenção de encomenda.

Com efeito, a Siderurgia Nacional tomou a decisão de encomendar o equipamento a importar para o novo alto forno de um milhão de toneladas/ano a uma

firma italiana, para o que entregou a esta a consequente carta de intenção.

Trata-se, segundo a informação prestada à ANOP, de uma das grandes parcelas que constituem o vultoso investimento a efectuar pela SN, nos próximos quatro anos.

Presidente Luís Cabral viaja pela Europa

O Presidente Luís Cabral deixou ontem a Guiné-Bissau para uma viagem de carácter particular à Europa, que inclui, a partir de 16 de Agosto, uma semana em Portugal.

Antes de chegar a Portugal, o presidente guineense, que viaja acompanhado de sua mulher e filhos, passará duas semanas na

Suécia.

Com a visita de uma semana a Portugal, o presidente da Guiné-Bissau corresponde a um convite que o general Eanes lhe fez em Fevereiro de 1979, «para conhecer a outra face do meu país».

Um convite da mesma natureza foi feito por Luís Cabral a

Ramalho Eanes, que se deverá concretizar em 1981, sejam quais forem as funções que o actual presidente português então ocupe.

Durante os sete dias em que permanecerá em Portugal, o Presidente guineense efectuará diversas deslocações pelo país, nomeadamente à terra de sua mãe.



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA «CANALIZAÇÃO DO ALTO DA CHAPELEIRA»

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 2 de Setembro de 1980 pelas 15 horas, na sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

Para ser admitido ao concurso, é necessário prestar a caução provisória de Esc.: 140 000\$00 (Cento e quarenta mil escudos), nos termos do Programa de Concurso.

Os concorrentes deverão ser titulares de alvará de empreiteiro de obras públicas da V Categoria ou 3.ª Subcategoria da V Categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Direcção de Serviços de Exploração e Conservação — Serviço de Apoio do Sector Rede de Distribuição da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 24, até às 18 horas do dia 2 de Setembro de 1980.

O processo de concurso está patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, no Serviço de Apoio do Sector Rede de Distribuição da Empresa Pública das Águas de Lisboa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 31 de Julho de 1980.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O presidente da CFAL

a) João Bau

J. N. P. P.

MATADOURO FRIGORÍFICO DE LISBOA

SECTOR DE APROVISIONAMENTO

ANUNCIO

R. CONSELHEIRO FERREIRA DO AMARAL — OLIVAIS

Faz-se público que no Sector de Aprovisionamentos do MFL, se encontra aberto o concurso público seguinte:

CONCURSO PÚBLICO N.º	AQUISIÇÃO DE:	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DAS PROPOSTAS	
			DATA	HORA
49/80	Reequipamento e transformação da Oficina de Subprodutos	2,5%	30.9.80	15 H

As propostas devem ser entregues no Sector de Aprovisionamentos, até às 17 horas do dia 29.9.80.

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nestes serviços, todos os dias úteis das 9 às 12.30 h e das 14 às 17.30 horas.

A Comissão de Gestão
do Matadouro Frigorífico de Lisboa

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES 3742
Recolha de dados p/computador

SISTEMAS IBM E UNIVAC
Início: 6-8-80

DACTILOGRAFIA

EM MÁQUINAS MANUAIS
OU ELECTRICAS IBM

Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL.
TEL. 325652 — 364272
R. do Arsenal, 100-1.º1100 — LISBOA

FOTOCOPIAS

Desde \$60

Encadernações
plastificações
e trabalhos em Offset

DISCOTECA FILINTO

Av. 5 Outubro, 53-A
Tel. 535040

Em defesa da banca Bancários rejeitam "surdas" e isenções

O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas acusa os conselhos de gestão dos bancos Nacional Ultramarino e Português do Atlântico de pretenderem efectuar pagamentos «ilegais».

No Nacional Ultramarino, pretende-se efectuar o pagamento de isenções do horário de trabalho desde 1975 o que no entender do Sindicato contraria regulamentos instituídos em convenção de trabalho.

No Português do Atlântico a administração pretende pagar «surdas», isto é, gratificações extracontratuais, relativas a 1975 e 1976. As «surdas» foram abolidas em 1975.

De acordo com o Sindicato dos Bancários, os lucros líquidos de ambos os bancos não ultrapassam 150 milhões de escudos e o montante dos projectados pagamentos cifra-se em cerca de 300 milhões de escudos. Deste modo, tais acções visam «criar dificuldades económicas a dois bancos e, consequentemente, arrastar consigo todo o sector bancário nacionalizado».

Além do que — acrescenta o sindicato — fará perigar «a estabilidade e a segurança dos postos de trabalho dos bancários com funções naqueles estabelecimentos».

Sindicatos querem garantias

Medidas de excepção na TAP só por via da negociação

A alteração das condições contratuais dos trabalhadores da TAP terá de passar por um acordo entre a estrutura sindical e o conselho de gerência daquela empresa pública, de modo que fiquem garantidos o pagamento atempado e integral dos salários e a manutenção dos postos de trabalho.

Esta foi a posição assumida pela quase totalidade dos sindicatos da empresa, perante o «pacote» de medidas excepcionais divulgado, pelo conselho de gerência da TAP em 24 de Julho, na sequência de uma resolução do Conselho de Ministros.

Englobando 23 sindicatos, a estrutura sindical da TAP considera desde já imprescindível o cabal esclarecimento, por parte, do conselho de gerência, sobre o objectivo das medidas propostas. Será que elas fazem parte de um regime sucedâneo, ao abrigo da declaração da em-

presa em situação económica difícil, ou, pelo contrário, são medidas que visam rever as condições contratuais estabelecidas, não respeitando os mecanismos legalmente estabelecidos para a contratação colectiva?

Os sindicatos consideram, de qualquer modo, que a alteração da situação laboral do pessoal da TAP deverá passar por um acordo negocial, que será viável desde que surjam garantias quanto ao pagamento dos salários e à manutenção dos postos de trabalho, e assegure a assinatura do acordo de reapetrechamento da frota e do «AREF» até finais de Setembro, a revisão dos salários do pessoal de terra ainda no corrente ano, e a incentivação de medidas de gestão que viabilizem a empresa.

Propõem ainda os sindicatos a via arbitral como forma de superar qualquer eventual conflito durante as negocia-

ções, nos termos de uma proposta que data de 8 de Julho.

«Obtido o acordo do Governo e do CG relativamente ao conteúdo desta posição, globalmente considerada, os Sindicatos não se pouparão a esforços para que o acordo negocial seja conseguido o mais rapidamente possível, e para que todos os trabalhadores da TAP contribuam com o melhor do seu saber e trabalho para a recuperação da empresa» — afirma-se num documento da estrutura sindical.

Na hipótese contrária, «os Sindicatos, mesmo assim, nunca se furtarão ao diálogo quanto às medidas que se pretendam implementar», ressalvando, no entanto, «que não lhes darão o mínimo de cobertura desde que não tenham negociado, em representação dos trabalhadores da TAP essas medidas, e reconhecido a necessidade da sua implementação».

A greve em Joanesburgo

Dirigente sindical negro detido na África do Sul

O dirigente do principal sindicato que organizou a greve dos trabalhadores negros da Câmara Municipal de Joanesburgo (África do Sul), Joseph Mavi, foi detido a noite passada, segundo se soube oficialmente.

Um porta-voz da Polícia disse que Mavi tinha sido interpelado por três inspectores, trajando à paisana. Mavi tinha-se deslocado ao Supremo Tribunal de Joanesburgo para se avistar com o advogado do sindicato dos «Black Municipality Workers Union».

Mavi foi detido ao abrigo de uma lei que faculta às autoridades poderes para deter alguém durante 14 dias sem culpa formada.

Entretanto, elementos responsáveis pela Câmara Municipal de Joanesburgo afirmaram que tinham «cortado as pernas» aos trabalhadores dos serviços de limpeza que se encontram em greve, embora a Polícia diga que a paralisação ainda não terminou.

Por sua vez o presidente do «comité» empresarial de Joanesburgo disse que a greve tinha terminado, e que mais de dez mil grevistas tinham regressado ao trabalho. Segundo afirmou, os varredores municipais e os empregados da recolha do lixo, que totalizavam 80 por cento dos grevistas, tinham «voltado à rua».

O comissário da Divisão da Polícia diz que parte dos trabalhadores ainda está indecisa sobre o regresso ao trabalho.

Espanha: 20 dias sem estiva (atever)

Os estivadores espanhóis continuam a greve iniciada há vinte dias, não tendo sido aceite a oferta de 16 por cento de aumento salarial proposta pelo Ministério do Trabalho.

Face a esta negativa, o representante do Ministério disse que as administrações dos portos ficam livres de todos os compromissos anteriores assumidos com as partes em conflito.

Um dirigente sindical assegurou, no entanto, que o Ministério do Trabalho não poderá emitir pareceres de cumprimento obrigatório enquanto persistir a convocatória de greve.

Para além dos aumentos salariais a proposta governamental estabelecia férias anuais de trinta dias e suprimia o trabalho entre as 2 e as 8 horas, à excepção do sector das pescas.

Canadá: Fim (parcial) da greve do papel

Ao cabo de um mês de greve, os operários da companhia papelera Abitibi-Price (Montreal, Canadá), o maior fabricante mundial de papel de jornal, regressaram ao trabalho quinta-feira, depois de haverem conseguido um aumento salarial de 27 por cento.

Contudo, cerca de um quarto dos operários (2100 em 8400), declararam-se insatisfeitos com o acordo, e mantêm-se parados.

O movimento não afectou os jornais do leste do Canadá e dos Estados Unidos, que tinham em média existências para 44 dias.

CGTP desaprova "contas" da Segurança Social

A CGTP-Intersindical Nacional, que se encontra representada no conselho de gestão do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social (IGFSS), votou contra as contas apresentadas pelo respectivo conselho directivo, por entender que elas enfermavam de erros graves e desvirtuam a situação realmente

existente.

«A CGTP-Intersindical não poderá dar o seu acordo à aprovação de umas contas (...) que não respeitam os princípios de contabilidade, que enfermavam de graves deficiências técnicas, que não revelam de uma forma fiel e correcta a verdadeira situação da Segurança Social, que

não permitem qualquer controlo verdadeiro, inviabilizando portanto uma gestão idónea, e que determinam que se tirem conclusões erradas claramente prejudiciais aos interesses dos trabalhadores» — afirma-se na declaração de voto dos representantes sindicais.

MAIS 64 FOGOS EM TELHEIRAS SUL

Um complexo urbanístico virado para o futuro, que contará com zonas verdes, estabelecimentos comerciais, escolas, centros de cultura, saúde e assistência, mesmo dentro de Lisboa (junto à 2.ª circular e à Av.ª P.ª Cruz). A EPUL, em termos de direito de superfície, vai abrir concurso para venda de mais 64 fogos de 4 assoalhadas. Informe-se junto dos serviços comerciais da EPUL sobre as facilidades de pagamento e condições de venda. Inscreva-se de 14 de Julho a 12 de Agosto.

PREÇO POR ANDAR:
1.900.000\$00



COMPRA UMA CASA PARA VIVER NÓS EMPRESTAMOS-LHE O TERRENO
EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA



GRANDE CONCURSO DE
O diário
a palavra dos campeões
NOVA OPORTUNIDADE PARA CONCORRER

a partir de 2 de agosto
repetição das figuras

MIL PRÉMIOS

SEGUNDA
SÉRIE
DE FIGURAS
OLÍMPICAS

NO VALOR DE

6000 contos

1 ANDAR EM QUELUZ OCIDENTAL
1 AUTOCARAVANA
3 AUTOMÓVEIS RENAULT 4
TELEVISORES A CORES
ELECTRODOMÉSTICOS, ETC.



Alastra a condenação internacional de Israel

A adopção pelo parlamento israelita da lei fundamental proclamando «Jerusalém reunificada capital de Israel» continua a provocar reacções de hostilidade em todo o mundo. Os estados Unidos, indicou ontem à noite o Departamento de Estado, consideram, que a lei não tem efeito, dado que o estatuto definitivo de Jerusalém deve ser estabelecido por negociação.

A agência soviética «TASS» denuncia por outro lado «o cinismo sem limites dos dirigentes israelitas» e considera que «os falcões israelitas não poderiam cometer os seus danos se não gozassem do auxílio ilimitado dos Estados Unidos e da cumplicidade de Sadate».

A posição oficial egípcia será em princípio conhecida amanhã. O presidente Sadate limitou-se até agora a declarar que a medida adoptada por Israel contradição os acordos de Campo David, e cria um problema grave, mas acrescentou que continua a ter

esperança no futuro.

Butros Ghali, ministro de Estado egípcio dos Negócios Estrangeiros disse no entanto à televisão francesa que era preciso «salvaguardar a dinâmica da paz apesar do que Israel faz para impôr o facto consumado no tocante a Jerusalém. Butros Ghali qualificou contudo a nova lei israelita como «arbitrária» e como «um desafio à opinião pública mundial e à ONU».

Referindo-se às negociações americano - egípcia - israelitas sobre a autonomia palestina, o ministro considerou que as possibilidades de êxito são «ínfimas», acrescentando que o verdadeiro obstáculo a esse êxito consiste «na incapacidade do Governo de Telavive de enfrentar os problemas reais, ou seja, a existência de um povo palestino, que tem direito à autodeterminação».

Turquia retira embaixador

A Turquia manifestou-se con-

tra a posição israelita sobre Jerusalém, mandando regressar a Ankara o seu embaixador em Telavive para conversações palestina, o ministro considerou que as possibilidades de êxito são «ínfimas», acrescentando que o verdadeiro obstáculo a esse êxito consiste «na incapacidade do Governo de Telavive de enfrentar os problemas reais, ou seja, a existência de um povo palestino, que tem direito à autodeterminação».

A Turquia manifestou-se contra a posição israelita sobre Jerusalém, mandando regressar a Ankara o seu embaixador em Telavive para conversações.

Um porta-voz da Organização de Libertação da Palestina afirmou ontem à noite que o Conselho de Segurança das Nações Unidas realizará na próxima semana, um debate com o fim de impôr sanções económicas a Israel pela sua anexação do sector oriental de Jerusalém.

Por seu turno, o Governo fran-

cês manifestou a sua «viva preocupação» pelo mesmo motivo revela um comunicado difundido pelo Ministério francês dos Negócios Estrangeiros. O comunicado considera a referida lei israelita como «contrária ao direito internacional e às resoluções da ONU».

Também o secretário-geral dessa organização Kurt Waldheim, assim como o Governo jordano e o Partido Socialista Operário Espanhol, manifestaram a sua condenação da decisão israelita.

Ministro israelita demite-se

O ministro israelita da Justiça, Shmuel Tamir apresentou ontem a sua demissão ao Governo de Menahem Begin, indicaram fontes de Telavive.

Um porta-voz governamental disse que o primeiro-ministro sabia já dos planos de Tamir e reunirá com ele no domingo, recusando-se antes disso a comentar a demissão. Parece que

a demissão do ministro não porá em perigo a coligação governamental de Begin.

CEE insiste na participação da OLP

O primeiro-ministro israelita pediu à CEE que se mantenha de fora das conversações de paz do Médio Oriente e que deixe Israel, o Egito e os Estados Unidos continuar as negociações.

A notícia, divulgada hoje em Telavive, refere que Begin assegurou a Gaston Thorn, presidente do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, que Israel não se desviará do seu percurso actual por qualquer iniciativa de paz europeia.

Thorn está desde quinta-feira em Israel para seguir de perto a aplicação da declaração adoptada pela CEE em Veneza, apelando para a participação da or-

ganização de Libertação da Palestina (OLP) nas conversações de paz e oferecendo-se para garantir qualquer acordo de paz.

A DECLARAÇÃO DA CEE irritou tanto Israel que Begin considerou a hipótese de não receber Thorn.

O presidente do Conselho da CEE afirmou entretanto aos jornalistas que reitara a Begin o ponto de vista europeu sobre a necessidade da participação da OLP no processo de paz, acrescentando que «como era natural», Begin não concordara.

O primeiro-ministro israelita salientou que o apoio europeu à OLP reforça a linha dura árabe, que não aceita a existência de Israel como Estado.

O chefe do Governo israelita criticou severamente a abstenção europeia na Assembleia Geral da ONU, que deu a Israel um período até 15 de Novembro para retirar dos territórios árabes ocupados em 1967.

Continua a repressão na Coreia do Sul

Oposicionistas em tribunal e saneamentos políticos

O líder oposicionista sul-coreano Kim Dae-Jung foi hoje acusado ao abrigo da severa legislação de segurança nacional, arriscando-se à pena máxima de quinze anos de prisão - anunciaram fontes militares de Seul.

A lei de segurança nacional pede a pena de morte para quem organizar ou chefiar grupos anti-estado, no país ou no estrangeiro. Ignoram-se por enquanto as acusações específicas que impendem sobre Kim.

A acusação abrange outros 22 políticos, ministros cristãos, literatos, professores universitários e estudantes.

Kim foi até Maio um presumível candidato às novas eleições presidenciais. O seu julgamento

começa no princípio da próxima semana e, segundo fontes bem informadas a nível de governo, deverá terminar antes do referendo constitucional de Outubro.

Mais saneamentos

O Governo sul-coreano procedeu quarta-feira ao despedimento de 1212 empregados de cooperativas agrícolas e de pescadores, no quadro do que baptizou como «campanha de purificação contra a corrupção».

Esta nova purga eleva a 8400 o número de funcionários irradiados sem pré-aviso desde o princípio do mês por motivo de

«corrupção» ou de ineficácia. Esta vaga de despedimentos segue-se às agitações antigovernamentais de Maio passado.

Paralelamente foram proibidos 162 periódicos o que implica o desemprego para cerca de 10.000 jornalistas.

Um comité especial encarregado de «medidas de segurança nacional» iniciou a «campanha de purificação social» para afastar do governo, de corporações estatais e organizações públicas, alegados elementos «corruptos, desleais e incapazes».

O comité é chefiado pelo general Chun Doo-Hwan, que se tornou «o homem forte» da Coreia do Sul.

Segundo presidente do Parlamento

Situação dos reféns poderá clarificar-se

A carta enviada por 180 membros do congresso americano aos deputados iranianos constitui «um primeiro passo passível de clarificar o problema dos reféns» - afirmou, ontem à noite, o presidente do parlamento iraniano, o «ayatollah» Rafsanjani, em entrevista à TV de Teerão.

«É preciso estudar o problema dos reféns e esta carta pode constituir um bom ponto de partida», acrescentou o dirigente iraniano. Rafsanjani sublinhou a existência, no Parlamento, de posições totalmente opostas sobre o problema: «temos uma maioria que faz passar o direito dos povos fracos à frente de todas as regras estabelecidas e uma minoria a favor da prudência, devido à actual situação no país. Ambas as tendências têm boa vontade».

Na carta os membros do congresso americano pedem aos deputados iranianos que dêm «absoluta prioridade» ao debate sobre os reféns.

Entretanto os estudantes que detêm os reféns afirmaram em

comunicado que continuam a manter-se em estado de guerra contra o governo do Estado Unidos.

O comunicado acrescenta ainda que «todas as conspirações e manobras norte-americanas contra o Irão e a recente morte do antigo xá não farão alterar a posição deste país nas relações com os Estados Unidos».

Os estudantes iranianos acrescentam que continuarão a sua luta contra os Estados Unidos até que «a sua derrota nesta região seja completa».

Por outro lado, Azan Taleghani, membro do Parlamento iraniano, afirmou que o apelo feito pelos congressistas dos Estados Unidos para que se desse prioridade total ao caso dos 52 reféns norte-americanos não teria qualquer efeito.

«Apontaremos a nossa agenda de acordo com o que for necessário para o bem do povo iraniano e não de acordo com o que os Estados Unidos querem», disse em conferência de imprensa na cidade de Roma - a senhora Taleghani.

Recontros em Calcutá

De acordo com a polícia, morreram duas pessoas em recontros que opuseram quarta e quinta-feira em Calcutá os partidários do primeiro-ministro indiano Indira Gandhi aos do Partido Comunista que é maioritário na cidade.

A situação permaneceria muito tensa após o assassinato de um partidário do partido do Congresso (da primeira-ministro) abritado pelas autoridades militantes de esquerda.

Foram incendiadas muitas casas, o que originou a proibição de reuniões e de manifestações.



Racismo na Florida

Pela terceira noite consecutiva, os bairros negros de Orlando, na Florida (EUA) viveram uma noite de desassossego, com os habitantes oferecendo a resistência possível à violência policial. Os motins começaram quando do espancamento e prisão de uma jovem negra por polícias brancas. As manifestações sucederam-se actos de pilhagem e incêndio de edifícios. As prisões sucedem-se, mas a agitação não abranda. Incidentes semelhantes tiveram lugar recentemente em Miami e Tampa, também na Florida. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Eleições nos EUA

«Convenção aberta» divide democratas

O eventual comprometimento do presidente Carter nas relações entre o seu irmão Billy e o Governo da Líbia lançou algum descrédito e muitas dúvidas sobre a conveniência de o Partido Democrata lhe reiterar a investidura como candidato às «presidenciais» de Novembro. De tal modo, que um grupo de delegados democratas lançou a ideia da realização de uma Convenção aberta, permitindo - se assim o voto noutro candidato que não o escolhido nas eleições primárias.

A alteração das regras neste sentido tem sido defendida pelos apoiantes do senador Edward Kennedy, dado que permitiria uma hipótese mais consistente de vir a ser ele a ganhar a nomeação democrata, para disputar a Casa Branca com o candidato do Partido Republicano, Ronald Reagan.

A maioria dos delegados, porém, segundo uma sondagem do «Washington Post», opõem-se à ideia da Convenção aberta. A margem, no entanto, é mínima. Ouvidos 591 delegados de um total de 3331, 54 por cento são

contra, 41 a favor e 5 por cento não formaram ainda opinião.

A Convenção está marcada para 11 de Agosto, em Nova Iorque.

John Anderson «reconsideraria»

John Anderson, candidato independente à Presidência dos Estados Unidos afirmou que, «reconsideraria» a sua própria candidatura, se o senador Edward Kennedy obtivesse a investidura democrata na Convenção de Nova Iorque.

No final dum encontro com o senador do Massachusetts, Anderson interrogado numa conferência de imprensa comum, disse que, em tal caso, «seria mais do que prudente reconsiderar a minha posição».

Anderson, que em 24 de Abril passado abandonou a corrida para a investitura republicana para se apresentar como candidato independente, acrescentou que nutre «profundo respeito» pelo senador Kennedy.

«Billygate»

Carter passa à ofensiva

A Casa Branca divulgou telegramas da Embaixada norte-americana na Líbia, contendo a informação de que James Carter discutira com o seu irmão Billy a questão líbia.

A notícia acrescentava que o presidente Carter fará na segunda-feira um relatório sobre o assunto ao Senado, com todos os pormenores da «questão Líbia-Billy Carter», e dará igualmente uma conferência de imprensa.

O secretário presidencial para a Imprensa, Jody Powell disse que «estaremos preparados para responder a qualquer pergunta» e «quanto mais cedo melhor».

O presidente, que tem estado sob crescente pressão dos democratas para que mostre que pode sobreviver à crise desencadeada pelo caso Billy Carter, passou à ofensiva, aparecendo quatro vezes em público, para demonstrar que não há qualquer quebra de confiança por causa da questão dos telegramas.

Recorde-se que uma subcomissão do Senado foi já criada para estudar o caso e Carter poderá provavelmente testemunhar, se o desejar, nas duas audiências públicas, marcadas para a semana que vem.

A comissão deverá provar em que medida Billy Carter teve qualquer influência na política norte-americana para com a Líbia e se a sua acção como «agente estrangeiro» prejudicou, de algum modo, os Estados Unidos.

Reagindo com irritação contra a excitação provocada pelo assunto, Jody Powell afirmou que os telegramas em questão tinham sido entregues há 14 meses ao jornalista Jack Anderson, com base na lei da liberdade de expressão.

Inundações na Roménia

Chuvras torrenciais registadas ontem no oeste e noroeste da Roménia provocaram avultadas perdas humanas e materiais.

A precipitação atingiu noventa milímetros num quarto de hora e os rios transbordaram, provocando numerosas vítimas, a destruição de 165 casas e o corte das comunicações - indicaram as autoridades em Bucareste.

Milhares de hectares cultivados de milho, batatas e outros cereais encontram-se inundados e uma quantidade considerável de reses pereceram.

Unidades do exército e voluntários civis estão a combater os danos causados pelas inundações, acrescentaram as autoridades.

STAR

ALGARVE

APARTAMENTOS DESDE

300.00

POR PESSOA

MÍNIMO 6 PESSOAS

CONSULTE-NOS



BOA • 539871
362501

RTO • 23637

MARÃES • 40750

RO • 25125

JNCHAL • 32001





● **COSSIGA PASSA** — O Governo italiano de Francesco Cossiga obteve ontem a confiança da Câmara dos Deputados por 325 votos a favor e 270 contra. O governo decidirá pôr a moção de confiança, depois de os comunistas terem apresentado uma moção em que, pediam a demissão do ministro italiano da Justiça, Tommaso Morlino, que acusam de «indiferença e ineficácia», responsabilizando-o assim pela crise actual da justiça italiana.

● **FASCISTA NA CADEIA** — Flávio Campo, de 39 anos, procurado há seis anos pela Polícia italiana, pela sua participação na tentativa de golpe de estado, do príncipe Valerio Borghese (7 de Dezembro de 1970), foi detido ontem em Roma. Deverá cumprir três anos de prisão por «conspiração política contra as instituições do Estado», pena a que fora condenado à revelia em 1975.

● **GUERRILHA NA GUATEMALA** — Cinco polícias militares morreram numa emboscada de guerrilheiros, a 25 quilómetros da cidade da Guatemala — informam as autoridades. Os militares, que se dirigiam para a central eléctrica de «La Laguna», foram atacados de surpresa com fogo de metralhadora por vários homens, que os esperavam numa colina.

● **PRESIDENTE DAS HONDURAS NÃO JURA** — O presidente do governo provisório hondurenho, Paz Garcia, recusou-se a jurar perante a assembleia nacional constituinte, soube-se de fonte extra-oficial. Segundo notícias divulgadas por rádio américa de Tegucigalpa, a recusa deveu-se ao facto de Paz Garcia não concordar com o conteúdo do juramento, elaborado por uma comissão da assembleia. Esta situação agrava a incerteza política que se vive neste país da América Latina, numa altura em que todos os ministros do actual governo pediram a demissão e esperam ser substituídos.

● **EXPERIÊNCIAS NUCLEARES** — Os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha informaram ontem que a última reunião para a proibição de experiências nucleares obteve alguns progressos mas acrescentaram que muito tem de ser feito antes de se completar qualquer tratado. As negociações trilaterais começaram em 1977. A décima primeira sessão começará em Outubro próximo.

● **OS RECRUTAS DOS EUA** — O Pentágono reconheceu que tinha sobrevalorizado o nível intelectual dos soldados recrutados em 1979. Num relatório enviado ao Congresso, calcula que 30 por cento, e não 5 por cento como afirmara em Dezembro passado, dos novos recrutas, tem um quociente intelectual dos mais baixos. Para remediar as dificuldades de recrutamento, o Exército americano foi levado, durante os últimos anos, a baixar os critérios físicos e intelectuais.

● **ROUBADO DIAMANTE DA VIRGEM** — Um diamante avaliado em 120 mil dólares (cerca de 600 milhões de escudos) foi roubado na igreja colonial de Puerto Pírito, na Venezuela. Segundo a Imprensa de Caracas, a jóia foi arrancada de uma coroa que cingia a cabeça de uma Virgem da Imaculada Conceição.

Contra a ditadura

Sindicatos bolivianos preparam "guerra em todas as frentes"

A Central Operária Boliviana jurou formar um Governo Popular para desencadear uma «guerra em todas as frentes», que derrube a nova ditadura militar.

O comité executivo, na clandestinidade, da poderosa «Central Obrera» emitiu uma resolução em quatro pontos, adoptada numa reunião secreta em 29 de Julho, em La Paz, apelando para que seja respeitado o resultado das eleições de 29 de Junho, que deu a maioria não absoluta dos votos ao candidato Siles Suazo. A organização decidiu uma «luta em todas as frentes contra o grupo antinacional dos generais que ao serviço do fascismo internacional interrompeu em 17 de Julho o processo democrático, ignorando a vontade do povo boliviano».

Indicando representar os trabalhadores, estudantes e classes populares da Bolívia, a COB prometeu «formar um governo popular para guiar a luta que derrubará o governo do general Garcia Meza».

A central que agrupa 500 mil trabalhadores, incluindo os mineiros que resistem ainda à pressão da Junta, apelou tam-

bém para a libertação do seu dirigente Juan Lechin, preso pelos militares que derrubaram a presidente Lidia Gueiler.

Mais de 1500 mortos

Foram mortas mais de 1500 pessoas, na sequência do golpe

de Estado militar do dia 17 de Julho na Bolívia e estão detidos cerca de 2500 bolivianos, segundo revelou à France Press um membro do «Comité Nacional Boliviano de Defesa da Democracia» refugiado em Lon-

Delírio...

Um comunicado redigido em termos delirantes, que nem sequer são originais, quando se trata de apelar aos mais baixos sentimentos anticomunistas, apareceu nos jornais bolivianos, assinado pelo ministro do Interior da ditadura. O ministro acusa o Partido Comunista de se ter querido servir de Siles Suazo para tomar o poder pela força. O «maquiavélico» plano dos «perigosos comunistas», incluía, segundo o incrível comunicado do ministro, divulgado como publicidade paga, um banquete em honra das Forças Armadas. O repasto seria interrompido e um grupo armado procederá a uma carnificina.

Nem um militar escaparia!

No seu delírio, o serventário do ditador Garcia Meza acrescentou que os comunistas projectavam instalar clínicas psiquiátricas, supervisionadas por um psicólogo formado em Moscovo, para enlouquecerem os opositores ao regime, administrando-lhes drogas especialmente preparadas na União Soviética. O ministro não referiu, no entanto, os repastos de crianças, nem a matança dos velhos, com injeções atrás da orelha, vícios que, noutros países foram já também atribuídos à «canalha comunista», como é sabido.

A.T.

Não houve em Angola ocupação de igrejas

Certamente a propósito de uma informação veiculada pelo diário da manhã «O Dia» intitulada «Sacerdotes angolanos acusam Igrejas missões escolas e hospitais/ são agora antros de depravação» (nem mais!), a Embaixada de Angola em Lisboa refere, em comunicado divulgado ontem, que, «nem o Ministério angolano da Educação nem as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) efectuaram qualquer ocupação

de igrejas enquanto lugares de culto».

No que toca às estruturas escolares que pertenciam às missões católicas, o comunicado diz que o Ministério angolano da Educação «tem aplicado sem distinção a Lei 4/75», por força da «separaçao que existe entre o Estado e as Igrejas».

A Lei 4/75 nacionalizou o ensino em Angola e adjudicou «a favor do Estado os centros de ensino, assim como a totalidade

dos bens, direitos e acções que integram os patrimónios do citados centro».

Julgamentos em Bissau

Iniciou-se ontem no Tribunal de Guerra de Bissau o julgamento dos membros do comando de opositores ao regime que tinham sido presos em No-

vembro de 1978.

Este grupo, que se infiltrou no país através da fronteira Norte (Senegal), era dirigido por Malam Sanha e Rafael Barbosa, ambos dissidentes do PAIGC.

Era seu propósito, de acordo com a acusação, eliminar fisicamente os dirigentes do país, cometer sabotagens, implantar um regime neocolonial e abandonar o processo de unidade iniciado entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Turquia

Mais 13 mortos num dia

país.

O balanço em perdas humanas causadas pela violência política desde o início do ano eleva-se já a 1256 vítimas, segundo revela a Imprensa local.

Arménios matam de novo

Foi ontem morto a tiro em Atenas o diplomata turco Galip

Ozen, que se encontrava num automóvel da embaixada do seu país, juntamente com a mulher e os filhos.

A família do diplomata encontra-se ferida. Segundo a polícia, o crime teria sido levado a cabo por um só autor. O primeiro-ministro grego, Georgios Rallis, manifestou o seu desgosto, pelo crime, declarando que tudo será feito para se descobrir o assassino. O Exército de Libertação da América reivindicou o acto.

Rhodes apeado

Ante o regozijo de muitos manifestantes negros pesentes, uma grua retirou do seu pedestal na Lameson Avenue em Salisbury, a estátua em bronze de Cecil Rhodes, o colonizador britânico que deu o nome à antiga Rodésia, actual Zimbábue.

O presidente da República Popular de Moçambique visitará o Zimbábue na próxima semana e o primeiro-ministro Robert Mugabe prepara-se para conceder honras especiais ao dirigente moçambicano, que lhe concedeu asilo durante a guerra da independência.

Na telefoto (UPI/ANOP/«DL»), manifestantes demonstram a sua alegria pelo apeamento da estátua, símbolo do colonialismo vencido



TRESPASSA-SE

Armazém e estabelecimento junto à Praça de Santana com área 350 m2. Local com boas condições para montar pequeno Shopping-Center e cinema estúdio. Resposta ao n.º 1880

Você quer saber quanto lhe custaria este espaço no «Diário de Lisboa». Faça-nos a pergunta pelo telefone n.º 36 87 40

Desporto

Sedykh faz voar o martelo

A presença de João Campos nos 1500 metros dos Jogos Olímpicos de Moscovo foi bastante positiva e ninguém poderia exigir mais ao jovem atleta do Benfica. Campos logrou qualificar-se para as meias-finais e ontem terminou na 7.ª posição da sua meia-final, deixando atrás de si dois atletas, com tempos melhores que o seu. O francês Gonzalez tem como melhor marca 3.35,1 e o argelino Aidet tem um máximo pessoal exactamente igual ao de Campos: 3.39,2.

Campos poderá queixar-se de a sua série ter sido muito lenta, demasiado táctica. Correndo na corda, Campos esteve à frente nos primeiros 300 metros, tendo a seu lado Overt e o jugoslavo Zdravkovic. Aos 400 metros, o jugoslavo passou 1.º no tempo modesto de 1.05,0, com Campos e o soviético Vladimir Malozemlin logo colados, apenas com mais dois décimos de segundo. Só a partir dos 500 metros é que a prova ganhou alguma animação com um arranque de Malozemlin. Os segundos 400 metros foram cobertos em 61 segundos, já com Steve Overt colado ao comandante.

Campos saiu a meio tom

Todos os atletas se mantinham em grupo compacto, embora o andamento já fosse mais vivo: à passagem dos 1200 metros continuava à frente o soviético Malozemlin, com 3.02,9. Overt e Loikkanen aceleraram na recta oposta à da chegada e só nos últimos metros é que as posições se definem, com Overt a destacar-se e a cortar a linha da meta em 1.º lugar.

Para comparação com a eliminatória em que correu Campos, aponte-se que, nos primeiros 400 metros, o atleta português gastou ontem 1.05,2 contra 58,9 segundos na 3.ª série das eliminatórias. Nos últimos 400 metros, Campos gastou mais dois décimos de segundo do que na eliminatória e terminou com uma diferença de 3,1 segundos em relação ao tempo com que logrou qualificar-se para as meias-finais.

A 2.ª meia-final foi nitidamente mais rápida. Jurgen Straub (RDA, Sebastian Coe (Grã-Bretanha) e Robert Nemeth (Áustria), imprimiram um andamento mais vivo, mas mesmo assim longe ainda do registado, por exemplo, na eliminatória em que correu Campos. Com ndos na 3.ª série das eliminatórias. Nos últimos 400 metros, Campos gastou mais dois décimos de segundo do que na eliminatória e terminou com uma diferença de 3,1 segundos em relação ao tempo com que logrou qualificar-se para as meias-finais.

A 2.ª meia-final foi nitidamente mais rápida. Jurgen Straub (RDA, Sebastian Coe (Grã-Bretanha) e Robert Nemeth (Áustria), imprimiram um andamento mais vivo, mas mesmo assim longe ainda do registado, por exemplo, na eliminatória em que correu Campos. Com ndos na 3.ª série das eliminatórias. Nos últimos 400 metros, Campos gastou mais dois décimos de segundo do que na eliminatória e terminou com uma diferença de 3,1 segundos em relação ao tempo com que logrou qualificar-se para as meias-finais.

O eterno «se»

João Campos admitiu ter cometido um erro:

«Devia ter-me colocado melhor, para discutir na recta final, mas fiquei emparedado e não podia ultrapassar os concorrentes que seguiam à minha frente. Mesmo assim, consegui passar o argelino e o francês Gonzalez».

Justificou a situação dizendo que dos atletas que disputaram a meia-final é o único que só disputou uma prova internacional esta temporada (em Milão) onde ganhou os 1500 metros. «Os outros concorrentes estão habituados a este tipo de corridas tácticas, disputam um «meeting» por fim-de-semana, e portanto, estão calejados, sabem como devem colocar-se para o «sprint» final».

O atleta do Benfica sublinhou que a prova decorreu num ritmo muito lento. «Nos primeiros 300 metros ninguém queria ir para a frente. Se tivesse pensado que a prova seria assim, teria arriscado. Mas preferi, como é meu

hábito, fazer a minha corrida, metido no pelotão, sem fazer ondas».

Interrogado sobre o seu estado de espírito antes da eliminatória, Campos respondeu que não entrou derrotado para a pista, mas reconheceu que tinha poucas hipóteses. «Não acredito em milagres, mas poderia ter-me

Straub (RDA), 3.39,4; 3.º José Marajo (França), 3.39,6; 4.º Vittorio Fontanella (Itália), 3.40,1; 5.º Jozef Plachy (Checoslováquia), 3.40,4; 6.º Robert Nemeth (Áustria), 3.40,8; 7.º Vitaly Tishchenko (URSS), 3.41,5; 8.º José Luis Gonzalez (Espanha), 3.42,6; e 9.º Miroslaw Zerkowski (Polónia), 3.48,2.

Qualificaram-se para a final: Overt, Coe, Zdravkovic, Straub, Busse, Marajo, Cram, Fontanella e Plachy.

Overt apaixonado

«I love you» (amo-te) é o significado da intrigante mensagem que o campeão olímpico dos 800 metros, Steve Overt, tem desenhado no ar no final das provas que disputou e venceu em Moscovo.

Nas meias-finais dos 1500 metros, Overt acenou para o público a 80 metros da meta, que cortou em 1.º lugar, com um grande sorriso.

Depois, voltou a desenhar no ar as letras «I-L-Y», uma dedica-

alegadas fraudes dos juizes de provas de atletismo, desmentindo assim acusações de alguns atletas. Aliás — disse Paulen — não houve qualquer queixa oficialmente apresentada pelo Comité Olímpico Internacional, que não é o responsável pela vigilância das provas de atletismo.

Mas o COI foi também notícia, ao tranquilizar a administração norte-americana e ao livrar de situação embaraçosa o comité organizador soviético dos Jogos Olímpicos de Moscovo. Ao contrário da tradição, o COI decidiu que, na cerimónia de encerramento dos Jogos (domingo) a bandeira que subirá ao mastro, em vez da do país anfitrião será a da cidade que os albergará. Assim, a bandeira de Los Angeles substituirá a dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que se ouvirá o hino olímpico em vez do norte-americano.

Porém, as competições vão decorrendo indiferentes aos

Mendonça: vitória, derrota e repescagem



João Paulo Mendonça, que compete na categoria até 60 quilos, venceu esta manhã o seu primeiro combate, derrotando o polaco Marian Donat. Mendonça entrou de rompante, conseguindo logo aos quatro segundos um «Waza-aria», que foi suficiente para garantir a vitória.

O judoca português resistiu muito bem a todas as tentativas do polaco para alterar o rumo do combate, defendendo-se na luta no chão e procurando também, sempre que possível, aumentar a sua vantagem. O combate foi arbitrado pelo britânico Mitchie, tendo como juizes Bountje (Holanda) e Soumer (Tunísia).

Daí a pouco, João Paulo Mendonça foi derrotado pelo campeão do Mundo, o francês Thierry Rey, no segundo combate que efectuou na «poule» «B». Mendonça poderá ficar apurado para as repescagens, caso Rey se qualifique para a final.

O nosso judoca conseguiu uma vantagem («koka») aos 1.15 minutos, mas a partir de então o combate pertenceu ao francês. Rey conseguiu um «waza-ari» (aos 2 minutos e 3 segundos) e ainda mais duas vantagens: um «koka» logo a seguir (aos 2.25 minutos) e depois um «yuko» (3.43 minutos). No seguimento do golpe que deu o «yuko», Rey conseguiu imobilizar Paulo Mendonça e o combate terminou por «ippon», aos 4 minutos e 21 segundos.

A luta foi dirigida pelo brasileiro Yamasaki, tendo como juizes Lee Hak Lee (Coreia do Sul) e Mitchell (da Grã-Bretanha).

João Paulo Mendonça ficou apurado para as repescagens uma vez que o francês Thierry Rey, que o derrotara na segunda eliminatória se qualificou para a final.

Os combates iniciam-se às 19 horas de hoje e Mendonça combaterá com os judocas que na poule «B», perderam com Rey, lutando por uma medalha de bronze. A outra medalha de bronze será disputada pelos judocas que na poule «A» perderam com o outro finalista, José Rodriguez, de Cuba.

Rey venceu na 1.ª eliminatória o finlandês Reino Fagerlund, por «Yuko» derrotou depois Paulo Mendonça por «ippon» (desistência do judoca português quando se aproximava o fim do tempo de imobilização).

Na 3.ª eliminatória Rey ganhou também por «yuko» ao checoslovaco Pavel Petrikov e, finalmente, derrotou o soviético Aramby Emizh, também por «yuko».

qualificado para a final» — salientou.

O técnico Antonio Campos mostrava-se satisfeito com o 7.º lugar de Campos. «Estou feliz porque o João ficou à frente do francês Gonzalez, atleta cujo recorde pessoal é de 3.35,1» — afirmou. «O João se estivesse melhor colocado, talvez pudesse ficar um ou dois lugares mais acima» — concluiu.

Para a história, os nomes e números das meias-finais:

Primeira série: 1.º Steve Overt (GB), 3.43,1; 2.º Dragan Zdravkovic (Jugoslávia), 3.43,4; 3.º Andreas Busse (RDA), 3.43,5; 4.º Stephen Cram (GB), 3.43,6; 5.º Vladimir Malozemlin (URSS), 3.43,6; 6.º Antti Loikkanen (Finlândia), 3.44,0; 7.º João Campos (Portugal), 3.44,4; 8.º Alexandre Gonzalez (França), 3.44,7 e 9.º Mehdi Aidet (Argélia), 3.44,9.

Segunda série: 1.º Sebastian Coe (GB), 3.39,4; 2.º Jurgen

tória especial para a sua namorada, que surge assim como principal talismã de Overt, que tentará hoje bater pela 2.ª vez o seu compatriota Sebastian Coe e tornar-se bi-campeão olímpico.

Um dia

Uma medalha de ouro para a história do jovem Zimbabué, um recorde mundial no lançamento do martelo, sete das onze medalhas de ouro para a União Soviética (a RDA pela 2.ª vez sem ouro numa jornada olímpica), a bandeira de Los Angeles substituindo a dos Estados Unidos, o desmentido de fraudes no atletismo: factos salientes do 12.º dia de competições dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

Adrian Paulen, presidente da Federação Internacional de Atletismo, deu conferência de Imprensa em Moscovo, para afirmar não existirem provas das

eventuais conflitos diplomáticos e nas pistas do Estádio Lenine foi batido o único recorde mundial do dia.

O soviético Yuri Sedikh, campeão olímpico em Montreal, estabeleceu novo máximo mundial do lançamento do martelo (com 81,80 metros), numa prova em que a URSS repetiu a proeza de Montreal: colocar três atletas no pódio olímpico.

No salto em comprimento, a soviética Tatyana Kolpakova fixou novo recorde olímpico, com 7,06 metros.

A terceira final de atletismo (3000 metros obstáculos) foi a única não ganha por soviéticos. O polaco Malinowski venceu na ponta final o tanzaniano Filbert Bayi comandando em quase toda a prova, e obteve a medalha de ouro: Bayi ficando com a de prata e de novo um etíope, Eshetutura, a arrebatou uma medalha (a de bronze).



Sedykh: o máximo

Na luta livre, competição olímpica que terminou, os lutadores soviéticos marcaram uma esmagadora superioridade. Apenas uma das quatro finais do dia foi ganha por um búlgaro, Ismail Abilov (categoria 82 quilos). Na de 57 quilos, Sergei Beloglazov (URSS) venceu. Na de 68 kg, o ouro coube a Saipulla Absaidov.

O sucesso mais significativo foi o do superpesado (mais de 100 quilos) campeão mundial Soslan Andiev, que ganhou a sua 2.ª medalha olímpica consecutiva.

No conjunto das dez medalhas de ouro da luta livre, os soviéticos conquistaram sete, mais duas do que em Montreal.

Na final de judo (categoria de 65 quilos) a tendência «ocidental» foi quebrada pela vitória de um soviético, Nikolay Solodukhin. Aliás, as três medalhas foram para países de Leste, não tendo portanto qualquer judoca ocidental subido ao pódio.

França esgrime primorosamente

Entre as meias-finais disputadas no Estádio Lenine uma era aguardada com expectativa pelos portugueses. João Campos alinhou, desta vez, ao lado do co-recordista mundial dos 1500 metros, o britânico Steven Overt, que ganhou quase dispiçentemente o seu direito a estar na final. João Campos terminou em 7.º lugar, sem direito, a continuar, e com pior tempo do que na eliminatória de 4.ª feira.

Houve (ainda) um português no judo: José Branco, tal como na véspera António Roquete, venceu o primeiro combate e perdeu o seguinte, ficando arreado dos postos cimeiros.

Em lugar de honra, na esgrima, continua a França: das suas actuais cinco medalhas de ouro, quatro foram alcançadas na esgrima.

Desta feita, ganhou a prova (por equipas) de espada, vencendo na final a Polónia (prata).

A restante medalha de ouro do dia aconteceu no hipismo, onde pela 3.ª vez os cavaleiros soviéticos venceram uma competição por equipas agora a de «dressage».

O 12.º dia dos Jogos de Moscovo esteve ainda repleto de meias-finais das onze categorias do boxe.

O praticamente imbatível Teófilo Stevenson foi apurado para a final. Confirmando as previsões (e dada a ausência dos

norte-americanos, que poderiam disputar algumas finais) os principais competidores para o ouro e prata são pugilistas soviéticos e cubanos. Apenas um ocidental, italiano, conseguiu ser apurado para amanhã.

Pela 2.ª vez, foi uma jornada em branco (quanto a ouro), para os atletas da República Democrática Alemã, que viram assim aumentar para 32 a distância que os separa da URSS, nesse aspecto de êxitos. Das 520 medalhas já conquistadas, a URSS tem 163. Das 164 medalhas de ouro atribuídas, 69 estão na posse de atletas soviéticos e 37 de desportistas da RDA.

Os países socialistas do Leste europeu conquistaram, em conjunto, 127 das 164 medalhas de ouro disputadas.

No dia olímpico número 13, haverá 19 medalhas de ouro em disputa. Todavia, ontem, o mais jovem país do movimento olímpico (o Zimbabué), ganhou a medalha de ouro do hóquei em

Continua na pág. 17



Vladimir Nazlymov: medalha de ouro em sabre

Máximos

O soviético Yuri Sedikh foi o autor do único recorde mundial estabelecido ontem nos Jogos, ao conseguir 81,80 metros no lançamento do martelo.

Na prova de salto em comprimento (mulheres) o recorde olímpico, estabelecido em 1968, pela romena Viscopoleanu, foi superado por seis atletas e fixado em 7,06 metros pela soviética Tatyana Kolpakova.

Sedikh, que revalidou o título olímpico conquistado há quatro anos (em Montreal), já melhorara quarta-feira o máximo olímpico ao obter 78,22 metros.

Anacleto: tentar repetir Spyridon

Continuação da pág. 16

campo, competição feminina. Sem derrotas no torneio de seis nações, as jovens do Zimbabué supreram as previsões e, sobretudo, surpreenderam-se a si próprias com o seu êxito. Assim começou (bem cedo) a história olímpica do Zimbabué.

As meninas do Zimbabué

As hoquistas em campo conquistaram a primeira medalha de ouro olímpica da sua história para o Zimbabué, Estado independente desde 18 de Abril de 1980, ao ganharem o primeiro torneio olímpico feminino. A sua vitória atinge uma dimensão particular, quando se sabe que as jovens do Zimbabué (todas de raça branca) com idades médias de 27 anos e nascidas no solo africano, com excepção das irmãs Junelles (Sandra e Chick) e Sonia Robertson, originárias de Maidenhead (Inglaterra), só souberam que participariam nos Jogos de Moscovo 35 dias antes do início das competições, em consequência da desistência de cinco das seis equipas já qualificadas (Alemanha Federal, Argentina, Estados Unidos, Inglaterra e Holanda) e da retirada da Austrália, primeira suplente.

Elas partiram igualmente do isolamento da ex-Rodésia, depois da declaração unilateral de independência de Ian Smith, em Novembro de 1965. Durante cerca de 15 anos as hoquistas rodésias tiveram de se contentar com encontros com as suas vizinhas da África do Sul e com dois encontros: um com os Estados Unidos e outro com a Holanda.

Com efeito, a última aparição da ex-Rodésia na cena mundial remonta aos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Ausentes em 1968 (no México) os rodésios, que tinham uma equipa multiracial, deslocaram-se a Munique, em 1972. Mas excluídos pelo C.O.I. dois anos depois da África do Sul, foram obrigados a tomar o avião para Salisbury antes do início das competições.

A ex-Rodésia jamais ganhou uma medalha olímpica.

Festa rija

O primeiro-ministro Robert Mugabe enviou um telegrama à equipa feminina de hóquei em campo do Zimbabué.

«O povo do Zimbabué associa-se a mim ao enviar-vos as mais calorosas felicitações pela vossa vitória, que trouxe ao Zimbabué a sua

primeira medalha de ouro nos Jogos Olímpicos» — afirma Mugabe, no telegrama. «Na década da mulher, é particularmente agradável que tenham conseguido essa vitória» — acrescentava o primeiro-ministro.

«Estamos orgulhosos de vós».

O ministro da Juventude, Desportos e Recreio (Teurai Ropa Nhongo) uma guerrilheira do exército de Mugabe antes da independência, enviou também felicitações à equipa pelo «extraordinário êxito alcançado».

Stevenson sai da lenda

O pugilista cubano Teófilo Stevenson inaugurou na sua carreira olímpica, a vitória por pontos, quebrando a tradição de derrotar por KO os seus adversários, que o acompanha desde 1972. Stevenson nem por isso deixou de chegar facilmente à final do torneio olímpico de boxe, que se realiza amanhã, capitaneando um grupo de nada menos que oito pugilistas cubanos. Estes, também foram derrotando os seus adversários consecutivamente ao longo da prova.

O contrário de Stevenson, amanhã, será um soviético, Pyotr Zaev (de 27 anos) que venceu, por unanimidade, o combate com Jurgen Fanghanel (RDA).

O homem que pela primeira vez na história olímpica levou o pugilista cubano à vitória por pontos foi o húngaro Istvan Levai, que (curiosamente) foi treinado por Laszlo Papp, o único nome ao qual foram agregadas consecutivamente três medalhas de ouro olímpicas, antes de Stevenson. A diferença entre Papp e Stevenson pode vir a estabelecer-se, pois enquanto o húngaro ganhou as suas medalhas em categorias de peso diferentes, o cubano (se vencer o adversário soviético), ficará a ser o primeiro a obtê-las na mesma categoria.

Estafetas

Na prova dos 4x400 homens (eliminatórias) ficaram apurados os dois primeiros de cada série e os melhores tempos, sendo os seguintes os nomes dos atletas qualificados:

Primeira série: 1.º URSS, 3.01,8; 2.º Brasil, 3.04,9; 3.º Jugoslávia, 3.05,3; 4.º Polónia, 3.05,8; 5.º Holanda, 3.06,0; 6.º Espanha, 3.06,9; 7.º Zâmbia, 3.14,9; 8.º Serra Leoa, 3.25,0. Segunda série: 1.º RDA, 3.03,4; 2.º Checoslováquia, 3.03,5; 3.º Itália, 3.03,5; 4.º Trinidad e Tobago, 3.04,3; 5.º Uganda, 3.07,0; 6.º Líbia, 3.16,7; 7.º Etiópia, 3.18,2.

Terceira série: 1.º França, 3.05,4; 2.º Grã-Bretanha, 3.05,9; 3.º Suíça, 3.07,2; 4.º Iraque, 3.10,5; 5.º Nigéria, 3.14,1; 6.º Sri Lanka, 3.14,4; 7.º Seychelles, 3.19,2.

A Jamaica abandonou por lesão de um atleta. Qualificaram-se para a final URSS, Brasil, RDA, Checoslováquia, França, Grã-Bretanha, Itália e Trinidad e Tobago.

As oito únicas equipas inscritas na estafeta de 4 x 100 metros (senhoras), estão automaticamente qualificadas para a final a disputar hoje. Quanto à estafeta 4 x 400, a classificação ficará assim ordenada: (1.ª série). URSS, 3.25,3; 2.º Bulgária, 3.28,7; 3.º Grã-Bretanha, 3.29,0; 4.º Jamaica, 3.31,5; 5.º Itália, 3.46,2. 2.ª série) — 1.º RDA, 3.28,7; 2.º Polónia, 3.29,7; 3.º

Hungria, 3.29,7; 4.º Roménia, 3.29,8; 5.º Bélgica, 3.30,7; 6.º Nigéria, 3.36,0. Qualificaram-se para a final URSS, Bulgária, Grã-Bretanha, RDA, Polónia, Hungria, Roménia, e Bélgica.

África confia

A primeira atleta olímpica do Mali, a especialista de 800 metros Fatamoudou Toure, afirmou que os atletas africanos podem atingir as marcas europeias nos próximos dez anos. «Se existirem condições materiais, a África pode igualar as marcas europeias em dez anos, pois existe um grande pendor para o atletismo» — disse a atleta, que é estudante e tem 17 anos.

Fatamoudou Toure participou na competição olímpica dos 800 metros, em que foi batido o recorde do Mundo pela soviética Nadezhda Olisarenko. «Antes de vir, eu já tinha assegurado um primeiro lugar» — ironizou a atleta, comentando a sua posição na prova. «É que eu sou a primeira atleta do meu país a participar nos Jogos Olímpicos».

Ele não gostou

O presidente da Federação Equestre Austríaca demitiu-se, em sinal de protesto pela participação da amazona Elizabeth Theurer, nos Jogos Olímpicos.

A austríaca Theurer é favorita para conquistar a medalha de ouro individual de hipismo, mo-



Tchoukanov: medalha de ouro em hipismo (salto de obstáculos)

dalidade largamente afectada pelo boicote de alguns países ocidentais.

Friddlin Schindler, presidente da Federação, declarou que a sua demissão constituía um protesto contra a decisão de Theurer de ir aos Jogos, depois de ter anunciado antes que os boicotaria.

Schindler afirmou que os soviéticos pagaram as despesas de transporte do cavalo da amazona.

Esta manhã

E iria confirmar-se: a austríaca Elisabeth Theurer conquistou a medalha de ouro na prova de hipismo de «ensino» individual, com 1370 pontos. O soviético Yuri Kovshov obteve a medalha de prata (1300 pontos) e o seu compatriota Viktor Ugryumov a de bronze (1234).

As «vítimas»

Há neste momento três espécies de vítimas, felizmente temporárias, dos Jogos Olímpicos de Moscovo: as cabeleireiras, os motoristas de táxi e os homens de negócios ocidentais.

Quem diria que a chegada à capital soviética de uma centena de milhares de visitantes estrangeiros poderia reduzir quase a zero a actividade sempre transbordante dos cabeleireiros dos grandes hotéis e afrouxar consideravelmente a inacessíveis.

A razão desta estranha situação é que os verdadeiros clien-

tes, quanto a estas duas profissões, não são os estrangeiros, mas sim os soviéticos. São designadamente as mulheres de Moscovo e da província que habitualmente assaltam os salões de cabeleireiro dos hotéis da capital, os quais têm a reputação de estarem mais «actualizados» do que os outros. Ora, nenhum soviético a não ser que possua um cartão com as letras O.K. (comité de organização), pode penetrar nos santuários para estrangeiros que são neste momento os hotéis de Moscovo. Resultado: os salões de cabeleireiro dos hotéis estão tristemente vazios, pois a maioria dos turistas não viajam sem levar o seu secador de mão e dispõem de pouco tempo para irem ao cabeleireiro.

Quanto aos motoristas de táxi, também se queixam de falta de clientes: os turistas estrangeiros, gregários por natureza e além disso bem escultados, são transportados pela «Intourist» em autocarros especiais, e pouco se aventuram sozinhos. Os soviéticos da província, por outro lado estão proibidos de permanecer em Moscovo durante os Jogos Olímpicos. Acontece então que, excepcionalmente, os moscovitas podem agora andar de táxi sem dificuldade.

Relativamente aos homens de negócios ocidentais que se deslocam a Moscovo para discutir (em muitos casos durante longas semanas) contratos bem difíceis de concluir, é preciso agora aguardar pacientemente que lhes seja dado o visto. É verdade que Moscovo não se encontra oficialmente fechada, mas os hotéis estão cheios e a concessão de vistos a negociantes, suspensos desde Junho, deverá aguardar ainda algum tempo.

Mas como todo o mal trás consigo um bem, os representantes permanentes de grandes firmas estrangeiras, que residem em Moscovo, esses podem continuar a negociar.

● Liberdade... Silvie Vartan. Alguns julgaram ouvir «Liberdade» a Afeganistão». Mas os atletas que gritavam isto apenas pretendiam manifestar-se contra o encerramento da discoteca da Aldeia Olímpica gritando o nome daquela vedeta francesa. Foram os nadadores que terminaram as suas competições que estiveram



Anacleto Pinto: hoje, na maratona, são 65 homens a tentarem vencer 42.195 metros, tal como em 1896 o pastor grego Luis Spyridon. Aos 32 anos, Anacleto detém o máximo português: 2 horas 14 minutos 36,8 segundos

na origem deste incidente interpretado por alguns como uma manifestação contra a intervenção soviética no Afeganistão.

● A pesca destinada à Aldeia Olímpica, sabe bem, como o puderam apreciar certos clientes do mercado kolkhozião mais próximo da Aldeia. Vários peixes, desviados do seu destino inicial, foram vendidos às escondidas por negociantes despachados.

● Os atletas têm preferência sobre os museus de Moscovo. A questão foi posta a Vladimir Popov, primeiro vice-presidente do comité de organização, tendo presente o espectacular programa cultural oferecido por ocasião dos Jogos. Popov deu as estatísticas: durante os primeiros dez dias dos Jogos, três milhões e meio de espectadores assistiram às provas desportivas e dois milhões e meio, apenas, às manifestações culturais. No total, acrescentou Popov, o programa cultural olímpico, que começou em 28 de Junho compreende 4.800 manifestações.

EUA: nadadores respondem ao repto

Craig Beardsley e Mary Meagher estabeleceram dois novos recordes mundiais de natação na distância de 200 metros mariposa durante os campeonatos norte-americanos, em Irvine.

Beardsley (19 anos) conseguiu a marca de 1.58,21 minutos, batendo o anterior recorde, estabelecido nos Jogos Olímpicos de Montreal pelo seu compatriota Mike Brunner (1.59,23). Meagher (15 anos) melhorou o seu próprio máximo mundial, realizando o tempo de 2.06,37. A anterior marca (2.07,01) fora conseguida em Agosto de 1979, em Fort Lauderdale.

Durante os campeonatos de Irvine, os nadadores norte-americanos têm evidenciado a preocupação de bater os resultados conseguidos nos Jogos Olímpicos de Moscovo, onde não participaram devido ao boicote da administração Carter. Nas onze provas do programa olímpico disputadas nos dois primeiros dias da competição foram obtidas marcas que garantiriam aos Estados Unidos sete medalhas de ouro, seis de prata e duas de bronze, tendo em consideração os resultados obtidos em Moscovo.

Nos 200 mariposa masculinos, Beardsley terminou à frente do antigo recordista Brunner (1.59,13) e de Bill Forrester (1.59,40), mas os três foram mais rápidos que o campeão

olímpico Sergei Fesenko (URSS) que realizou a marca de 1.59,76. Os seis nadadores classificados a seguir gastaram menos de 2.01,20, o tempo que deu a medalha de prata olímpica ao britânico Phil Hubble.

Tracy Caulkins realizou duas marcas que lhe teriam valido duas medalhas de prata em Moscovo. Bateu o seu próprio recorde norte-americano dos 400 metros estilos (4.40,61) depois de na 3.ª feira ter melhorado também o recorde nacional dos 100 metros bruços, com 1.10,40.

O campeão e recordista mundial Jesse Vassallo (de Porto Rico), venceu os 400 estilos pela 5.ª vez consecutiva, com o tempo de 4.21,51, melhor que os 4.22,89 conseguidos em Moscovo pelo soviético Alexander Sidorenko, campeão olímpico.

Nos 100 metros livres, os dois primeiros classificados fizeram melhor que o campeão olímpico Jorg Woithe, em Moscovo: Rowdy Gaines gastou 50,19 segundos, depois de, nas eliminatórias, ter igualado o seu recorde nacional (49,61), e Chris Cavanaugh realizou o tempo de 50,26.

As provas decorreram sob calor intenso, que chegou a atingir os 38 graus. A competição de Irvine selecciona os 22 nadadores que participam dentro de dias no «Meeting» Internacional de Xangai.

Ouro, prata, bronze

A União Soviética ganhou a «Taça das Nações», que recompensa o país com maior número de finalistas. Classificação final: 1.ª, União Soviética, 78 pontos; 2.ª, França, 68 p.; 3.ª, Hungria, 34 p.; 4.ª, Polónia, 33 p.; 5.ª, Suécia e Roménia, 16 p.; 7.ª, Itália, 15 p.; 8.ª, RDA, 7 p.; 9.ª, Bulgária, 5 p.; 10.ª, Cuba e Checoslováquia, 2 p.

Após a distribuição de 11 medalhas de ouro, outras tantas de prata e de 34 de bronze (incluindo as correspondentes aos terceiros lugares nas categorias do torneio de boxe, ontem apurados nas meias-finais da modalidade) o quadro geral das medalhas olímpicas, no termo do décimo segundo dia de competições dos Jogos de Moscovo, é o seguinte:

PAÍSES	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
URSS	69	56	38	163
RDA	37	31	38	106
Itália	7	3	2	12
Bulgária	6	12	15	33
Hungria	6	9	12	27
Roménia	5	5	10	20
França	5	3	2	10
Grã-Bretanha	4	7	5	16
Suécia	3	3	6	12
Polónia	2	11	15	28
Cuba	2	4	5	11
Austrália	2	1	5	8
Finlândia	2	1	2	5
Dinamarca	2	1	2	5
Brasil	2	—	2	4
Suíça	2	—	—	2
Checoslováquia	1	3	9	13
Jugoslávia	1	3	4	8
Espanha	1	2	1	4
Grécia	1	—	2	3
Etiópia	1	—	2	3
Bélgica	1	—	—	1
Índia	1	—	—	1
Zimbabué	1	—	—	1
Coreia do Norte	—	3	2	5
Mongólia	—	2	2	4
Áustria	—	2	1	3
México	—	1	2	3
Irlanda	—	1	1	2
Tanzânia	—	1	—	1
Jamaica	—	—	3	3
Holanda	—	—	2	2
Libano	—	—	1	1
Guiana	—	—	1	1

Amanhã: programa

É o seguinte o calendário dos Jogos Olímpicos de Moscovo para amanhã:

● Boxe — 13h (de Lisboa) finais
● Canoagem — 08h e 14h: Kayak-1 1000 metros, meias-finais e final (homens); canoa-1, meias-finais e final (homens); Kayak-2, 1000 metros, meias-fi-

nais e final (homens); canoa-2, 1000 metros, meias-finais e final (homens)

● Futebol — 17h, final: RDA-Checoslováquia

● Judo — 08h e 16h: categoria aberta

● Tiro com arco — 08h e 12h: finais (homens-senhoras).



João Rocha: assinatura-compromisso



José Maria Canhoto e Fernando Delgado: homens-fortes para o futebol verde-branco

Entrar ou sair?

Oliveira, Teixeira e Lima Pereira à porta do F. C. Porto

Teixeira, Lima Pereira e Oliveira são os três jogadores do FC do Porto a que a direcção do clube pretende instaurar processos disciplinares, caso os 11 jogadores «dissidentes» tencionem regressar à colectividade nortenha. A decisão da direcção «azul branca» choca assim (frontalmente) com a posição expressa pelos «11», de apenas admitirem o regresso à equipa de todos os elementos». Sem qualquer punição.

A demarcação das posições de ambos os lados parece assim definitivamente tomada, resultando dela um provável prolongamento do impasse, a não ser que os jogadores «grevistas» aceitem as condições impostas pela direcção, o que parece vir a ser o mais certo. Oliveira admite (mesmo) a sua rescisão com o Porto, para desbloquear a situação. Os factos apontados, esgotam praticamente as propostas de negociação possíveis, pelo que a recém constituída «Comissão Negociadora» deliberou passar de novo para a direcção do clube a responsabilidade da resolução da crise.

Sporting treina em Monsanto

Monsanto foi o local escolhido por Radisic para os exercícios físicos dos jogadores do Sporting, que estão a decorrer normalmente, preparando a equipa «leonina» para os desafios que se anunciam para breve. Segunda-feira, os jogadores darão início aos treinos com bola (em Alvalade) para três dias depois jogarem com os ingleses do Manchester City.

Os nomes dos homens sobre

quem pesa a enorme responsabilidade de defender o título de campeão nacional são os seguintes: Fidalgo, Vaz e Crispim, guarda-redes; Artur (que regressa dos Estados Unidos), em fins de Agosto, Eurico, José Eduardo, Barão, Zezinho, Bastos, Inácio, Meneses e Carlos Xavier (ex-júnior), defesas; Ademar, Esmoriz, Fraguito, Mota, Mário Jorge e Paulo Antunes (os últimos dois ex-juniões), médios; Freire, Jordão, Lito, Manoel, Manuel Fernandes e Dilson, avançados. De realçar o facto de quase todos os jogadores terem renovado os seus contratos com o Sporting, por várias épocas, Manuel Fernandes (por exemplo) ficará vinculado a Alvalade até aos 32 anos de idade. Ontem, o brasileiro Meneses assinou até ao final da época de 1983/84. A aposta do Sporting consiste na manuten-

ção do seu «plantel», tendo apenas contratado Esmoriz, como único reforço.

Nova distinção para Garrido

António Garrido (o mais internacional dos árbitros portugueses) foi novamente escolhido para apitar um jogo lá de fora. Desta feita, a partida em referência porá frente a frente o Ipswich e o Aris (de Salónica) a 17 de Setembro, em Inglaterra.

Académico de Viseu arranca em Seia

O Académico de Viseu vai apresentar-se ao seu público defrontando a equipa checoslovaca do Bohemians, de Praga, em partida a realizar no próximo dia 10, no Estádio do Fontelo. Entretanto, iniciou-se já a preparação dos viseenses, a decorrer nas proximidades de Seia.



Radisic comanda em Monsanto

Portugal na piscina

Oito recordes nacionais de natação, um dos quais absoluto, foram estabelecidos na primeira jornada dos campeonatos de Portugal de Verão, a decorrerem até domingo na piscina dos Olivais, em Lisboa.

O recorde nacional absoluto foi estabelecido por Teresa Figueira, do Futebol Clube do Porto, nos 400 metros estilos femininos, com o tempo de 5.18,79.

Os vencedores da jornada foram os seguintes: 400 estilos femininos; (infantis), Alexandra Silva, Porto, 5.20,30 (recorde nac. da categoria) (juvenis), Teresa Figueira, Porto, 5.18,79 (recorde nacional absoluto (juniores) Claudia Osório, Porto, 5.33,20.

Masculinos, infantis, Rui Borges, Porto, 5.08,32 (recorde nacional da categoria) (juniores), João Santos, Benfica, 4.52,60 (nacional da categoria); 200 costas femininos, (juniores), Aida Leite, Porto, 2.36,80 (recorde nacional da categoria (seniores), Adelaide Melo, Académico,

2.47,42; masculinos, (juvenis), José Carlos Moreira, Porto, 2.19,50 (r. n. categoria), (juniores), Jaboc Frishneck, Algés, 2.20,80; 100 livres femininos, (juvenis), Ana Viegas, Algés,

1.03,00 (r. nacional da categoria), Masculinos, (infantis), Rui Borges, Porto, 1.02,(r. n. da categoria), (juvenis), Jorge Mata, Académico, 1.00,40, (juniores), Fernando Teixeira, 56,93.

Hóquei: idas e vindas

Um campeonato de hóquei em patins, acaba e logo outro se aproxima (no próximo mês de Setembro). Quer isto dizer que estamos em pleno período favorável às transferências de jogadores e preparação das equipas para o novo torneio. Dos «crques» que regressam ao país, José Virgílio que, depois de uma época em Itália, opta pelos «encarnados». Dos que saem, regista-se o caso de Leste, de malas, também ligadas a Itália, após se ter gorado a possibilidade de chegar a acordo com o Benfica. Cristiano é outro dos hoquistas a sair, com destino a Espanha, concretamente para o Liceu da Corunha. Gomes e Costa, por sua vez, abandonam o Corunha para ingressarem no FC do Porto, apesar de Costa não estar ainda garantido para os «azuis e brancos».

Em matéria de transferências entre clubes nacionais, Chalupa é um dos casos, indo do FC Porto para a Física de Torres Vedras. Coelho (guarda-redes do Belenenses), neste verdadeiro bailado de transferências, poderá ir parar às Antas. Para o Belenenses, deverá ir Fernando Soares (Fanã) que contrabalançará na medida possível as saídas de Jorge (para um clube lisboeta que não se conhece por enquanto) e Garrido que teria sido convidado pelo Queluz com a dupla função de treinar e jogar. Quanto a outro «grande» do hóquei (e referimo-nos ao Sporting) tem já praticamente assegurada a saída de Chana e Sobrinho. Do

clube deverão sair José Rosado e Carvalho, com destino ao Cascais. Finalmente, Cristiano poderá ter ainda no Sporting a alternativa ao Corunha.

Livramento treinador do Sporting

O internacional Livramento será o treinador da equipa principal de hóquei em patins do Sporting na próxima época. Entretanto, não está ainda decidido se Livramento acumulará as funções de treinador-jogador ou se abandonará os ringues para ficar apenas no «banco».



Sergei Litvinov: prata no lançamento do martelo

Placard

Sporting encesta

A turma de basquetebol do Sporting procura reforços: Eustácio (Ginásio Figueirense) e Santiago (Sangalhos) estão perto da rede.

Ali outra vez

O Conselho Mundial do Boxe deu o seu acordo para a realização do campeonato do mundo dos «pesados», entre Larry Holmes e Mohammed Ali, em 2 de Outubro próximo, em Las Vegas. Dezasseite dos 18 membros do Conselho mostraram-se favoráveis ao reaparecimento de Ali. O Art.º 12.º dos regulamentos do WBC estipula, com efeito, que os antigos campeões do Mundo podem voltar a combater por um título mundial com duas condições: submeterem-se a exame médico completo e obter a maioria na votação do Conselho Mundial do Boxe.

Travessia do Atlântico também tem recorde

O navegador francês Eric Tabarly bateu o recorde da travessia do Atlântico à vela percorrendo a bordo do «Paul Ricard» a distância entre Sandy Hook (Nova Iorque e Cap Lizar ponta sudoeste da Inglaterra) em 10 dias, 5 horas 14,20.

O anterior recorde fora estabelecido em 1905 pelo americano Charlie Barr a bordo do «Atlântico» em 12 dias, 4 horas 1,19.

Varig Racing Team

O Varig Racing Team, surgido em 1976 nos campeonatos nacionais de velocidade, divulgou a constituição da sua equipa, formada pelos seguintes corredores: Tino Pereira, Vítor Seixas, Eduardo Névoa. O «homem da Varig» para a motonáutica é Manuel Loureiro.

Hóquei em campo: novos ao leme

A Associação de Hóquei em Campo de Lisboa elegeu os seus dirigentes para a época de 1980/81. São eles na Assembleia Geral: Guilherme Antunes Silva Valentim, Mário Melo Carvalho Costa, João Chasqueira e Edmundo Alves. Direcção: Emílio dos Santos Saraiva; Eusébio Veiga, António José Rodrigues, António Pereira de Jesus, Valdemiro Ramos e Fernando Gonçalves Rebelo. Conselho Fiscal: Oscar Nunes, Henrique Rego Alves, Fernando Julião Coelho Santos, António Augusto Moreira e Domingos A. S. Tobias. Conselho Técnico: Alfredo Lopes Almeida, Rogério Fonseca Camos, Maria Pinheiro Pereira, Mário Jorge Moreira Agiar e Ruy Allen Valle. Conselho Jurisdicional: Luciano Matias, Fernando José Cipriano Correia e José Duro.

Sporting: uma rocha em torno de João Rocha

Mais que esperado: a lista encabeçada por João Rocha foi a eleita pela assembleia geral do Sporting para um mandato de dois anos. A lista (única que se apresentou a referendo) teve o apoio da esmagadora maioria dos sócios votantes, num total de 1132, dos quais apenas dois inutilizaram os seus boletins.

Além da recondução de João Rocha no cargo de presidente da direcção, foram eleitos Emídio Pinheiro e Roque Lino (presidente e vice-presidente da mesa da Assembleia Geral), António Esteves (vice-presidente para as Relações Exteriores), Nunes dos Santos (presidente do Conselho Fiscal e Disciplinar) e Luís Coimbra (vice-presidente para a Fiscalização e Contas). A estes elementos caberá (agora) completar a totalidade do elenco directivo que vem pôr termo a uma crise que se prolongava há cerca de um ano, após a demissão da anterior direcção, igualmente presidida por João Rocha.

Luís Coimbra foi o elemento mais votado pela Assembleia (um total de 3717 votos), seguido de Emídio Pinheiro (3711), António Esteves (3700), João Rocha (3680), Nunes dos Santos (3634) e Roque Lino (3590).

Após o sufrágio e a divulgação dos resultados, unanimemente aclamados pela assembleia que enchia o pavilhão de Alvalade, decorreu o acto de posse. Emídio Pinheiro salientou que o Sporting adquiriu com o acto eleitoral a sua riqueza estatutária e considerou o dia de festa para todos os sócios: os presentes e os ausentes, destacando entre estes os emigrantes. Teve palavras de atenção para os simpatizantes do clube que não sendo sócios de direito são-no, porém, de coração e, também, para todos os atletas, amadores e profissionais, apelando para que estes representem o Sporting com a alma dos amadores.

Destacou a acção dos funcionários que fazem parte de uma complicada máquina e desempenham papel influente na conquista dos títulos e dirigiu uma mensagem a todos os outros clubes que, segundo disse, «queremos como adversários e não queremos como inimigos». Lembrou especialmente os clubes que estão em crise e apelou para as suas massas associativas, no sentido de resolverem essas crises como o Sporting soube resolver a sua.

Emídio Pinheiro apelaria ainda às entidades governativas no sentido de criarem um orçamento para o desporto e acabarem com os subsídios mendigados. E patenteou o seu apreço pelo entusiasmo, força

de vontade e capacidade de João Rocha, manifestando a sua esperança em ver concretizado o programa projectado pelo dirigente que preside aos destinos do clube «leonino» de há sete anos a esta parte. João Rocha foi curto na sua intervenção, começando por alertar que o programa que serviu de base à sua candidatura só é possível de concretização desde que se consigam atingir determinadas metas e ultrapassados obstáculos ainda existentes, referindo-se às responsabilidades assumidas pela governação do País. Estamos empenhados numa guerra em duas frentes (disse). Dum lado, há que dotar o clube das estruturas imprescindíveis que lhe permitam continuar sendo o campeão do desporto português. Por outro lado, temos de cumprir a nossa missão desportiva, conquistando títulos e mantendo uma presença ímpar e dignificante em todas as modalidades em que competimos.

Reafirmou a intenção da sua direcção fazer tudo o que é exequível para que o futebol permaneça à dimensão do Sporting e apelou para que os sócios apoiem a equipa desde o primeiro dia e não, apenas, nas últimas jornadas, se estiver a disputar o título. Não basta acreditar na equipa quando ela está na carreira do título.

Disse (depois) que os problemas subsistem e, segundo prometeu, a direcção propõe-se vencê-los. Mas (frisou) muito pouco será alcançado se a população «leonina» não estiver actualmente com o Sporting.

João Rocha afirmou, a terminar, que a crise directiva do clube foi resolvida sem, como alguém disse levemente na última assembleia, ter de se recorrer a sócios do Benfica.



Após 12 anos de interregno o Alhandra Sporting Clube, através da sua secção de vela, voltou a organizar uma prova de motonáutica, denominada Grande Prémio de Alhandra. José Carolo, José Navalho e Carlos Miranda venceram nas classes SE, NSF e SD

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

Viena de Christiane Singer

Depois da Glasgw de Kenneth White e da Benarés de Severo Sarduy, publicamos hoje a Viena de Christiane Singer, uma francesa que se tornou austríaca por adopção, autora do romance «A Morte Vienense».

Da primeira vez que vejo Viena, ela está em ruínas e eu tenho quatro anos: muito belo. Aqui e lá, no meio dos escombros, há pedaços de paredes ainda em pé, donde se descolaram parcialmente os papéis floridos e nestes de vez em quando subsiste a mancha clara de um quadro outrora suspenso. Por detrás das portas e janelas das fachadas amontoam-se, ao ar livre, todas as espécies de restos. Por ali se passeiam, graves e altivos, os gatos.

A cantiga que trauteio é a primeira que aqui me ensinaram; o seu refrão embala-nos desde o berço: *O Du lieber Augustin, Alles ist hin...*, quer dizer: oh querido Augustin, está tudo f... É o hino nacional oficioso, a profissão de fé mais genérica de um povo que muitas, muitas vezes acabou por dizer que «a situação era desesperada mas não grave». Não foi por acaso que os de Viena elegeram para seu padroeiro e anjo tutelar aquele homenzinho que em 1969, quando da grande peste, julgado morto de tão bêbado pelos que limpavam as ruas de cadáveres, foi cozer a bebedeira para a fossa dos empestados, levantando-se de madrugada fresco e bem disposto.

Anti-herói da alegria de (sobreviver e do olvido, quem melhor do que este Janus-bomrapaz, que numa mão segura a púcpa de vinho novo e na outra brande a borracha destinada a apagar a própria lembrança dos desastres, podia servir de emblema à cidade?

Mal acabo de fechar os olhos, no café onde escrevo, para procurar, no fundo da memória, as imagens amareladas e irremediavelmente confusas daqueles quarteirões bombardeados, um outro fundo sonoro vem de repente vencer o inocente refrão do velho Augustin: é a voz do Führer decretando, no seu discurso de 8 de Abril de 1938, na Câmara de Viena: «podem ter a certeza de que esta cidade é para os meus olhos uma pérola, uma verdadeira pérola, e eu inclino-me como deve ser diante de tal jóia confiando-a ao Grande Reich» — e logo a seguir ouve-se o «Wacht auf! Wacht auf!» («Acordai! Acordai!») dos Mestres Cantores, que o coro da Ópera de Viena cantava em peso, nessa noite, em honra dele. Há certos loucos que não se lembram bem senão daquilo que não viveram. Eu sou um deles.



Hoje desapareceram os buracos negros que há pouco ainda se viam entre dois prédios. Cada interstício recebeu a sua prótese. Os construtores civis não têm estado quietos, e aí está a Viena reconstruída, mais uma vez zerschonert (destruída-embelezada), para usar a vigorosa fórmula do pintor Rudolf Alt, ou «demolida ao nível de Grande Cidade», como disse Karl Kraus. Cidadela medieval, fausto barroco, monumentalismo ensandecido do fim-de-século onde o Império redesenhava uma capital cinco minutos antes da sua própria queda, bombardeamento e ressurgência sob tanta metamorfose, não deveríamos antes espantar-nos diante da sua serenidade? Porque, para além desta devoção permanente, de todas as certidões de óbito que lhe foram passadas, ela persevera, igual, obstinada, venenosa, ela é mais o verde acinzentado das suas cúpulas. Pois não se vê ainda, das esplanadas do Belvedere, o que Canaletto pintou?

Reconhece-se uma rua de olhos fechados pelo seu rumor, ou, de olhos abertos, pelo seu clima. A avaliar pelo modo como os empregados de escritório se apressam direitos aos seus trabalhos, levando na mão as suas pastilhas de couro docemente inchadas pelas engor duradas sanduiches do Gabelfruhstuck (o segundo

pequeno-almoço das 9 horas), e pelo modo como se apinham no autocarro, não há engano possível: estamos de facto em Viena. Os vieneses, que começam a mastigar coisas moles embrulhadas em papel-manteiga a horas em que qualquer outro cidadão europeu não poderia ainda, sob nenhum pretexto, accionar os maxilares, mantêm com os seus próprios corpos uma estranha relação: alimentam-se sem tréguas, como se para eles se tratasse, sempre, de saciar, de tornar inofensivo um temível Moloch.

Hipocampo

Viena? Sonho acordada, com o lápis dançando-me na mão, até à brusca iluminação que me é trazida pelo jovem que me conta como, nestas madrugadas cinzentas, os atacadores dos sapatos lhe incomodam os pés. As longas sílabas chevas das suas frases arrastadas servem-me de trampolim. A antiga cidade tentacular e imperial parece que vai aparecer diante dos meus olhos, apenas por causa da magia destas poucas palavras. Dos cinquenta e um milhões de habitantes que contava, em 1910, o império habsburguês, repartidos em doze nacionalidades — alemães, húngaros, checos, slovenos, eslavos do Sul, sérvios, croatas, rutenos, muçul-

manos, polacos, romenos e italianos — só sobra agora esta cidade, cabeça hidrópica, do minúsculo corpo que torce docemente, no mapa, a cauda de hipocampo a que chamam Áustria.

Se procuras Viena, tinha-me dito um amigo, é mais em Budapeste, em Praga, em Brno, em Ljubljana ou em Trieste que a encontrarás». Viena perdeu as zonas que tinham os nomes destas cidades e de várias outras, e, sem o sangue fresco que dessas veias lhe vinha em homens, ideias, fantasmas, a arteriosclerose passou a ameaçá-la. Ainda hoje, Cracóvia ou Praga estão mais perto do coração de um vienense do que Linz ou Innsbruck, apesar de ser definitivamente passado o tempo em que se iam ver a Presbourg, à noite, filmes cuja projecção os nazis vinham perturbar.

Dessas multidões que percorriam o Ring (a grande avenida circular construída onde antes estavam as muralhas da cidade), descritas por Joseph Roth em *A Marcha de Radzky*, onde se misturavam os fez e os turbantes, os chapéus altos e as plumas multicolores, as capas amarelas e negras da guarda húngara (também usadas pela guarda das muralhas de Jerusalém, de que Francisco-José era rei), não sobram agora mais do que estes sotaques vários, acerca dos quais ainda é preciso

«Uma Cidade, um Escritor», é um rigoroso exclusivo «Le Monde Dimanche»/«Diário de Lisboa», que o Sete Ponto Sete publica às sextas-feiras.

ração. Esta metrópole do Kitsch, de que fala Hermann Broch, é também o berço do absoluto rigor intelectual de um Ludwig Wittgenstein ou de um Ludwig Boltzmann. O faustoso delírio perpetrado desde o barroco desdobrou-se, aqui, na impiedosa eliminação do cenário por Adolf Loos, o arquitecto da *tabula rasa*, inspirador da Bauhaus e da arquitectura contemporânea. («Mãos à obra, companheiros, a arte é qualquer coisa que temos absolutamente de ultrapassar») a pátria dos frons de opereta, de Johann Strauss e Franz Lear, é também a de Mahler, a de Schonberg e da música atonal. Desse monumento de cinco mil páginas que é *O homem sem qualidades* de Musil até aos escritos de Kafka, todas as formas imagináveis da criação literária foram aqui experimentadas, e levadas até à perfeição. Deste laboratório alquímico surgiram desordenadamente, determinando a nossa «visão do mundo» contemporânea, uma arquitectura, uma música, uma pintura novas, a psicanálise, o positivismo jurídico, o sionismo...

«Na Kakânia (1), escreve Musil, podia sempre acontecer que um génio fosse considerado um pateta, mas nunca, como acontece noutros lugares, um pateta seria considerado um génio». Não é um dos menores e menos cruéis segredos da incrível riqueza artística da cidade, o facto de ela condenar cada criador, na ausência de toda e qualquer complacência admirativa e de toda e qualquer consagração — só os mortos a elas têm direito — a ultrapassar-se indefinidamente a si próprio.

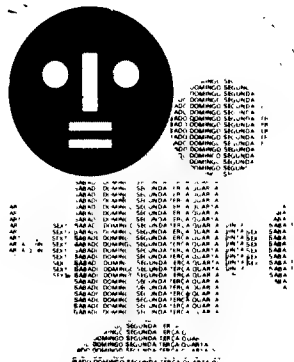
«O esforço que é preciso fazer para sair deste pântano é tão violento que degenera fatalmente em génio», diz um dos meus personagens de *A Morte Vienense*. Se a cidade nos leva, por causa da sua desenvolta indiferença, da sua alergia a toda e qualquer inovação, da sua feroicidade, ao desespero ou ao exílio, ao mesmo tempo acomoda-se facilmente ao que fez como a tudo o resto: «Tive a Viena genuíno ódio e, ao contrário do gigante Anteu, adquiri forças de cada vez que ponho os pés fora da cidade onde resido», escreve Freud, que... aqui passou toda a sua vida, salvo os quatro primeiros e o último anos.

Prazer

Viena não precisa de importar os seus críticos e detractores, os

Qual a cidade, em todo o mundo, que alimentou e se alimentou de tantas contradições? Todos os ingredientes ali se misturaram, numa fabulosa mace-

Agenda



CINE/PONTO

Play Time

de Jacques Tati
(França — 1967)

Rever Jacques Tati é sempre gratificante. Rever aquela que é talvez, a sua melhor obra torna-se um acontecimento.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(para todos)

O ABC do Amor

de Woody Allen
(USA — 1972)

Allen e o mundo do sexo num filme em sketches, género pouco comum do outro lado do Atlântico. Uma reposição oportuna que está a obter um sucesso apreciável.

Cinema ABCine — sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45)
(não acons. men. 18 anos)

WR — Os Mistérios do Organismo

de Dusan Makavejev
(Jugoslávia-RFA — 1970)

Marx e Freud, Staline e Reich passam por este filme cáustico e incisivo onde o socialismo burocrático é passado no crivo de uma lúcida subversão.

Cinema Quarteto — Sala 3
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

À Procura dum Homem

de Richard Brooks
(USA — 1978)

Um dos mais perturbadores filmes em exibição. Uma viagem à noite do desejo e da angústia, em companhia de Diane Keaton, sob o olhar desesperado de Brooks.

Cinema Satélite (14, 16.30, 19 e 21.45 h)
(interdito a men. 18 anos)

O Dinheiro dos Outros

de Christian de Chalonge
(França — 1978)

O cinema «político» francês após a ruptura da frente PS-PCF.

Cinemas Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h)
e Cine Bloco (14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h)
(não acons. men. 13 anos)



«WR — Os mistérios do organismo»: uma sátira corrosiva

Kramer contra Kramer

de Robert Benton
(USA — 1979)

Uma das «locomotivas» do ano: muitos óscares e muito sucesso para um filme que não é mais que um exemplo acabado de qualidade industrial.

Cinemas Cine 222 (14.15, 16.30, 19 e 21.30 h) e
Terminal (11, 13, 15, 17, 19,

21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

Os Novos Monstros

de Mario Monicelli, Dino Risi e Ettore Scola
(Itália — 1978)

Um filme desigual, como desiguais são os seus autores, onde o excelente convive com o péssimo e a média é apenas aceitável.

- Play Time — ★★★★★
O ABC do amor — ★★★★★
WR-Os mistérios do organismo — ★★★★★
À procura dum homem — ★★★★★
O dinheiro dos outros — ★★★★★
Kramer contra Kramer — ★★★★★
O cow-boy eléctrico — ★★★★★
Os novos Monstros — ★★★★★
O casal perfeito — ★★★★★
O duelo — ★★★★★
A rosa — ★★★★★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

Cinema Quarteto — sala 4
(14.30, 16.15, 19, 21.30 e 24 h)
(interdito a men. 13 anos)

O Casal Perfeito

de Robert Altman
(USA — 1979)

Altman passa (sem remédio?) para o limbo dos «autores» com este filminho definitivamente vulgar e onde quase só os dois actores protagonistas se salvam da derrocada geral.

Cinema Nimas (14, 16.15, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

O Duelo

de Ridley Scott
(G. B. — 1976)

Um filme gratuitamente esteticizante feito com o gosto de um publicitário.

Cinema Quarteto — sala 2
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

A Rosa

Bette Midler é um «caso» mas Rydell sabe tanto de rock como eu de lagares de azeite.

Cinema Londres (14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

“O Cow-Boy Eléctrico”

de Sydney Pollack

O liberalismo de Hollywood também produz destas coisas, quer dizer, também roda filmes «de autor» para servir de pódio às vedetas. A ideia é a de jogar para o mercado cinematográfico um triunvirato de nomes pertencendo à ala progressista da indústria (Pollack/Redford/Fonda), desenvolver uma história inconformista «contra o sistema», povoá-la de referências a uma certa pureza americana supostamente perdida, adoçar tudo com uma história de amor assaz inútil e desinteressante. Redford é o cow-boy campeão de rodeos que se transformou em gadget publicitário e resolve libertar-se; Jane Fonda é a jornalista liberal que vai projectar essa revolta para o grande público através da televisão (é curioso que esse papel esteja a ser, para ela, um hábito, tal como a própria figura do jornalista é já um estereótipo do cinema pos-Watergate). Não se pode porém dizer que o conjunto do filme decepcione em demasia. Não só os actores funcionam excelentemente como a realização é de uma eficácia a toda a prova (e convém chamar a atenção para o prodigioso genérico, quase uma obra-prima da arte de narrar); não só há uma ideia curiosa à partida (que porém os argumentistas de Pollack



Jane Fonda e Robert Redford em «O cow-boy eléctrico» de Pollack

desenvolvem da forma mais óbvia e menos crítica) como até uma meia hora antes do final, o espectador ainda está em condições de esperar um desvio

à pequena história de amor cuja única finalidade é dessedentar os fans de Redford e de Fonda (de resto, duas máquinas de fazer dinheiro). O filme é

simpático mas a sobrecarga de boas intenções condu-lo a uma espécie de limbo e ao espectador a uma certa indiferença que só não é bocejante porque Pollack

é de facto um grande realizador e filme como poucos. Na sua globalidade o espectáculo até é agradável mas não deixa de ser inquietante que Pollack esteja,

há dez anos, a falhar dois em cada três filmes (foi o caso de O nosso amor de ontem, de Yakuza, de Um momento... uma vida e, agora, de O cow-boy eléctrico para apenas dois momentos altos: As brancas montanhas da morte em 1972 e Os três dias do condor em 1975).

FICHA:

Título original: The electric horseman.

Realização: Sydney Pollack (USA-1979).

Argumento: Paul Gaer e Robert Garland, segundo história de Shelly Burton.

Fotografia (technicolor): Owen Roizman.

Cenários: Stephen Grimes (production designer), J. Dennis Washington (art director), Mary Swanson (set decorator).

Música: Dave Grusin (canções cantadas por Willie Nelson).

Montagem: Sheldon Kahn

Interpretação: Robert Redford (Sonny), Jane Fonda (Hallie), Valerie Perrine (Charlotta), Willie Nelson (Wendell), John Saxon (Hunt Sears), Nicolas Coster (Fitzgerald), etc.

Distribuição em Portugal: Sonoro filme/CIC.

Cinema: Mundial.

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Duração: 120 minutos.

PARAÍÇOS Sete Ponto Sete

Os comeres e os beberes a caminho das Terras do Demo

Quantíssima a tarde e o sol a pino, mas ninguém dava por isso. O vinho morangueiro, do garrafão à caneca, da caneca ao copo, do copo às goelas, escorria, escorria, veloz como os raios de luz através da folhagem das árvores altas e antigas, suave como a brisa do monte, encosta abaixo, dos Alafões a Vouzela. Fazia-se uma pausa entre o «Dão», que ficara para trás, devidamente homenageado, e o «verde» que viria a seguir, da região de Lafões até Lamego. E comia-se cabrito assado

do melhor, como só há da Beira para cima. O coro das moças ampliava as modas de «namorar a rego cheio».

Sob as árvores, lá no alto do Monte Castelo, comia-se bem. E bebia-se. E cantava-se. Que tarde de sábado aquela, a meio da viagem de quatro dias, na companhia dos cidadãos que o Centro Nacional de Cultura levava à descoberta da Beira Alta!



Ninguém joga o chincalhão nem voltelam varapaus no terreiro da Senhora da Lapa: mas o bailarico solta-se, ainda, nas tardes de domingo, batido à concertina



O grã-sacerdote Dom Zeferino oficiando no seu santuário: para cada prato uma explicação, para cada copo uma história

O objectivo principal apontado aos excursionistas era conhecer as gentes e as coisas, pelo contacto pessoal, a observação relativamente demorada e as explicações de especialistas, quer os idosos de Lisboa, que os recolhidos nas localidades visitadas.

Tratava-se aliás, em grande parte, de gente ligada à cultura. Mas houve quem, por conhecer das Beiras a realidade e ter bebido a água das montanhas na juventude, se preocupou um pouco mais em aproveitar os quatro dias do passeio (sucedenho, no Verão, dos passeios de Domingo que o Centro Nacional de Cultura organiza na capital, no resto do ano) o que não encontra em Lisboa: os comeres e os beberes que vale a pena comer e beber. Assim fiz eu.

E quando se fala de bebidas para lá do Caramulo, é no «Dão» que está a pensar-se, seja o tinto (cor rubi, aroma a fruto e sabor aveludado, enobrecendo com o envelhecimento — como explicava um especialista), seja o branco (cor citrina, sabor a fruto e grande leveza), em qualquer dos concelhos da região demarcada Carregal do Sal, Mangualde, Mortágua, Nelas, Penalva do Castelo, Santa Comba Dão, Sátão e Viseu.

Por Nelas começávamos pela Adega Cooperativa, verdadeiro coração desta região de vinhos. A prova de qualidades e tons constitui entrada excelente no fundo da questão: só dali para cima ia começar a sério o passeio e a deglutição.

À guisa de introdução ficou a saber-se que ao preço de 120 e 130 escudos, porque é vendida a garrafa nos restaurantes citadinos recebe o produtor apenas 26 escudos. E este facto descontenta-os, hoje como ontem, contra a chusma de intermediários, armazenistas e especuladores que pululam por aí.

Por alto houve também quem

nos avisasse: «Não sobrevalorizem o rótulo de nobreza que certas marcas ostentam». Lá que é vinho da região demarcada, tudo certo; mas garantir-se é desta ou daquela colheita ou só de um ou outro lavrador, já não será tão fácil e seguro.

De Nelas a Viseu é um passo e na chamada capital da Beira Alta todos os passos encaminham os viandantes ao santuário onde oficializa o grã sacerdote das comidas, Dom Zeferino. «Houvesse ele mais meia dúzia de Zeferinos por esse país fora e outra sorte (que não o seu gradual desaparecimento) sorriria à cozinha tradicional portuguesa», tinha adiantado, em nota escrita distribuída à comitiva um especialista dos comeres e dos beberes José Quitério.

À mesa de Dom Zeferino

Confirmar-se-ia, que assim é, de facto. Da panóplia de receitas recolhidas por Dom Zeferino nas aldeias e conventos das redondezas avultam o arroz de carqueja, o bacalhau apodrecido na aldeia, o coelho embebado, a vitela assada à moda do lavrador de Cavernais, o lombo de porco assado à moda da padaria de Vildemoinhos, a feijoada com todos à moda do senhor Abade.

São trinta e tantas iguarias: a nós couberam cinco e para não perder tempo segue a lista, que deu no conjunto uma refeição abastada.

Primeiro «um caldo de massinha feita à maneira da criada do senhor Abade». Trata-se de um aperitivo estomacal que prepara o estômago para o lastro que vem a seguir. Dos peixes, o «bacalhau apodrecido à maneira dos conventos»; das carnes, a «morcela na frigideira à maneira das aldeias».

O prato de resistência, como quase sempre na Beira, é cabrito

assado no forno. Este, era à maneira da Condessa de Santar, com arroz de pinhos. Que delícia! Tratavam-se bem estes condes de Santar cuja aldeia visitaríamos: é difícil ver, noutra ponta do País, estratificação social como aquela com o solar dominador no centro e ao redor, como que paradas no tempo, as casas da criadagem, numerosas e obediente, de uma aldeia inteira.

Mas é de comidas e bebidas que se trata e, por via disso, impossível esquecer que encerrámos, no «Cortiço», com «sonhos de farinha de castanha, regados a aguardente de azeitonas» e que o aperitivo a toda esta sequência de maravilhas fora, nem mais, que um indiscriminado faltar de presunto, queijo fresco de ovelha, pão de centeio e chouriço tudo rebatido a tinto, aparado da pipa. Dom Zeferino é mesmo grande!

O inevitável cabrito assado acompanhar-nos-ia até à mata do Monte Castelo, em Vouzela, onde o comeríamos à sombra das árvores enquanto o dramaturgo Jaime Gralheiro, rei no palco de toda aquela região, nos explicava (exemplificando, obviamente) como é isso de vinhos, na região de Lafões.

Zona de transição entre o «dão» e o «porto» que surge a partir de Lamego, para o Norte, impera ali o «verde» de Vouzela, S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades. E há também um clandestino, o morangueiro, espécie de vinho americano. Anda fugido à lei e é impedido de combater no circuito comercial. Por isso se bate à mesa do produtor ou à dos seus amigos, como era o caso, naquela tarde de sábado, à sombra das árvores, com a Câmara de Vouzela a apadrinhar o acto.

Por comparsas e testemunhas tínhamos o Grupo de Cantares de Cambra e o Grupo de Manhouce, com modas e cantigas

da Serra da Gralheira.

Era exigir de mais continuar naquele ritmo de comidas e bebidas até ao fim da viagem. Fica apenas, por isso, uma nota sobre as refeições saboreadas nos montes que rodeiam Lamego, com o «ecran» panorâmico, em fundo, de verdura e casas. Os olhos também comem, amigos meus, e eu que o diga, depois de Lamego.

Ainda sobre comeres e beberes e a propósito de Lamego. O presunto famoso, já era: hoje, retornados em série, industrializaram a produção e unificaram-na. Tanto faz comprá-lo lá, como no Montijo ou em Rio Maior. Quanto às Caves da Raposeira, verdadeiro ex-libris da cidade e onde se produzia o melhor achampanhado do País (um milhão de garrafas/ano), foram vendidas, há coisa de um mês, a uma multinacional americana.

E foi assim que, bem comidos e bebidos, nos dirigimos às Terras do Demo último local de importância a atrair-nos durante a viagem.

Mas aí, as fragas sucedem-se à vinha, o centeio esparsa toma as vezes do verde, verde das montanhas do interior, e obriga-nos a olhar com maior discreção para as pessoas, as coisas e a paisagem.

De raspão, as Terras do Demo

Ultrapassada a serra de Leomil, entrámos nas Terras do Demo, «essas aldeias montesinhas que moram nos picotos da Beira, olham a Estrela, o Caramulo, a cernelha do Douro e, a norte, lhes parece gamela emborcada o Monte Marão». Aquilino Ribeiro cresceu por aqui e vamos a caminho da Senhora da Lapa onde o grande artista da palavra estudou, no Colégio dos Jesuítas.

Escreveu o autor de «Quando

os lobos uivam», que, «sem dúvida, nunca Cristo ali rompeu as sandálias, passou el-rei a caçar ou os apóstolos da Igualdade em propaganda. Bárbaras e agrestes, mercê apenas do seu individualismo se têm mantido, sem perdas nem lucros, à margem da civilização».

Muda a face das encostas, são outras e mais ralas as árvores que crescem no vale. Surgem as giestas, encavilhadas nas lombas, e os pinheiros dominam já a paisagem, ainda que raros e ras-teiros. É o reino do granito e das fragas. Foi noutros tempos domínio dos lobos e dos almocreves, como o «Malhadinhas» que Aquilino animou a palmilhar esta corda de aldeias, da raia a Vila Nova de Paiva e, lá mais longe, nos caminhos da beira-mar.

As medas de palha amontoam-se à beira da estrada. O centeio ceifado está pronto a entrar nas debulhadoras que hoje substituem os braços e o mangual. Até à Lapa, lá no alto da Serra, rareia o milho de sequeiro e um ou outro canteiro de batatas.

É domingo e umas três a quatro centenas de peregrinos enchem os largos fronteiros à capela da Senhora da Lapa, e ao antigo colégio dos Jesuítas. Merendando no chão, no largo da romaria, ou abrigados do sol à sombra dos muros graníticos do conjunto monumental. Petisca-se alegremente e, lá atrás, espalhado sobre as lajes de granito um grupo acentua o insólito destes tempos e destas terras de emigração: não despegam os olhos do aparelho portátil de televisão que transmite um qualquer programa a cores.

Não vejo ninguém a jogar ao chincalhão. Não há rumor de varapaus volteando no terreiro, Aquilino, Aquilino, velho mestre amigo, da minha Beira natal: como tudo está mudado! Olha, nem vi ninguém a dar as seis

voltas de joelhos ao penedinho, como mandava a tradição, quem acredita, hoje, em milagres?

Relembro as «Terras do Demo» e a narração das romarias: «Lá adiante, no morrer de baixa, o melhor duma aldeia harmónio fungando, cores a berrar, avançava em animado passo de dança. Sozinhos, chegados um ao outro, lá passavam dois casadinhos de fresco: ben-se lhes via nos olhos muito mexidos o regalo de se mostrar (...). E lá seguia tudo a catrapós, ao frenesi de meter com sol à festa que o mês de Agosto c'os seus santos ao pescoço não tinha melhor que a Senhora da Lapa, a rica Senhora da Lapinha».

Continua a vender-se de tudo. Talvez menos «berimbaus, guizos ásperos para adormecer, meninos, bons canivetes de marca de anzol», mas ainda, seguramente, «diante de tanta liberdade, as moças arrelampam». Ele é rádios a pilhas e relógios crucifixos e bentinhos, barrete e cachecóis, também espelhos de ouro, ainda que a fingir; e retratos de estrelas de cinema, e de garotas desconhecidas, lábios cor de romã, desenhados a baton e rouge; também círios e velas comidas e refrigerantes e cornetas de oito vinténs.

Nem sinal de «bomto tanga ranhão a subir o terreiro ou requeijadas a ensaiarem para a rap-sódia». Mas um pouco mais abaixo, abrigadas do vento fresco, que o sol já raspa o cume dos pinheiros, lá estão como no antigoamente, os pares à roda e os passes de dança marcados a concertina. Escapa, fugidia, a melopeia do Mioma, que evoca de olhos cerrados no conforto do «jet pulman», que há-de trazer-me a Lisboa: Siora da Lapa, ouvi-me! Ouvi-me em tão grande dor! Ai, foi-me falso meu bem! foi-me infiel meu amor!»

DANIEL REIS

SOCIEDADE

Sete Ponto Sete

Alcântara nas exposições um estudo de Arque

Perscrutar na paisagem um dia-a-dia contemporâneo é ao mesmo tempo auscultar a memória da sua população, ela própria produto histórico de cada época; é percorrer, através de uma leitura regressiva, todos os símbolos que a urbe construiu, manteve ou derrubou durante a sua vida. Pelo próprio título desta comunicação poderíamos ser levados a situar-nos especificamente em relação a determinados elementos dentro de um campo industrial — quer fosse a fábrica, de maiores ou menores dimensões, a oficina ou o bairro operário; no entanto, cingir-nos a este tipo de leitura seria reduzir a um índice infimo toda uma realidade, perdendo-se ao mesmo tempo o seu verdadeiro viver, lutar e palpitar.

Deste modo, a leitura a realizar na paisagem industrial delintra-se, também ela, através da integração de todos os elementos característicos dos finais do antigo regime, aproveitados, recriados e arrastados por uma determinada dinâmica, específica de um determinado processo histórico.

Alcântara, 1980: um aglomerado de casario que desponta à beira-Tejo e se vai desvanecendo ao longo da Avenida de Ceuta que, rasgando o vale, se vai ramificar sob o Aqueduto das águas Livres, num nó de onde saem as vias que unem Lisboa aos seus arredores, à outra margem do rio. Ladeando a Avenida, embrenhando-se no aglomerado e dando-lhe vida, o que resta de uma actividade industrial que foi intensa e moldou toda a forma de sentir e viver de uma população diariamente confrontada num meio em que passado e presente se entrecrocavam, conferindo a Alcântara o cariz muito especial de ponto de convergência das ramificações que hoje cortam Lisboa e de possuidora, no seu seio, dos sinais de diferentes formas de vida, de conventos e palácios, que coexistem com velhos pátios e fábricas nascidos nos alvares da industrialização e que ali permanecem, como que impassíveis face às transformações que se iam forjando no espaço urbano de Lisboa.

Percorrer a pé velhas ruas da velha Alcântara: ver as pequenas lojas, as tabernas que ainda persistem, resistindo aos supermercados, aos armazéns e aos cafés, tentar reviver em cada casa, em cada rua, uma realidade passada e, contudo, ainda tão próxima... Viver intensamente a vida que borbulha à nossa volta, compreender toda a carga de recordações daquela senhora idosa que espreita, desconfiada, por entre as cortinas puidas de uma janela, falar com aquele velho que esquece um cigarro à porta de uma taberna e olha quem passa com um ar levemente indiferente, vagamente saudosos. Impregnarmo-nos da vida de quem ali habita; vaguear nos, cheios de questões que a nós próprios pomos em cada minuto, vendo naquela janela raída de tijolo, naquele edifício longo, meio arruinado, que ergue ao céu a chaminé vermelha de onde ha muito não sai fumo, naquele monte de ferro-velho abandonado num recinto que foi murado numa velha casa a esboroar-se no tempo, vestígios de um mundo que profundamente marcou o nosso viver.

O local põe-nos problemas e fornece-nos algumas respostas; os arquivos, as bibliotecas, ajudar-nos-ão a esclarecer os pontos obscuros e pôr-nos-ão, por seu turno, novas questões, a que novamente o trabalho de campo e de arquivo procurará responder. E é na constante interligação entre a observação directa e a observação indirecta que vamos descortinando um fio condutor, tão ramificado quanto problemático, contudo explicativo de uma realidade a que nos vamos sentindo cada vez mais ligados.

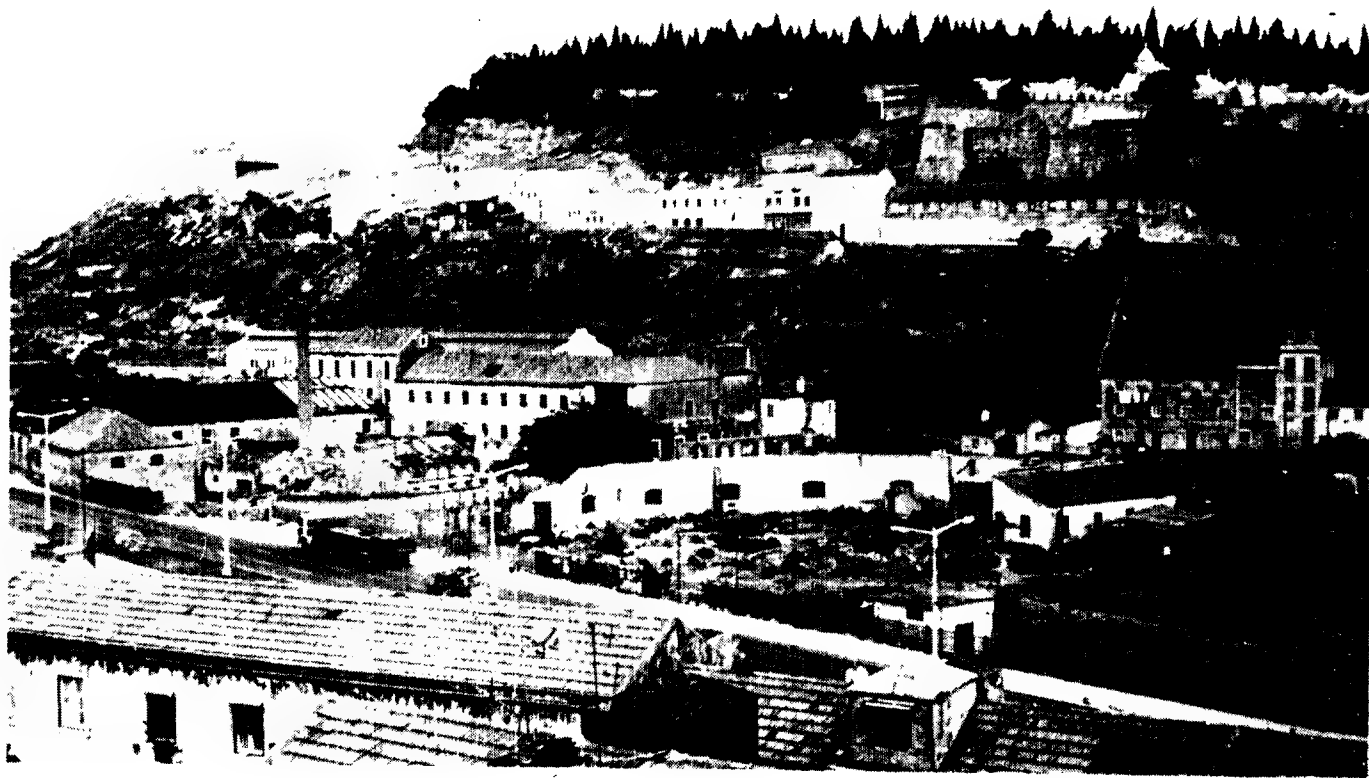
«Alcântara nas exposições industriais de Lisboa — um estudo de arqueologia industrial» — porquê Alcântara? Porquê as expo-

sições industriais de Lisboa? Foi em torno do fenómeno **exposição** que se situou a nossa escolha. Compreender o que realmente foram e representaram as exposições industriais em Portugal, que indústrias nelas se apresentavam, que fracção eram da actividade industrial portuguesa, enfim, integrar correctamente as exposições industriais na problemática mais vasta que é a própria história da indústria em Portugal, tal foi um dos objectivos desta escolha. Lisboa é por outro lado a cidade onde vivemos, onde nos podemos facilmente deslocar, e as exposições nela realizadas são as que mais representam a sua indústria.

Articulámos, assim, exposições industriais e arqueologia industrial, e tal deve-se a uma razão importante: nos catálogos desses certames vinham indicados, entre outros elementos, o **nome e morada** dos expositores. Deste modo os catálogos das exposições industriais funcionaram como ponto de partida para o nosso estudo de Arqueologia Industrial, centrando-o em Alcântara, que nos surgiu como uma das zonas industriais quantitativamente mais representadas nas exposições. Foi realmente o estudo sistemático dos diferentes catálogos que nos levou a efectuar o levantamento dos antigos estabelecimentos fabris, a localizá-los no espaço e no tempo, a visualizar alterações, permanências ou a registar o simples desaparecimento de antigas fábricas. A exploração efectuada no próprio local permitiu novas aberturas, completando o quadro que as diversas informações documentais, e também iconográficas, nos havia delineado.

Informações, que mais uma vez insistimos, recolhemos numa primeira fase nos catálogos das diversas exposições industriais lisboetas, caracterizando os expositores (enumerando os produtos fabricados descrevendo o processo de fabrico, narrando o historial da fábrica, fornecendo números, número de operários, salários pagos, número de cavalos vapor, etc.) e que hoje são um precioso instrumento de trabalho para a concretização de estudos inseridos no âmbito da Arqueologia Industrial. Este texto pretende ser exactamente uma dessas concretizações, ainda que ela esteja bastante limitada e restringida a uma área específica de uma zona industrial: Alcântara.

Uma visita ao local deu início ao trabalho de campo, e por outro lado colocou-nos perante as dificuldades que hoje se colocam a quem ali pretende ler na paisagem algo que sucessivamente se vai riscando e apagando, desaparecendo sob o alastrar da própria Lisboa. Mergulhar nessa realidade, que temos hoje perante nós, é procurar detectar nela pontos fulcrais que permitam trazer à luz a estru-



Um dos mais antigos e mais degradados complexos fabris da zona da Ribeira de Alcântara

tura organizacional de Alcântara, quando centro de actividade industrial. Só através dela podemos compreender uma zona que se geororganizou em função da actividade industrial e foi por ela própria ultrapassada e parcialmente destruída.

Como primeira etapa do trabalho, optámos pela zona que, dentro de Alcântara, maior incidência teve nas exposições: a área mais a Sul, mais junto ao Tejo, que podemos balizar entre a Praça da Armada e a Junqueira, a Avenida da Índia e o acesso à ponte, que parte do Largo de Alcântara. Tratando-se de um núcleo desenvolvido predominantemente no século XIX, não deixa de constituir fonte importante para a arqueologia industrial, por todos os problemas que suscita e que vão do económico ao mental, levantando a cada passo novas questões e hipóteses de trabalho. Na realidade, à medida que nos vamos embrenhando em Alcântara vamos descortinando novas facetas da vida industrial do século passado; desde a compra de terreno a titulares, à fundação, por parte destes, de algumas fábricas, à origem de certas unidades fabris e ao seu desenvolvimento, aos problemas que levanta a adaptação urbana às novas necessidades da sociedade, que tenta a sua industrialização, aos múltiplos aspectos ligados ao despontar do movimento operário, a todos os liames das alianças matrimoniais, que vão engrossando fortunas e operando no sentido do desenvolvimento capitalista da indústria. A própria instalação do complexo faxil — o seu lugar de implantação, a forma como se encontra organizado, tanto a nível fabril e decorrente das diferentes fases de fabrico, da mão-de-obra e do equipamento, como em relação às necessidades de vigilância e às estruturas de apoio ao operariado — levanta uma série de questões que só a prática da Arqueologia Industrial pode tentar resolver.

Foi essa mesma prática que nos pôs em contacto directo com a zona fabril que havíamos seleccionado, que nos desvendou diferentes tipos de organização urbano-fabril. O estudo que efectuámos na zona alcantarens

leveu-nos a considerar três núcleos fabris, que pelas suas características intrínsecas formam três peças diferenciadas, mas que não deixam de pertencer a uma realidade global, que são afinal peças fundamentais de um 'puzzle' que se quer o mais completo e nítido possível; assim distinguimos a zona do **Calvário**, **as Fontainhas** e a **Rua do Arco** como três áreas de organização peculiares.

Começamos pelo Calvário e artérias circunvizinhas. A primeira questão que colocamos em relação a esta zona é a sua proximidade do rio; com efeito, se nos abstrairmos da Avenida da Índia e de toda a construção do porto de Lisboa tal como é hoje, encontramos as areias da praia do Calvário, esse 'sapal inútil' de que falava Ratton e que hoje se nos apresenta como núcleo importante da actividade industrial de Alcântara, quer pelas dimensões das unidades fabris aí estabelecidas, quer pela sua própria forma de organização.

Situando-nos no sector têxtil aí desenvolvido no século XIX, encontramos-nos perante três complexos industriais que, embora semelhantes pelas suas dimensões, diferem entre si na própria estrutura organizativa — a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, hoje as instalações do Anuário Comercial, a Fábrica de Daupias & C.^a, hoje armazém da Editorial Arcádia e da Companhia de Seguros Império, e a Companhia de Tecidos Aliança, actualmente pertença do grupo «Pão de Açúcar», onde funcionam a peixaria e parte dos serviços administrativos. Entre elas a característica comum de não desenvolverem hoje a actividade fabril de outrora, o que simboliza a ultrapassagem de Alcântara como centro de intensa laboração fabril.

Ao debruçarmo-nos sobre a forma como se organizam essas três unidades, ressaltam-nos o facto de uma delas — a Daupias & C.^a — ter sido construída e dimensionada em relação ao palácio do conde de Alcochete (Bernardo Daupias), ao passo que as outras duas se desenvolveram em zonas liberais de qualquer ligação desse tipo, enquadrando-se em terrenos

adquiridos, independentemente de qualquer construção existente. Todas elas foram sofrendo modificações que alteraram a sua estrutura, quer interna, quer externamente. O edifício da Daupias & C.^a foi o único que, embora mudando de firma, se manteve dentro do mesmo ramo de actividade, funcionando aí a Perez, Ferreira & C.^a até à década de 70 do nosso século.

Mas que detectamos, ao olhar simplesmente para os complexos fabris que temos hoje perante nós? Primeiramente, constatamos que a Companhia de Tecidos Lisbonense, pela própria forma que reveste a sua implantação naquele local — um edifício principal que se destaca de entre todas as edificações, não só da fábrica como da própria zona de Alcântara cuja volumetria resalta sobretudo pelo comprimento e pela altura dos seus quatro andares (hoje acrescentados de um outro, onde funciona o refeitório do Anuário Comercial) de grossas paredes rasgadas por uma penetração em si significativa de uma nova concepção de espaço industrial: um amplo espaço unificado e organizado em função de um estudo prévio da sequência das diversas fases do processo de fabrico — e que nos aponta já para uma planificação que visa a simbiose total de espaço, homem e máquina, num sentido verdadeiramente capitalista da produção industrial.

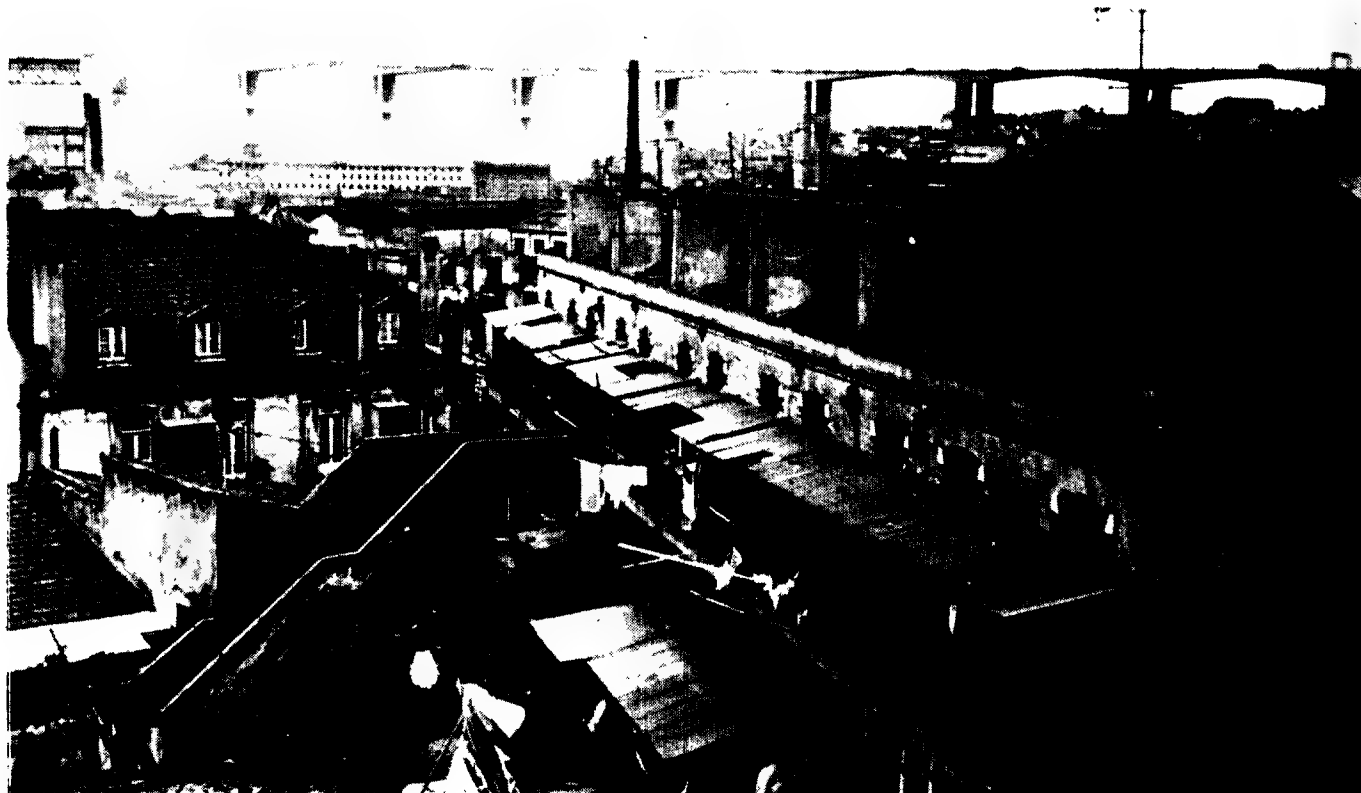
A importância desta unidade fabril quase subjugada a Daupias & C.^a, mantendo-a como que sob a sua vigilância, testemunhando um poderio que, extrapolando os seus próprios muros, se tornava um sério aviso de uma concorrência sem contemplações.

Este exemplo não será significativo de como a Arqueologia Industrial se deve debruçar, não só sobre cada unidade fabril em si, mas sobre todo o complexo espaço-industrial em que ela se insere e onde, em confronto com os outros elementos que o formam, nos possibilita uma leitura dinâmica dos mesmos? Localizando-nos em relação à já citada Daupias & C.^a, notamos que esta corresponde a uma distribuição em nada idêntica à Lisbonense, organizando-se em

vários elementos ligados entre si por corredores e túneis, estendendo-se entre a Rua Rodrigues Faria (antiga Rua de St.^o António) e a Primeira Rua Particular à Cozinha Económica, encontrando-se hoje a sua leitura como unidade integral amputada pela edificação de um pavilhão da SIDUL e do complexo fabril de moagem «A Napolitana», também ela símbolo de uma posterior fase da actividade industrial alcantarens e hoje adaptado interiormente a escritórios do Pão de Açúcar. Ao entrarmos no espaço que foi ocupado pela Daupias & C.^a, a primeira dificuldade que se nos depara é fazer a destrição do que realmente era da Daupias e o que já foi posteriormente edificado ou adaptado pela Perez, Ferreira & C.^a. Tendo-se esta instalado em 1908, circunscreveu-se a um espaço já organizado segundo uma concepção de fábrica bastante diferente da que presidiu à construção da Lisbonense, apesar de, cronologicamente, serem quase concomitantes.

Não negando a organização que existia nesta unidade industrial, a leitura arqueológica que até ao momento realizámos não nos indicou o sentido dessa organização, cuja estrutura parecer ter-se ido modificando à medida das exigências de modernização dos meios técnicos, tornando a tessitura do edifício uma 'manta de retalhos', pelos sucessivos acrescentos e adaptações, que vão colocar, entre outros, o problema da vigilância de uma forma que se não punha na Lisbonense — estão a atestá-lo as diversas cabines envidraçadas, estrategicamente colocadas em todas as salas em que se processavam as várias fases da produção. Se, por um lado, estes sinais de vigilância nos apontam para uma tentativa de controlo da produção, de forma a evitar qualquer fuga aprodutiva que prejudicasse a concorrência, por outro o próprio edifício procura, pelas adaptações e acrescentos, dar uma resposta a essa concorrência; o modo como estas respostas foram sendo arquitectadas encontra-se provavelmente patente nos vestígios materiais da vida dessa complexa unidade fabril, podendo vir a ser descorti-

Industriais de Lisboa: Arqueologia Industrial



Em primeiro plano, um pátio operário de Alcântara, na zona das Necessidades. Ao fundo, a antiga fábrica de fiação e tecidos Lisbonense



A antiga fábrica de fiação e tecidos, hoje as instalações do Anuário Comercial

ladrilhos, do mostruário existente no corredor de entrada, nos vestígios que ainda há de carris, reconhecemos, numa estância de materiais de construção — Eduardo do Rosário Oliveira de Faria — uma daquelas unidades anteriormente dedicadas à cerâmica. É igualmente curioso notar como são idênticas as fachadas destas duas unidades fabris, com a empena triangular e a janela sobre o portal. Inclusivamente, a própria organização interna é idêntica, se nos abstrairmos das transformações sofridas por ambas. A própria Empresa Progresso Industrial, o complexo que mais cresceu no alinhamento focado, no sentido da Rua João de Oliveira Miguéis — que ladeia o caminho

de-ferro, mantém ainda algo, na sua estrutura, que a integra nesta sequência. No entanto, são bastantes as modificações que alteraram o seu primitivo aspecto, o que é compreensível se atendermos a que foi a unidade que mais se estendeu; aliás, é possível apêrcebermo-nos, no seu interior, das zonas que foram sendo progressivamente adquiridas: os arcos que se destacam nas grossas paredes, os vestígios que ainda restam, nestas, de antigas portas, de uma janela gradeada, hoje voltada para o interior... sinais que nos apontam uma empresa metalúrgica, que, apesar da generalizada absorção das pequenas unidades pelas grandes empresas de monopólio, foi crescendo e alargando os seus interiores. Terá este crescimento alguma coisa a ver com a passagem da Empresa Progresso Industrial pelas mãos do grande industrial Champallimaud? Deixamos apenas no ar a interrogação...

Debrucemo-nos finalmente sobre o terceiro núcleo fabril considerado, que se estende ao longo da Rua do Arco, rua íngreme e sinuosa, situada do lado nascente da nossa zona alcantarensa. Enquadrada pelas zonas das Necessidades, Livramento e Sacramento, pela Rua Vieira da Silva e a actual 24 de Julho, a Rua do Arco pela sua própria estrutura construtiva dá-nos uma certa sensação de arcaísmo, se nos colocarmos precisamente em relação aos outros núcleos e à Rua Vieira da Silva,

por exemplo, zona metalúrgica por excelência e cuja visão nos apresenta um alinhamento fabril já sintomático de um prévio estudo de urbanização industrial.

Neste núcleo não existe uma unidade de organização a ladear ambos os lados da rua, mas depáramos, pelo contrário, com uma diversidade de aspectos que acompanham as próprias sinuosidades daquela. Partindo da Praça da Armada, depáramos desde logo com uma das maiores e mais antigas unidades fabris deste núcleo alcantarensa — a Companhia Aliança Fabril (dedicada à indústria do sabão), cuja vida se encontra ligada a Alfredo da Silva e que, por meio deste, se veio a fundir com a CUF. Com o crescimento desta empresa, o edifício da Companhia Aliança Fabril perdeu a sua razão de existir como unidade independente — o reaproveitamento do seu espaço interior não implicava a manutenção da sua ligação ao exterior; desta dorma, a fachada apresenta-se hoje cega, tal como a do edifício igualmente pertencente à Quimigal e que se estende das Fontainhas à Rua Fradesso da Silveira, cujo aspecto exterior é idêntico.

Continuemos a descer a rua e no preciso local em que esta forma um cotovelo, encontramos, meio ocultada por um portão ligado a uma zona habitacional, uma fundição que ocupa o edifício onde outrora laborou a fábrica de sabonetes e perfumes de Nascimento Senha & Cunha Ld.^a, mais tarde a «Santa Clara». Embora sem se ter destruído o aspecto fabril desta rua, ele foi parcialmente encoberto pela construção de habitações, que por vezes se adicionam mesmo ao edifício fabril, transformando a anterior fisionomia da rua. Tal é igualmente o caso da antiga fábrica de fiação e tecelagem Llorente & C.^a — hoje uma serração — cujo espaço interior não foi modificado por esta na sua estrutura fundameental, mas que no entanto sofreu alterações ao longo da sua existência — como a adaptação de um primeiro andar a casa de habitação, o que certamente acarretou transformações internas ao próprio edifício. Um outro aspecto que revela alterações sofridas pela unidade é a

obstrução, feita com tijolos, dos arcos que vemos interiormente do lado esquerdo, quando entramos. A configuração destes arcos, por analogia com os observados em outras unidades fabris, são característicos de uma viragem para um espaço exterior ao edifício e não de uma ligação interior entre duas alas.

Em frente a esta antiga fábrica de fiação situa-se, no sentido da Rua Vieira da Silva e da Avenida 24 de Julho, uma estância que ocupa as instalações do que pensamos ter sido a fábrica de cerâmica de José Gregório Baudoin. Esta organizava-se em vários edifícios e, pela sua descrição, talvez possamos compreender melhor essa organização: um portal dá entrada para um edifício que se estende até ao local em que a Rua do Arco se alarga e onde um portão comunica com um espaço interior, descoberto, onde estão implantados vários barracões que se estendem até à Avenida 24 de Julho; ao lado do portão ergue-se um prédio de habitação com um túnel, que dando acesso a um pátio de características operárias, liga igualmente a uma outra entrada da referida fábrica. Com esta enumeração descritiva pretendemos mostrar a grande extensão e complexidade desta unidade, e o diferente carácter arquitectónico que patenteia em relação aos demais complexos fabris implantados na zona.

Não queremos finalizar a sumária caracterização deste núcleo sem acrescentarmos uma última particularidade: a falta de continuidade dos edifícios fabris que ladeiam esta rua; os seus principais complexos urbano-industriais quase a subdividem em três espaços diferenciados: o espaço da Companhia Aliança Fabril, o da Nascimento, Senha & Cunha Ld.^a associado ao da Diosent & C.^a e, finalmente, o espaço da Baudoin, o mais extenso e o mais complexificado. É, todavia, esta ausência de caracterização uniforme de uma unidade geográfica, a rua denominada do Arco, que lhe confere um tom característico e a individualização do Calvário e das Fontainhas.

Na ponta final desta comunicação que dizer? Que ilações tirar deste estudo de Arqueologia Industrial? Como pôde ele alicerçar-se a partir dos catálogos das Exposições Industriais? Em primeiro lugar devemos ressaltar que não nos debruçamos sobre toda a zona industrial de Alcântara, mas apenas nos restringimos a uma zona específica. O nosso estudo limitou-se a uma leitura parcelar de uma vasta e complexa realidade industrial. Porém, tal facto alertou-nos para a importância que há, ao nível de metodologia de trabalhos, em escalonar em pequenas zonas, vastas áreas de difícil leitura. Estudos pontuais que se aglomeram e unem a outras, que se conjugam e gradualmente interligam de modo a cobrir zonas mais vastas.

Assim deverá acontecer em Alcântara. A nossa primeira etapa deu-nos a conhecer uma determinada realidade, estudo-amostra realizado em torno do fenómeno exposição-industrial, e das informações contidas nos catálogos, ou seja, dos estabelecimentos fabris que, de uma certa zona alcantarensa, estiveram presentes nas exposições realizadas em Lisboa, das diversas informações que a seu respeito extraímos dos catálogos das exposições, que assumiram o papel de fonte estatística, documental, narrativa e iconográfica.

O Calvário, as Fontainhas e a Rua do Arco revelaram-nos a importância que a Arqueologia Industrial tem para a abertura de novos horizontes à história da indústria portuguesa. E estes passam inevitavelmente pela nova metodologia que a própria Arqueologia Industrial impõe. O uso sistemático da iconografia, o recurso à fotografia, a leitura regressiva dos extractos industriais, a gravação do testemunho oral... processos que, em conjunto, permitem obter uma outra imagem do nosso processo de industrialização.

A Arqueologia Industrial, como disciplina, visa a investigação, levantamento, registo e preservação do património industrial. Na prática procura-se que este património seja posto em igualdade com todo o outro património cultural, reabilitar o monte de «ferro-velho», ruínas fabris ou edifícios ainda existentes, de modo a recuperar o mundo material que a civilização industrial engendrou, transformando-o em objecto de estudo e investigação, cientificamente importante para a compreensão dos diversos estádios da sociedade industrial. Porém não basta investigar, catalogar e inventariar antigos complexos fabris. Torna-se igualmente necessário integrá-los no espaço urbano, entender e perceber a sua estética industrial, os elementos arquitectónicos que o compõem e que são sintomáticos de uma determinada época. Mas a Arqueologia Industrial também impõe tarefas mais activas, que vão desde a recolha de objectos que recordem o desenvolvimento dessa sociedade, até à preservação de complexos fabris importantes, como marco desse mesmo desenvolvimento. Em Alcântara, por diversas vezes nos apercebemos da necessidade de recolher velhas máquinas, de conservar antigas peças, moldes, amostras... Mas para onde os transportar? Que paredes iriam ou deveriam abrigar tal espólio industrial? Um museu industrial, a criar num local disponível, ou aceitar a coexistência do museu-industrial com o próprio património industrial? A antiga fábrica Daupias & C.^a, situada no Calvário, é um exemplo que não queremos deixar de referir. Porque não tornar aquele monte de paredes, que ameaçam ruir a todo o momento, num símbolo vivo e falante do nosso processo de industrialização? Porque não converter antigos espaços de laboração em museu, onde máquinas, objectos, matérias-primas, se reencontrariam com o passado? A ideia fica, aguardando ventos propícios à sua realização.

Alcântara, como realidade industrial, ensinou-nos a dimensionar a Arqueologia Industrial nas suas diversas perspectivas; explicou-nos a sua razão de existir; alertou-nos para o problema do património cultural, de um património específico e na maior parte das vezes esquecido: **O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL.**

Isabel Maria de Almeida
Moreira Ribeiro
Júlio Joaquim da Costa
Rodrigues da Silva
Maria Ângela Correia Branco
Maria de Fátima Nunes
Maria Helena Campos Viana
Maria Luísa Ferreira Nunes
dos Santos.

Sete Ponto Sete

Viena

Continuação da pág. 19

seus juizes e carrascos; produ-los constantemente. A tradição das vituperações contra a cidade alimentou, desde as prédicas incendiárias de Abraão em Santa Clara até aos nossos dias, todas as correntes artísticas.

Desde Elias Canetti e de Manes Sperber aos mais jovens — Peter Handke, Franz Innerhoffer, Thomas Bernhard, Peter Turrini, H. C. Artmann, Barbara Frischmuth, para não citar senão alguns nomes de entre os da colheita contemporânea — nenhum, que eu saiba, tomou a sua defesa. Se os parisienses sempre se espantaram com o facto de se poder ser persa e não parisiense, os de Viena, pelo contrário, nunca compreenderam que se possa ser — e permanecer — vienense.

Curioso vienense. Maldizente e de maus modos, ele sabe no entanto festejar as festas e gozar o que a vida lhe dá, obter dela o seu prazer, sein Hetze. Esta expressão, que não se ouve senão aqui, abre verdadeiros abismos sobre a «alma» dos autóctones.

A «Hetze» é, antes de mais, a procura de um animal para o abater. O Hetz — teatro do sé-

culo XVIII oferecia, no coração da cidade, um espectáculo de escolha: o entre devorar de lobos, de ursos, de cães, de burros e de cabras excitadas a golpes de lança. Desde então, ter a nossa «Hetze» significa «encontrar o nosso prazer». Desejar-lho-ão quanto basta, em Viena!

Porém também aqui, como em todas as coisas, vem anichar-se uma ambivalência fundamental: onde a doçura de viver se desdobra em crueldade, também o prazer tem o seu reverso. As canções para beber, entoadas sob os castanheiros dos «Heuriger», lembrem-lhe que mesmo amanhã, quando já estiver seis palmos abaixo do nível do chão, o vinho será bom e as raparigas belas, e que não há mal nenhum em habituarmos-nos à ideia desde já.

A Viena de Janus é a um tempo «kakânica» e democrática. O que se dizia do imperador no momento em que o assassinavam: «Chht! Não lhe digam que morreu, porque pode assustar-se», tem aqui valor de paradigma. Há sítios, em Viena, bem como em certas circunvalações do cérebro popular, onde 64 anos depois a noti-

cia ainda não chegou. A divisa «sabemo-lo sempre demasiado cedo», continua a inspirar fórmulas, ritmos, hábitos. O governo socialista continua calmamente a nomear «Hofrater» (conselheiros da corte) os funcionários mais meritórios, e a acomodar-se a uma administração em que o essencial das estruturas não variou desde as reformas de José II, o imperador amigo dos filósofos.

Mas esta mesma região, cujos nostálgicos relentos podem levar-nos a sorrir, vive sem sobressalto nem surpresas uma democracia tranquila que vai oscilando docemente — como uma creoulha que se adormecesse na sua rede — entre os «vermelhos» e os «negros».

Que poderemos dizer sobre Viena cujo contrário não seja igualmente defensável? Para o que não se está ela, permanentemente, «nas tintas»?

E se de repente se tornasse necessário admitir que esta cidade não é um «cenário para a vida humana», como geralmente se admite, mas que, pelo contrário, são os seres humanos que constituem o seu cenário, a flora sazonal que ela a si própria oferece para o seu prazer e para

a sua loucura? Porque talvez que estas vidas, que nós julgamos levar à flor do asfalto, não sejam afinal senão a eclosão de bolhas que vão subindo sempre, numa lenta, secreta e antiga fermentação. Lugar de pulsões, campo magnético onde a espera, o cansaço, a impaciência, a cobardia se agrupam para fazerem, juntas, uma espécie de limalha de ferro, segundo estranhos traçados onde a vontade humana não intervém, onde cada vida é pasto de um Minotauro invisível que espregueia dia após dia a sua razão de nascimentos e de mortes...

Debaixo do martelar de mil e um pés, uma cidade sonha os seus habitantes, fá-los surgir e engole-os ao ritmo das suas próprias maldições. Viena.

Christiane Singer

NOTAS:

1) Nome dado ao império austro-húngaro e forjado a partir das iniciais K e K de Kaiserlich und Koniglich (imperial e real).

2) Respectivamente partidários do SPO (Partido Socialista Austriaco) e do OVP (Partido Populista Conservador).

MUSICA

Domino foi jogo branco



Evidentemente que a apreciação dum concerto não pode ser exclusivamente baseada na cor dos músicos intervenientes. Evidentemente que há músicos brancos que soam preto e versa-vice.

Parece ainda bastante claro que, numa sociedade branca onde a juventude é manipulada para consumir, sem qualquer critério de qualidade, a sonoridade e a estrutura rítmica empalidecida e comercial, uma visita dum autor semioriginal, corre riscos. Claro que isto só é absoluta verdade depois da visita do crioulo, neste caso, do Antoine Domino, por alcunha o «Fats», dado o peso que tem...

Domino, em Lisboa, parece ser autor pouco apreciado, mesmo agora que assiste a um revivalismo da sua obra popular nos anos 50. Que mistério está por trás do meio Coliseu vazio? (ou meio cheio?) Será que a juventude não percebeu ainda que o «secá» é tão velho como a «nova Wave», parente triste da velha «bossa nova», membros todos duma colecção de rótulos que amanhã estão murchos e secos? Será que o «setoque» não se esgota e embrutece gerações e gerações, impunemente?

No palácio dos palhaços, nessa sala de recreios que encheu para cantar com Milton, para galar as coxas da Costa (fio de voz com franjas), alguns arriscavam o Verão, as férias como desculpa. Mentira! A razão é mais funda! O que se «pretender» é massacrar e extorquir, sensibilidade e tacho, aos indefesos mais novos.

Os tímpanos mais jovens estão condicionados, rotos para sons de saxofones, mortos para a melodia, avessos a poucos decibéis, ansiosos por guinchos

de guitarras, viciados na subida da adrenalina. A tecla, preto versus branco, é tecla usada, velha, mas ainda pouco ouvida e mesmo muito mal compreendida. Há quem saiba que a chamada música

popular das últimas três décadas é de origem negra. Desde, pelo menos, o «charleston». Mas os ouvidos moucos nem a razão escutam. Viva o subproduto, a cópia, o empobrecimento, o lucro! Viva o mais vendido, o

pope, o tope, o roque e os seus amigos...

Passadas as questões de ordem geral pouco fica por dizer do concerto do velho Domino e da sua música revisitada.

Éxitos repetidos, sopros fortes e de discurso directo, tenores, altos barítonos, vocalização esperada, típica e gostosa e a habitual incompetência na amplificação do som. Quase se bateu um novo recorde!

Dizia, com razão, um espectador a meu lado: «Já corri a sala toda e de facto som, como o desta noite, nunca ouvi. Não há canto algum onde se oiça bem!» Do mesmo se queixava o próprio Domino que nem a si (ou aos seus músicos) se ouvia! Entretanto, o escasso público, das duas uma: ou residia sentado relembrando 20 anos atrás ou, à boca do palco, usava guitarras imaginárias e soltava a cabeça, como os coreanos doentes pelos gases americanos.

Uma certa desbunda, sem serviço de segurança, sem palmas certas, sem conhecimento de causa, mas com grande necessidade de excitação provocada. Sozinhos, mas cumpridores, os músicos de nada se apercebiam. Era o último concerto da «tournée», a América à vista, o dever a cumprir.

Antes de sair, Domino fez o piano (acústico) correr o palco todo à custa de sucessivas e curiosas joelhadas.

Uma hora depois já com o recreio vazio voltou ao palco, abriu a tampa do piano e perante dois músicos cansados, o guarda-costas atento e três espectadores teimosos, murmurou le novo «Coquette», melodia de êxito. Depois, foi-se embora.

JOSÉ DUARTE

Deus criou a mulher... cinco homens programaram uma, para atingir o impossível em Moscovo.

A mais bela máquina de correr do Mundo.

A RAPARIGA DE OURO

ELLIOTT KASTNER • DANNY O'DONOVAN em associação com AVCO Embassy Pictures Corp. apresentam
JAMES COBURN • LESLIE CARON • ROBERT CULP • HARRY GUARDINO
CURT JURGENS • JOHN NEWCOMBE • SUSAN ANTON
Real de JOSEPH SARGENT • TAVCO EMBASSY PICTURES Release
RIVUS NAO ACONS. MEN 13 anos
2.ª SEMANA
Av. da Liberdade N.º 9 (Metro: Restauradores)

PAUL NEWMAN JACQUELINE BISSET WILLIAM HOLDEN
Do mesmo produtor de 'A AVENTURA DO POSEIDON' e 'A TORRE DO INFERNO'
AGORA NA MAIS INCRIVEL AVENTURA QUE SÓ PODIA COMEÇAR EM...

O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU
"WHEN TIME RAN OUT" • EDWARD GIERE • RED BOUTON • BARBARA CARRERA • VALENTINA ORTIZ • JEROME HAMEL • ALEX KARRAS • BURGESS MEREDITH • ERNEST BORGNINE • JAMES FRANCIS • BOB SPENCER
Baseado na novela de ALAN SCHERIN
Argumento de CARL FOREMAN • STIRLING SILLIPHANT
Realização de JAMES GOLDSTONE • Produção de IRWIN ALLEN
Distribuído por Warner Bros. • A Warner Communications Company

2.ª SEMANA MONUMENTAL
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

ROTEIRO CULTURAL

Música

Na impossibilidade de executar o «Solo» de Franco Donatoni, por atraso na remessa dos materiais de orquestra, o concerto de amanhã do Festival do Estoril, em que se estreará o Grupo de Câmara do Festival, sob a direcção do maestro Alvaro Salazar, ficará reduzido a três obras: as **Cinco Peças op. 44, n.º 4**, de Paul Hindemith (1895-1963), o **Divertimento em ré**, de Mozart e o **Concerto para contrabaixo e cordas**, de Dittersdorf.

As obras que ficam justificam o interesse do programa. No caso da última é preciso não esquecer a participação como solista do espantoso Ludwig Streicher, geralmente considerado o maior contrabaixo da actualidade.

Convém lembrar, entretanto, que o festival prossegue esta noite com espirituais negros pelo grupo de Filadélfia «Stars of Faith». O recital realiza-se no Casino, pelas 21 e 30.

Também hoje e à mesma hora, haverá concerto no S. Luiz. Toca a Orquestra Sinfónica da RDP sob a direcção

de Alvaro Cassuto. No programa figuram a abertura **Russian e Ludmila**, de Glinka, a **Sinfonia Fantástica** de Berlioz e o **Concerto para dois pianos e orquestra** de Poulenc, pelo Duo Seiler. Este mesmo duo estará na segunda-feira no Estoril, apresentando-se então num recital para dois pianos com um programa particularmente interessante: **Sites Auriculaires**, uma obra pouco conhecida do jovem Ravel, **Canções em louvor de Beleza**, do japonês Nakada e **Visions de l'Amen**, de Messiaen.

Cinema

«O Costa do Castelo», filme rodado em 1943 por Arthur Duarte, é projectado esta noite, no âmbito do panorama organizado pela Cinemateca, na sua sala da Rua Barata Salgueiro.

Monte Walsh é o realizador do filme «Um Homem Difícil de Morrer», que, hoje, pelas 18 e 30, será exibido no Auditório da Sociedade Portuguesa de Autores, na Avenida Duque de Loulé.

Promovido por Culturona, decorre hoje, amanhã e no domingo, pelas 21 e 45, um ciclo de cinema brasileiro. Cada sessão é seguida de debate. Ao mesmo tempo, estará patente uma exposição de Artes Plásticas, de Maria de Fátima Videira. A Culturona é na Av. Dom Carlos I, n.º 130.

Energia solar

A mesma associação Culturona/Fábrica de Comunicação realiza amanhã, pelas 11 horas, um curso prático de aproveitamento da energia solar. Durante o fim-de-semana poderá ser visitada no local uma exposição de fornos solares.

II Biental de Vila Nova de Cerveira

Vila Nova de Cerveira vai transformar o Minho a partir de amanhã e até 31 de Agosto. Os organizadores falam de uma verdadeira festa das Artes, em que participam nada menos do que 400 obras de autores portugueses e estrangeiros. As actividades paralelas da Bienal «vão da música à performance, do teatro à arte do comportamento, do bailado e do cinema ao videotape».

Palestras e conferências abundam também na Bienal. Lá vão estar e lá vão falar Lima de Freitas, Rui Mário Gonçalves, Artur Nobre de Gusmão, Edgardo Xavier e Eurico Gonçalves, entre outros.

Camões não foi esquecido. Dedicar-se-lhe uma sala com trabalhos de autores portugueses. Um júri, integrado por representantes das Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e Porto, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Cooperativas Árvores.



Vitor Pomar expõe na Fundação Gulbenkian

Centro de Arte Contemporânea, Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, AICA - Associação Internacional de Críticos de Arte, Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste

Gulbenkian, premiará uma destas obras e atribuirá ainda os Prémio Revelação (15 contos), Pintura (60 contos), Escultura (60 contos), Desenho (35 contos) e Gravura (35 contos).

Teatro

«Ai Estes Malditos Domingos!» crónica de um dia-a-dia podre de dois empregados de escritório, original do argentino Osvaldo Dragun, em versão portuguesa do jornalista Vila Martinho, é o espectáculo do TEAR que, encenado por João Guedes, estará em cena a partir de hoje e 10 de Agosto às 18 e 15 e às 22 horas, na Sala-Estúdio (edifício do ex-BC 9) em Viana do Castelo.

O texto é interpretado pelos actores Castro Guedes, Isabel Alves, Mario Timóteo e Laurinda Ferreira, sendo a cenografia da responsabilidade de Fernando Filipe e as músicas (expressamente compostas para o espectáculo) de Luís Cília.

Exposições

Vitor Pomar continua a expor na Fundação Gulbenkian. «Pinturas a preto e branco» da sua autoria estão na Galeria das Exposições Temporárias até ao próximo dia 17 de Agosto: o «peso da brancura».

Novo livro

Fernando Grade estará presente na Feira de Santiago em Setúbal, no pavilhão da Livraria Culsete, amanhã, a partir das 18 horas, para fazer a apresentação do seu novo livro de poemas «Museu das Formigas».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$30	50\$30	
ALEMANHA FED. (marco)	27\$45	28\$55	
AUSTRIA (xelim)	3\$80	4\$00	
BÉLGICA (franco)	1\$847	1\$747	
BRASIL (cruzeiro)	\$591	\$841	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41\$60	43\$60	
(notas de 5 a 1000)	42\$10	44\$10	
DINAMARCA (coroa)	\$585	\$825	
ESPAÑA (peseta)	\$646	\$746	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	48\$65	50\$65	
(notas de 5 a 1000)	49\$15	51\$15	
FINLÂNDIA (marka)	13\$40	14\$00	
FRANÇA (franco)	11\$85	12\$45	
HOLANDA (florim)	25\$15	26\$15	
INGLATERRA (libra)	11\$820	11\$820	
ITALIA (lira)	\$953	\$963	
JAPÃO (iene)	\$196	\$226	
NORUEGA (coroa)	\$959	10\$45	
SUECIA (coroa)	11\$70	12\$30	
SUIÇA (franco)	29\$70	31\$80	
VENEZUELA (bolívar)	\$960	10\$60	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco ou moderado do quadrante Norte.

TEMPERATURAS DO AR

V. CASTELO	19°
BRAGANÇA	17°
VILA REAL	16°
PORTO	17°
P. DOURADAS	16°
COIMBRA	18°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	20°
ÉVORA	17°
SINES	18°
BEJA	18°
SAGRES	19°
FARO	23°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.17 3,9 m	12.54 1,0 m
19.36 4,6 m	
Dia 2	
8.07 3,8 m	1.27 1,0 m
20.29 3,8 m	13.48 1,2 m
Dia 3	
9.03 3,6 m	2.25 1,2 m
21.30 3,6 m	14.52 1,4 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, vento fraco ou moderado do quadrante Norte, neblinas matinais.

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.39

OCASO ÀS 20.47

DIA 3 DIA 10 DIA 18 DIA 26

STAR

TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

17.30: Sem margem; 18.00: Informação; 19.30: Jornal da noite; 20.00: À volta do mundo; 21.00: Guitarradas; 21.30: 15.º episódio do folhetim «A Selva», de Ferreira de Castro; 22.00: Programa da noite; 24.00: Jornal da meia-noite.

2.º Programa

18.00: Música portuguesa; 19.00: Uma sinfonia de Haydn - Sinfonia n.º 99, em mi bemol maior, pela Orquestra do Concertgebouw, de Amsterdão; 19.30: «As palavras dos músicos», pelo dr. João de Freitas Branco; 20.00: Opera - «Idomeneu», de Mozart, Coro e Orquestra Sinfónica da BBC; 21.00: «Camões e o seu tempo», um programa sob a orientação do prof. António José Saraiva; 21.30: Transmissão directa do Teatro Municipal de S. Luís, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa; 23.00: Música Sinfónica - Abertura «Rienzi», de Wagner, pela Orquestra Sinfónica de Bamber - Sinfonia Londres - de Vaughan Williams, pela Orquestra Filarmónica de Londres; 00.00: Música de Câmara - Sonata em Lá menor, D 845, de Schubert; Sonata em Lá maior, de César Franck; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290 m)

17.03: Contacto; 17.40: Trânsito; 18.10: «Splish Splash»; 18.45: O mundo da fórmula I; 19.45: Teatro trágico; 20.03: Quando o telefone toca; 20.30: Cartaz; 21.03: Música para meditar; 21.30: Quando o telefone toca; 22.03: Quando o telefone toca; 22.30: Portugal e a C.E.E.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em Stock; 16.30: Rock por letras; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 21.03: Café concerto; 23.00: Noticiário.

Rádio Renascença

18.08: Apelos; 18.15: Igreja em Notícia Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00: Cantinho dos Amigos; 20.00: 60 minutos; 20.54: Apelos; 21.05: Cantinho dos Amigos; 21.30: Temas Vivos; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Cantinho dos Amigos; 23.05: Última Hora; 23.30: Actualidade económica; 23.55: Fecho.

Trigagem média diária do mês anterior: 47 868 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12698

HORIZONTAIS:

1 O mesmo que criolina (tecido e pl). Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
2 Brejeiras.
3 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Preparar com ópio. Mulo.
4 Rente. Fruto da azeit. Ecoa.
5 Mãe de Ismael. Aquele que.
6 O mesmo que arão. Árvore de grande porte (Bras).
7 Negativa. Prefixo que designa ar.
8 Carreta. Ramalhete.
9 Isolado. Seguir. Circular.
10 Planta tóxico do Ceará. Miriara.
11 Autores. Tempo do verbo ser. Campeão.

VERTICAIS:

1 Lastima. Invólucro.
2 Aquele que não vê. Enrubesce.
3 Prefixo de negação. Ronha (no cavalo).
4 Negativa. Saias à rua.
5 Lança o arpo a. Apellido.
6 Mata de castanheiros. Centímetro.
7 Ave perneta do Brasil. Basta!
8 Cidade da Ucrânia. Tencionavas.
9 Carta de jogar. Bater.
10 Trítur. Suga o leite materno.
11 Recuar. Mulheres dos filhos em relação aos pais deles.

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8758

HORIZONTAIS:

1 Confusão. Rio que banha Setúbal.
2 Limalhas. Rosto.
3 Sopa. Isolado.
4 Mulher que foi amada por Petrarca. Guarneci de asas.
5 Magoa. Dás aviso de alguma coisa em voz alta. Abreviatura de Santíssimo.
6 Aves palmípedes.
7 Utensílio doméstico. Coragem. Passadas.
8 Verbal. Uma das Cidades.
9 Oferece. Moderato. Freguesia do concelho de Alenquer.
10 Irmão de Abel. Aplanar.
11 Jarro (planta). Atraso.

VERTICAIS:

1 Sadias. Fêmea do porco.
2 Deus grego e romano dos oráculos, da medicina, da poesia e das artes. Clima. Brisa.
3 Coelho pequeno. Transfere para outro dia.
4 O mesmo que airo. Protesto.
5 Quinto filho de Jacob. Veleta.
6 Caluniar. Madeira.
7 Prefixo de privação. Olá.
8 Sentidas condolências. Igualmente. Prefixo de negação.
9 Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. Defestável.
10 Doutor. Saltear.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Ressorara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12697

HORIZONTAIS:

1 Pê. Sairemos.
2 Solto. Na.
3 AO. São. Medo.
4 los. Cosa.
5 Amor. Arem.
6 Barreiras.
7 Pelai. Arão.
8 Rijas.
9 Eram. Cão. Ah!
10 lam. Poisa.
11 SS. Carroças.

VERTICAIS:

1 Pralais. Reis.
2 Oom. Piras.
3 Sobejam.
4 Sós. Rala.
5 Alar. Ras. Pá.
6 Ito. Ari. Cor.
7 Ro. Cré. Sair.
8 Moela. Oso.
9 Esmara. AC.
10 Onda. Sa.
11 São. Olhos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8757

HORIZONTAIS:

1 Argentina.
2 Só. Carmo. MR.
3 Soo. CII.
4 Ará. Alarve.
5 Aparo. ONU.
6 Mi. Are. Data.
7 Açai. São. lo.
8 Iem. Aparta.
9 Um. Irral.
10 Alice. Apar.
11 Aral. Im. Ara.

VERTICAIS:

1 Asa. Amaia.
2 Ro. Apice. Ar.
3 Ura. Anula.
4 Ec. Arai. Mil.
5 Nas. Or.
6 Troa. Espiei.
7 Imolo. Aar.
8 Nú. Andorra.
9 Crúa. Tapa.
10 MIV. Tia. Ar.
11 Crie. Ao. Ara.

Provérbio: Ao medo, sobejam olhos

Lisboa

ARNALI - Rua Escolas Gerais 88-A (Tel. 863940); **TAPADA** - Cq. da Tapada 83-A (Tel. 634721); **BELO** - Av. Roma 53-A (Tel. 776314); **PROGRESSO** - Est. A-da-Maia 64-C (Tel. 702226); **NEOTERAPIA** - Cpo. Grande 138-140 (Tel. 774682); **FINDOR** - Rua D. Maria Pia 514-516 (Tel. 687349); **VITALIS** - Rua Moraes Soares 69-C (Tel. 841779); **JANEIRO** - Av. Álvares Cabral 96-100 (Tel. 661453); **ANTUNES ROSAS** - Pq. Cidade do Luso Lt. 199 (Tel. 313610); **SOC. HIGILUX** - Rua Pedrouços 50-52 (Tel. 610280); **ESTÁCIO** - Rossio 60-63 (Tel. 327067); **CABRITA** - Parq. Res. Miraflores Lt. 12 (Tel. 2101466); **MONSERRATE** - Rua Guil. Gomes Fernandes 31-A (Tel. 911139); **PONTINHA** - Est. St.º Eloi 4-Lt. SE (Tel. 990220).

REFORÇO

PINTO - Rua de Campolide 11 (Tel. 682610); **IDEAL** - Av. Alm. Gago Coutinho 49-A (Tel. 892803); **ALVES DE CARVALHO** - Rua Vale St. António 7-9 (Tel. 840125); **TANARA** - Rua Rodrigo Reis 3-A (Tel. 611814); **INFANTE SANTO** - Rua Olival 290 (Tel. 661003); **MARLUZ** - Cq. da Picheleira 140 BC - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **SALDANHA** - Av. Praia Vitória 53-55 (Tel. 43938); **ROMANO BATISTA** - Rua Passos Manuel 6-10 (Tel. 570593); **SÃO BENTO** - Rua Poiais S. Bento 73 (Tel. 601673); **CANTO** - Est. Laranjeiras 202-B (Tel. 780841); **CORREIA** - Est. Principal Lt. 172 (Tel. 993148); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro 6-A (Tel. 970660); **NOVA** - Rua Açores 11-A (Tel. 910305); **MATOS** - Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - Até às 21 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central - Até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Vilar - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **OBRAS** - Mourão Vaz - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OBRAS** - Leal - Até às 22 horas; **PARADE** - Meca - R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueiro Mendes - Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL** - S. João - Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **CASCAIS** - Marginal - Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 21 horas; **NOVA** - Est. Alvide - Fontainhas (Tel. 281044) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Cavaca - R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) Permanente; **NOVA** - R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530) Até às 22 horas; **DAMAIA** - Damaia - P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523) Até às 22 horas; **QUE-**

LUZ - Correia - L. do Mercado, 3 (Tel. 950906); **CAMARATE** - Santos Silva - Apelação; **CACÉM** - Araújo e Sá - Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 2940781); **ALGUEIRÃO** - Rodrigues Rato (Tel. 2912038) Até às 24 horas; **AGUALVA-CACÉM** - Mira Sintra - P.N. Torre, 310 Até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE OURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Permanente; **SINTRA** - Gomes da Silva - (Portela) Permanente; **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

Outra Banda

ALMADA - Algarve - R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 2750271); **COVA DA PIEDADE** - Morgado - R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356); **LARANJEIRO** - Fajó - R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA** - Higilica - Av. da República, 23 (Tel. 240002); **SESIMBRA** - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO** - Santa Marta - R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Tel. 2072141); **AMORA** - Matos Lopes - R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355); **SEIXAL** - Godinho - L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO** - S. Pedro - Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 205250); **ALCOCHETE** - Gamelo - L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

MOSCAVIDE - Pedro Gomes. Até às 22 horas. **SACAVEM** - Cortes - Av. M.ª Luisa Braamcamp, 2-A (Telef. 2519420). Permanente.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CORREIA E ARAUJO - Rua de Santa Catarina, 259. Tel. 25644; **NOVA AVENIDA** - Av. Fernão de Magalhães, 692. Tel. 52250; **PINHEIRO MANSO** - Rua S. João de Brito, 25-29. Tel. 60692; **SANTA TERESA** - Pr. Guilherme Gomes Fernandes, 100. Tel. 315713; **SILVA PEREIRA** - Rua de Costa Cabral, 293. Tel. 480761; **BOA HORA** - Rua da Boa Hora, 80. Tel. 28783; **TERREIRO** - R. da Reboleira, 21. Tel. 23576.

(De dia e toda a noite)

GONDARÉM - Rua de Gondarém, 360 - Foz; **ALVES** - Pr. do Exército Libertador, 62. Tel. 60002; **BARROS** - Rua do Loureiro, 104. Tel. 315075; **CAMEIRA** - Rua do Heroísmo, 90. Tel. 52583.

Colmbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

DONATO - R. Ferreira Borges, 2 e 6. Tel. 22603.

abcCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
SALA A
ABC DO AMOR
Não acons. men. 18 anos
SALA B
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
Não acons. men. 13 anos
COM JEITO VAL... INGLATERRA
Carry On

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions apresenta
GOOBY E DONALD CAMPEÕES OLÍMPICOS
TECHNICOLOR

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Jean-Louis Trintignant, Catherine Deneuve em
DINHEIRO DOS OUTROS
Um filme de Christian de Chalonge
Colorido
Hoje 23.30
Não acons. men. 18 anos
12 INDOMÁVEIS PATIFES

AVIS

547163

Av. Duque d'Ávila, 45

As 21.30 - Para todos - M/6 anos
Regressa a comédia musical de maior êxito no Brasil
A MORENINHA
Com Sônia Braga a vedeta das telenovelas!

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar
ESTREIA às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
O PRISIONEIRO DE ZENDA
Com Peter Sellers, Elke Sommers e Lionel Jeffries
Um filme de Richard Quine
COLORIDO

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

A partir de hoje
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Dennis Dugan, Jim Dale e Ron Moody em:
UM ASTRONAUTA NA CORTE DO REI
ARTUR
Walt Disney Productions Technicolor

CASTIL

530194

Rua Castilho
As 21.30 - N. acons. men. 13 anos
Paul Newman e Robert Redford
A GOLPADA
Premiado com 7 Óscares da Academia
Um filme de George Roy Hill
As 15.15 e 18.30 - Últimas
O HOMEM DA MARATONA

CINE 222

579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
5 Óscares da Academia
19.ª semana de êxito
As 23.45 - Não acons. m. 13 anos
007 CONTRA GOLDFINGER

CINEBOLSO

573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
Um filme para todos aqueles que desejam recordar a 1.ª vez
A FEBRE LOUCA DO SEXO
Pornográfico Hard Core
As 24 - Não acons. men. 18 anos
O CÃO

CINE BLOCO

556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 21.45 - **ESTREIA**
Não acons. menores 13 anos
STUNT ROCK
As 14.15, 16.30 e 18.45
Não acons. men. 13 anos
Últimas exhibições do filme
O DINHEIRO DOS OUTROS
As 24 - Não acons. men. 13 anos
A HONRA PERDIDA DE KATHARINA
BLUM
Um filme de Volker Schlöndorff e Margarethe Von Trotta

CINE CAMÕES

324194

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O VERDADEIRO E O FALSO
Filme indiano «Raja Jani»
Um filme de Hafiz
Com Momhamadali, Shabnam e Husna

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39
Hoje às 21.30
Não acons. men. 18 anos
CICLO DO PANORAMA DO CINEMA SORORIO PORTUGUÊS
O COSTA DO CASTELO
De Artur Duarte - 1943

CITY CINE

579460

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O espectacular filme de R. Brooks
OS PROFISSIONAIS
Com Burt Lancaster, Lee Marvin, C. Cardinale
As 23.45 - Não acons. men. 13 anos
ONDE FICA A GUERRA

DOIS MIL

2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés

As 15.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
ANJO OU DEMÔNIO

D. JOÃO V

971794

Pr. Centro Comercial - Damaia
As 21.30
Não acons. men. 18 anos
MANTU
As 24 - Não acons. men. 13 anos
O HOMEM QUE NOS SEGUE

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30
ASSALTO NO ALTO-MAR
Um filme de Andrew V. McLaglen
Com Roger Moore, James Mason e Anthony Perkins
Int. a men. 13 anos
Colorido

ESTÚDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos
VIDA MODERNA (Play Time)
A obra prima de Jacques Tati
2.ª Semana

ESTÚDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves 83 B
As 15.30 e 18.30
Maiores 6 anos
FESTIVAL BUGS BUNNY
As 21.30 - Não acons. m. 18 anos
O filme que deve ver
HARRY - O DETECTIVE EM ACÇÃO
Com Clint Eastwood
Venha mais cedo e aprecie «Sinhazinha Filó» ou os Jogos Olímpicos no nosso aparelho a cores

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O OURO DE MACKENNA
Em 70 m/m
Com Gregory Peck, Omar Sharif e Telly Savalas
As 24 horas em «Sessão da Meia-Noite»
Não acons. men. 18 anos
NA SELVA DE CHICAGO
Com Pamela Sue Martin e Robert Conrad

IMPÉRIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
Steve McQueen é
TOM HORN - O COWBOY
no filme de William Wiard

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
DE ROSE
Com Bette Midler e Alan Balf
2.ª Semana

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. m. 13 anos
O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU
Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e William Holden
2.ª Semana

MONTECARLO

681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

ESTREIA às 21.45
Int. men. 13 anos
A MESMA HORA PARA O ANO QUE VEM
Um filme de Robert Mulligan
Com Ellen Burstyn e Alan Alda

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O COWBOY ELÉTRICO
Um filme de Sydney Pollack
Com Robert Redford e Jane Fonda
TECHNICOLOR
2.ª Semana

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30, 21.30 e 24
Não acons. men. 13 anos
O CASAL PERFEITO
Um filme de Robert Altman, com Paul Dooley e Marta Heflin
A irreverente e genial comédia de Robert Altman
7.ª semana de exibição

NOVOCINE

840678

Av. General Rôças, 7

As 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A máquina de lutar mais rija, dura e suja que alguma vez se montou
OPERAÇÃO STAB
Com Greg Morris e Krung Sivizai

ODEON

328283/4

R. Condes, 12 e 20

As 21.30 - Não acons. men. 13 anos
Um filme provocante
NEA - A ADOLESCENTE SENSUAL
As 15.15 e 18.15
Despedida de
HÉRCULES - O CONQUISTADOR

PATHE

821933

R. Francisco Metrass, 122

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
CHEGA-LHE... AMIGO
Com Bud Spencer e Jack Palance

POLITEAMA

326305

R. Portas de St. Antão

As 14.10, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Venha aí... **CANTINFLAS** em...
O SENHOR DOUTOR

QUARTETO

R. Flores Lima, 16

SALA 1 - 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Grupo C - 14 anos
AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE
Realiz. Sidney Polak

SALA 2 - 21.30
Int. men. 13 anos
A CANÇÃO DE BRUNO S

SALA 3 - 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons. men. 18 anos
FILME DE QUALIDADE
OS MISTÉRIOS DO ORGANISMO
Realiz. Dusan Makavejev

SALA 4 - 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
Int. menores 13 anos
OS NOVOS MONSTROS
Realiz. M. Monicelli, D. Risi e E. Scola

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém

As 15.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
SOMOS TODOS VEJETAS
Com Leslie Caron, Remi Laurenti e Kitty Kortess
Música de Mort Shuman

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB

As 21.30 - Int. men. 13 anos
ESTREIA do mais intrigante filme do ano!
O REGRESSO DE SHERLOCK HOLMES
Com Alan Arkin, Vanessa Redgrave e Robert Duval
Venha mais cedo e aprecie «Sinhazinha Filó» no nosso aparelho a cores

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

As 15, 18 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
A BIBLIA
Com Peter O'Toole, George C. Scott e Eva Gardner
COLORIDO

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
David Essex - Beau Bridges
É vertigem! É emoção! É inesquecível!
O CIRCUITO DOS CAMPEÕES
Silver Dream Racer

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Atenção ao horário especial para este programa
4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.45
Int. men. 18 anos
A PROCURA DE UM HOMEM
Diane Keaton
Projectação do filme 5 minutos após o início das sessões
11.ª Semana

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Uma comédia divertidíssima...
UM CASAMENTO MUITO ORIGINAL
Com Perry King e Meg Foster

TERMINAL

371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
Dustin Hoffman, Mery Streep
20.ª Semana

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions apresenta
As 14, 16.30 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions apresenta
GOOBY E DONALD CAMPEÕES OLÍMPICOS
Technicolor

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O mais divertido filme de Cantinflas
CANTINFLAS O SR. DOUTOR

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade: **RUA LUZ SORIANO, 44**
1200 LISBOA
Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade - 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1 - 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro - 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegrafico DIBO
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Alameda 30-2º
Telefones 20954/5 4000 PORTO

Joan Baez amanhã em Cascais

Cascais, amanhã à noite, vai viver um momento grande da música ao apresentar-se, pela primeira vez em Portugal, para um concerto público, a rainha da «folk-music» americana, a cantora Joan Baez.

O concerto está marcado para as 21 e 30 no Pavilhão do Dramático, onde anualmente se têm realizado os festivais de jazz. Joan Baez actua sozinha, acompanhando-se ela própria à viola. A primeira parte do espectáculo é preenchida com a apresentação de um conjunto nortenho de música «rock».

Aos 39 anos de idade, Joan Baez continua no topo da escala dos «singers» norte-americanos não obstante as modas que passam e os nomes novos que surgem por todo o lado no correr dos anos e das correntes musicais. Inclusive, continua na crista da onda quando outros mitos, como Bob Dylan, que a acompanhou por festivais e recitais, anos a fio, entram numa penumbra só raro interrompida.

A sua participação está agora a desencadear novas polémicas ao manifestar-se, activamente, contra o novo regime do Camboja e ao atacar o Vietname independente, cuja luta outrora apoiou, em confronto com as autoridades do seu próprio país e em guerra aberta contra a intervenção americana.

Ela própria tem assegurado que só as situações mudaram, não ela, que continuaria a mesma defensora dos direitos humanos e apóstola da não-violência. Mas ainda no ano passado um cantor americano, Country Joe MacDonald, a acusou de «incocsequente e reacçãoária».

«O que ela hoje afirma não deve merecer crédito» - disse o cantor.

Grande parte da receita do recital de Cascais é destinada por Joan Baez ao Comité Internacional dos Direitos do Homem.

Seja como for, actua uma grande cantora entre nós, uma figura indiscutível da música da última década, independentemente de com ela se concordar ou não politicamente.

HUNGRIA AUSTRIA

UMA SEMANA DE VIAGEM VISITANDO:
BUDAPESTE, VIENA SZÉKESFEHÉRVÁR, GYÖR

Partida a 12 Agosto
tudo incluído

MUNDIRAMA

R. DO CRUCIFIXO N.º 33
1100 LISBOA/TELEF. 32 88 56 - 360 302

CONSULTE-NOS

Que vai fazer Pedro Cardoso?

Coronel Nuno Bivar provoca o CR

«Alguns vendilhões de pátrias que a soldo de ideologias que nunca foram as da maioria do nosso povo cometeram erros que a História um dia julgará com frieza, porque mutilaram precipitadamente Portugal». Foi assim que ontem o coronel Nuno Bivar qualificou os reponsáveis da descolonização, durante uma cerimónia pública em que participou na sua qualidade de comandante do Contro de Instrução da Polícia do Exército, em Portalegre. Precisamente no mesmo dia em que um comunicado aprovado por consenso do Conselho da Revolução recordava que os militares que não fizessem parte de órgãos de soberania ou estivessem abrangidos pelas leis eleitorais não podiam pronunciar-se sobre questões políticas.

Todas estas afirmações foram proferidas perante o general Duarte Silva, que actualmente ocupa as funções de vice-chefe do Estado-Maior do Exército e

perante outros altos-comandos das Forças Armadas, como o comandante interino da Região Militar Sul, brigadeiro Estorinho, o director da Arma de Cavalaria, brigadeiro Lopes Cavaleiro e o director do Serviço de Pessoal, brigadeiro Galeano Tavares.

Nuno Bivar, major no 11 de Março, membro da «corte» spinolista, foi então preso por implicação no golpe. Posteriormente teve umas meteóricas promoções e é hoje coronel e comandante de uma unidade onde se formam os soldados da Polícia do Exército, unidade que ontem comemorou o seu dia.

Outras afirmações proferidas pelo mesmo militar, e que constituem natural provocação ao Conselho da Revolução e, mesmo, à hierarquia militar que, através dos chefes dos Estados-Maiores dos três ramos aprovou também o comunicado ontem publicado pelo CR, ligaram-se todas à recordação de

glórias passadas, pensa-se naturalmente, que antes do 25 de Abril. Disse Nuno Bivar: «Todos não somos de mais para firmar Portugal porque a Nação poderosa e respeitada (?) no Mundo, com uma dimensão territorial onde o sol nunca se punha, dos mares que heroicamente desbravamos, dando novos mundos ao Mundo, está hoje triste e pobremente minguada, cortada que foi a esperança de novos brasis».

Observadores estão agora na expectativa da atitude que irá tomar o chefe do Estado-Maior do Exército, que depois de criticar membros do Conselho da Revolução por afirmações que faziam, foi duramente atacado por Franco Charais, por permitir atitudes indisciplinares iguais à agora adoptada por Nuno Bivar, atitudes que são indubitavelmente violadoras do estatuto de neutralidade das Forças Armadas.

MES não participa nas eleições mas militantes seus poderão apoiar FRS

O MES não participará nas eleições legislativas, embora admita que militantes seus, o façam a título individual. Esta posição é revelada por uma nota daquele partido político que também reconhece manterem-se divergências entre os seus militantes que impedem uma actuação comum em matéria eleitoral.

Segundo o MES, depois do fracasso do projecto FUP, procuraram-se acordos de incidência eleitoral que permitissem um «programa político que, sem concessões ao radicalismo e ao esquerdismo, favorecesse uma nova prática política desta área da esquerda».

Esta exigência do MES «não se compadece, ainda segundo a nota que temos vindo a citar, «com opções de auto-afirmação eleitoral venham de Otelu ou da UDP, quer por porem em causa o objectivo central de derrotar a AD, quer por não favor tecerem as necessárias inovações programáticas essenciais ao reforço e à independência da área da esquerda democrática e socialista».

Depois de salientar «as potencialidades positivas de constituição da FRS», o comunicado

afirma que na situ Aesquerda».

Esta exigência do MES «não se compadece, ainda segundo a nota que temos vindo a citar, «com opções de auto-afirmação eleitoral venham de Otelu ou da UDP, quer por porem em causa o objectivo central de derrotar a AD, quer por não favorecerem as necessárias inovações programáticas essenciais ao reforço e à independência da área da esquerda democrática e socialista».

Depois de salientar «as potencialidades positivas de constituição da FRS», o comunicado afirma que na situação criada depois do último Congresso do MES (onde surgiram duas linhas demarcadas e com posições inconciliáveis em certas questões fundamentais), não há possibilidades de aquele partido se pronunciar ou participar nas legislativas sendo por isso os seus militantes livres de tomar as posições que entenderem salvaguardando o reconhecimento da necessidade de «bater a AD». Ao mesmo tempo, revela-se que o MES decidiu adiar, para momento oportuno, a divulgação da posição do partido sobre as eleições presidenciais.

Conflito Governo-Frente Polisário projecta-se no interior do Executivo

Continuação da pág. 1

de mudança da posição portuguesa, até então distanciada e aparentemente neutra.

Numa entrevista à televisão, o ministro dos Negócios Estrangeiros admitiu que Luis Fontoura excedeu os poderes com que fora mandatado.

PSD prepara homenagem a Luis Fontoura

E é neste clima de, pelo menos, guerra surda de Amaral a Fontoura, que reúne a Comissão de Relações Internacionais do PSD para apreciar o caso saindo a terreiro com um comunicado em que elogia a actuação de Luis Fontoura e se congratula com os resultados obtidos. Soubese que Fontoura se recusara a assinar um documento proposto pelo MNE em como o comunicado conjunto fora arrancado sob coacção moral. Dai a irritação de Freitas do Amaral e as críticas que na reunião de ontem lhe foram formuladas.

A reunião da Comissão foi presidida pelo próprio Francisco Pinto Balsemão, o que não tem sido hábito desde que se tornou

ministro-adjunto de Sá Carneiro.

Para vincar o seu apoio a Luis Fontoura e a concordância com o modo e os termos em que conseguiu a libertação dos pescadores do «Rio Vouga», a Comissão de Relações Internacionais do PSD prepara-lhe para a próxima terça-feira um jantar de homenagem em Lisboa.

Não é difícil perceber nesta iniciativa, apadrinhada pelo ministro Pinto Balsemão, uma crítica implícita aos comentários que o ministro Freitas do Amaral tem desenvolvido sobre a actuação de Fontoura.

O próprio Luis Fontoura saiu a terreiro, ainda que em termos cautelosos para defender a sua posição e para relacionar a sua actuação com as orientações recebidas do Governo. Assim, em entrevista ao semanário «O Jornal», sublinha que não ultrapassou os limites que lhe foram dados para a negociação e que se manteve sempre dentro desses poderes.

Fontoura reafirma os termos das suas declarações ao chegar ao aeroporto com os pescadores, declarações essas que o «DL» oportunamente publicou, apenas não adiando mais pormenores com a advertência de que «o Governo um dia os

divulgará, se assim o entender».

Não deixa contudo de convidar os jornalistas a comentarem as discrepâncias entre o que assinou e o que Freitas do Amaral defende não poder ter sido assinado. Sobre o reconhecimento da Frente Polisário, Fontoura considera não ter sido «excessivo» até porque «ali não há mais qualquer outro movimento».

O homem que subscreveu o comunicado conjunto com a Frente Polisário em nome do Governo português, diz ainda que os interlocutores de Portugal nesta questão «são gente séria, com formação de Estado e que não anda por lá a brincar aos guerrilheiros», para concluir que, perante a experiência vivida no deserto, se sente «que está numa sociedade bacteriológicamente pura».

Entre estas apreciações à Frente Polisário e as que um indivíduo da Aliança Democrática fez recentemente num comício da dita vai uma tão grande distância que é impossível não se agudizarem o conflito de interesses dentro do próprio Governo e da AD e que têm como pólos opostos neste caso, o ministro dos Negócios Estrangeiros e a Comissão de Relações Internacionais do PSD.

Ora muito bem!

Existe um locutor da televisão que, quer as coisas corram mal, menos mal ou assim assim, sempre as comenta do mesmo modo, servindo-se monocórdicamente da mesma muleta:

— Ora muito bem!

Existe também um Governo que, quer chova quer faça sol, quer faça frio quer faça calor, aparece em público com uma máscara sorridente, a mostrar os dentes verdadeiros ou postiços, como quem diz:

— Ora muito bem!

Existem igualmente por aí uns tantos (tantos!) órgãos de informação (ou de desinformação?) que quando um ministro espirra, gagueja, mente ou se assoa, logo ex-

clamam, enlevados e monocórdicamente tomados de súbita emoção, como se acabassem de deparar com a imagem de Cristo-Nosso Senhor:

— Ora muito bem!

É por essas e por outras que alguns figurões se admiram que trabalhadores corridos a pontapé, em lugar de acharem bem, praguejam:

— Gaita!

É por isto e mais por aquilo que muita gente, em vez de dizer «Ora muito bem!» utiliza outras expressões em vernáculo, que não soam muito bem aos ouvidos de Suas Excelências que, infelizmente para eles, preferem as lindas palavras às boas acções.

Manuel de Azevedo

Quatro líderes da CGTP nas listas da FRS, APU e UDP

Quatro dirigentes do Secretariado da CGTP-IN vão integrar listas para as próximas eleições legislativas da FRS, APU e UDP. Manuel Lopes e José Luís Judas concorrerão, ambos em Lisboa, e em lugares elegíveis, pela APU; Kalidás Barreto vai integrar as listas da FRS; e admite-se que António Gonçalves venha ser candidato pela UDP.

A possibilidade de dirigentes da CGTP integrarem listas das formações de esquerda concorrentes ao próximo acto eleitoral tinha sido ontem anunciada — como o «D.L.» noticiou — durante uma conferência de Im-

prensa.

A questão não foi, contudo, pacífica. Era posição dominante no seio da CGTP que dirigentes seus não deviam participar nas eleições na qualidade de candidatos a deputados. A posição, porém, de Kalidás Barreto de se apresentar nas listas da FRS, na sua qualidade de cidadão, veio «obrigar» que a CGTP desse a liberdade aos seus dirigentes de, enquanto cidadãos, integrarem as listas que entendessem.

Haverá por certo mais dirigentes da INTER a concorrer pelas várias forças de esquerda em alguns círculos do País.

Reunião da Câmara do Porto

PS e APU contra actuação da Direita

PORTO, 1 — «Do mesmo modo que não pode haver, num Estado democrático de direito, cidadãos de 1.ª e 2.ª, também não pode haver terrenos de 1.ª e de 2.ª quando se tem de olhar ao aspecto social dos empreendimentos que as cooperativas e associações de moradores pretendem levar a cabo», disseram os representantes do PS na reunião de terrenos que as organizações de moradores e de habitantes da cidade têm esperado que lhes sejam atribuídos para concretização dos seus planos habitacionais. A oposição criticou as posições da AD que continua a sustentar que os terrenos centrais não devem ser incluídos no conjunto das atribuições a fazer às organizações de moradores e cooperativas. O PS protestou igualmente contra a paralisação, desde o princípio do ano, das obras do complexo MAD, na Vilarinha. Por outro lado, o PS e a APU, votaram contra o Plano e Orçamento dos SMAS (que foi aprovado com os votos da AD) pelo facto de não se dar ali resposta a diversas carências e situações graves menos claras que são do conhecimento da população da cidade. Entretanto, conforme proposta dos serviços respectivos, a Câmara aprovou cedências de ter-

renos à cooperativa COFA e às associações de moradores da Boavista, Campo 24 de Agosto, Francos, Lapa, Leal, Pego Negro, Prelada e S. Vitor. O PS acrescentaria que votou a favor, apesar de tal votação ser «uma redundância», porque aquelas organizações merecem o seu apoio e porque tais cedências já haviam sido aprovadas durante o mandato da Câmara que terminou o seu mandato em Dezembro último.

O mandato da Câmara que terminou o seu mandato em Dezembro último.

(Hoje 28 páginas)

CATUR VIAGENS TURISMO

VIAJE COM A EQUIPA
ALTAY IZMIR/BENFICA

2 Modalidades
De 18 a 21 de Agosto (4 dias)

GRÉCIA E TURQUIA
Visitando:
Atenas * Istambul * Izmir

De 16 a 23 de Agosto (8 dias)
Lugares limitados
Informações e inscrições:

Agência de Viagens CATUR

em colaboração com a Comissão Central do S.L.B.

Depailler morreu hoje

O piloto francês Patrick Depailler morreu no hospital para onde tinha sido levado depois de um acidente sofrido hoje durante os treinos de «Grande Prémio da RFA» (Fórmula Um).